PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Flavia Di Luccio

As múltiplas faces dos blogs

Um estudo sobre as relações entre escritores, leitores e textos

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Rio de Janeiro, novembro de 2005

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Flavia Di Luccio

As múltiplas faces dos blogs

Um estudo sobre as relações entre escritores, leitores e textos

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Ana Maria Nicolaci-da-Costa
Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Maria Carmelita Padua Dias
Departamento de Letras - PUC-Rio

Maria Lúcia Rocha-Coutinho
Instituto de Psicologia - UFRJ

Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 17 de novembro de 2005

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Flavia Di Luccio

Graduada em Letras (português/inglês) pela Universidade Santa Úrsula, especialista em Língua Inglesa e em Português para Estrangeiros pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Ficha Catalográfica

Di Luccio, Flavia

As múltiplas faces dos blogs: um estudo sobre as relações entre escritores, leitores e textos / Flavia Di Luccio; orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Psicologia, 2005.

113 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia – Teses. 2. Internet. 3. Blogs. 4. Blogueiros. 5. Interação. 6. Escritores. 7. Leitores. 8. Suportes textuais. I. Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Ao Claudio

Agradecimentos

À Ana Maria Nicolaci-da-Costa, por ter aberto suas portas para que eu pudesse entrar nesse mundo novo para mim que é a Psicologia. Obrigada pela atenção, pela delicadeza, pelo carinho e pela confiança. Obrigada, principalmente, por ouvir e por ter me dado a chance de fazer minhas escolhas e percorrer os caminhos desejados.

Aos meus pais Carlos e Vera, que abriram a minha história.

Ao meu marido Claudio, pelo apoio, pela paciência e pelo respeito durante a minha ausência. Obrigada por me incentivar e por me ajudar a manter os pés no chão.

Ao meu irmão Marco, que, com sua experiência, me ofereceu contribuições importantes e me mostrou o seu atraente e gratificante mundo acadêmico.

À Carmelita, por estar presente nos momentos mais importantes da minha vida acadêmica.

À Daniela Romão-Dias, com quem tive o meu primeiro contato na Psicologia. Obrigada pela a atenção, pelas dicas e por sua amizade.

Ao NETS, pela recepção, pelas sugestões, pelas palavras amigas e pelo incentivo sempre. Obrigada Carla, Rosane, Érika, Dani, Reivani, Lúcia, Maria, Ricardo e Andréa.

À Carla, Rosane, Dani e Reivani pelas sugestões para o título.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Aos FORTES. Obrigada Olívia, Raviv, Tatiana, Erika e Sérgio. Vocês foram fundamentais nessa jornada e o mestrado me presenteou com suas amizades.

À minha aluna Fernanda Lorena, por ter me apresentado o mundo dos blogs.

Aos professores da pós-graduação do Departamento de Psicologia, por tudo que me ensinaram.

À Carolina Lampreia pelas ricas discussões.

À Monique Augras pelas sugestões de leitura.

À Terezinha Féres e à Monique Augras pela leitura cuidadosa do projeto desta dissertação.

À Marcelina e Verinha, pela atenção e ajuda.

Aos blogueiros desta pesquisa pelos ricos depoimentos.

Aos meus colegas de turma pelas discussões e trocas no início do mestrado.

A todos meus amigos que me incentivaram antes e ao longo desta jornada.

A VRAc - PUC-Rio e ao CNPQ, pelo apoio financeiro.

A Deus, por ter estado sempre ao meu lado ao longo deste trabalho.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Resumo

Di Luccio, Flavia. **As múltiplas faces dos blogs**: **um estudo sobre as relações entre escritores, leitores e textos**. Rio de Janeiro, 2005. 113p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A escrita e a leitura ocidentais vêm sofrendo transformações relevantes através dos tempos. Algumas destas transformações estão relacionadas aos suportes de escrita e de leitura e aos modos pelos quais a evolução destes afeta as relações entre os escritores, os leitores e os textos. Este estudo tem como foco principal investigar a revolução que o aparecimento da escrita eletrônica e o uso da tela do computador como suporte textual trouxeram à contemporaneidade. Em outras palavras, esta investigação se concentra nas alterações e transformações nas práticas de leitura e de escrita e nas relações entre escritores e leitores a partir da tela do computador. Com o objetivo de investigar tal revolução, primeiramente foi escolhida uma ferramenta textual na Internet conhecida como blog. Posteriormente, foi realizada uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados 10 blogueiros (aqueles que escrevem blogs). Os depoimentos dos participantes revelam que a decisão de criar e manter um blog está ligada à liberdade de expressão, ao prazer em escrever e, sobretudo à possibilidade de interação com os leitores. No entanto, a análise dos depoimentos mostra que, apesar de os blogs disporem de um espaço para interação entre os blogueiros e seus leitores, esta interação ainda não se concretiza plenamente.

Palavras-chave

Internet, blogs, blogueiros, interação, escritores, leitores, suportes textuais

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Abstract

Di Luccio, Flavia. **Blogs' multiple faces: on the relations between writers, readers and texts**. Rio de Janeiro, 2005. 113p. MSc. Dissertation - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Western reading and writing has been going through considerable transformations throughout the times. Some of these transformations are related to the media that support writing and reading and to the ways their evolution affects the relations between writers, readers and texts. The main aim of the present study is to investigate the revolution brought about by the advent of electronic texts and of the use of the computer screen as textual support. In other words, this investigation concentrates on the changes that occurred in electronic reading and writing as well as in the forms of relationship between writers and readers by means of the computer screen. For such purpose, a recent textual tool available on the Internet, called blog, and its writers, called bloggers, were chosen. A qualitative research with 10 bloggers was conducted. An analysis of their discourse reveals that the decision of writing blogs is related to the freedom of expression, to the pleasure of writing and also to the possibility of interaction with their readers. Nevertheless, the same analysis revealed that, in spite of the fact that blogs make available a space for interaction between bloggers and their readers, such interaction is not yet fully materialized in blogs.

Key-words

Internet, blogs, bloggers, interaction, writers, readers, textual objects

Sumário

1. Introdução 13

2. O rolo, o códice e a tela: um estudo sobre a evolução e a transformação de três suportes textuais 17

2.1. A escrita e a leitura a partir de diferentes suportes off-line 18

2.1.1. Do rolo ao códice 19

2.1.2. Transformações nas relações de escritores com seus textos a partir da passagem do rolo ao códice 22

2.1.3. Dos leitores de rolos aos leitores de códices 26

2.1.4. A interação entre escritores e leitores de rolos e de códices 27

2.2. A Revolução Digital: escrita e leitura em um suporte on-line 30

2.2.1. A tela do computador como suporte textual 31

2.2.2. Os escritores e os seus textos on-line 32

2.2.3. Os leitores de telas 36

2.2.4. Escritores e leitores de textos on-line: uma possível interação? 37

3. Blog: o espaço mutante do texto 41

3.1. Conhecendo o mundo dos blogs 41

3.2. Diários virtuais 49

3.3. Jornalismo com liberdade? 54

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

3.3.1. Blogs políticos 58

3.3.2. *Blogzines* 63

3.4. Um novo suporte literário? 66

4. Os primeiros passos no mundo dos blogs 69

4.1. Conversando com um blogueiro peculiar 71

4.2. Ouvindo os blogueiros 75

4.2.1. Objetivos 75

4.2.2. Participantes 75

4.2.3. Coleta de dados 77

4.2.4. Análise dos Dados 78

4.3. Resultados 79

4.3.1. Boas razões para se criar um blog 79

4.3.2. Postar é ter o que dizer 82

4.3.3. Prazer e liberdade de expressão 83

4.3.4. O papel dos comentários 85

4.3.5. A relação dos blogueiros com as críticas e com os elogios dos leitores 86

4.3.6. Onde o silêncio é inexistente 88

4.3.7. Interação nos blogs 89

4.3.8. O real significado de blogar 91

4.3.9. Tenho um blog, não sou blogueiro? 95

5. Várias possibilidades, mas ainda um sonho 98

5.1. Um espaço mutante 98

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

5.2. Sensações ou realidades? 100

5.3. Ouvindo ecos 102

5.4. A multiplicidade de um termo 105

5.5. Um sonho ainda não concretizado 106

6. Referências bibliográficas 108

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

"Segundo Kant, a comunicação escrita, que permite o intercâmbio com os que estão ausentes e cria um espaço autônomo para o debate de idéias, é a única figura aceitável do universal."

Roger Chartier, Pluma de ganso, libro de letras, ojo viajero.

1.
Introdução

"Quer se trate do jornal ou de Proust, o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam. Torna-se texto somente na relação à exterioridade do leitor, por um jogo de implicações e de astúcias entre duas espécies de 'expectativa' combinadas: a que organiza um espaço *legível* (uma literalidade) e a que organiza uma *démarche* necessária para a *efetuação* da obra (uma leitura)." (Certeau, 1994, p. 266)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Desde que o homem passou a dominar o registro escrito, a escrita e a leitura passaram a ocupar um espaço de grande relevância na cultura ocidental. A partir de tal domínio podemos descrever diversas formas de fixar e transmitir os discursos, ou seja, diversas formas de escrever e de ler textos. São inúmeras as 'revoluções da escrita e da leitura' através dos tempos. Estas transformaram a forma do livro ou do objeto escrito, as técnicas de produção e reprodução dos textos, os suportes textuais e as práticas de escrita e de leitura. Além disso, as 'revoluções da escrita e da leitura' alteraram e continuam alterando as relações entre os escritores e seus textos, entre os leitores e os textos lidos e, principalmente, entre os escritores e os leitores. Analisar essas revoluções através dos tempos parece ser o melhor caminho para se chegar a uma compreensão dessas relações.

Meu interesse no estudo das 'revoluções da escrita e da leitura' se concentra, especificamente, nas alterações e transformações que estas revoluções trazem aos mundos dos textos, dos escritores e dos leitores contemporâneos. Acredito que uma "viagem" ao passado do mundo dos textos, dos escritores e dos leitores seja a maneira mais adequada para compreender tais revoluções. Este estudo propõe, assim, esta "viagem", que tem início na Antigüidade grega e romana, com a escrita e a leitura em rolos de papiro e pergaminho e, posteriormente, visita o período entre os séculos II e IV da era cristã, no qual podemos observar o livro em forma de códice manuscrito. A "viagem" prossegue e inclui o final da Idade Média, entre os séculos XIV e XV, e a grande revolução gerada por Gutenberg, neste período, com a invenção da imprensa. A parada final da "jornada" é a contemporaneidade. Nesta,

o surgimento da tela do computador como suporte de escrita e de leitura fez surgir alterações significativas nas práticas de leitura e de escrita e nas relações entre escritores e leitores. É no contexto dessas transformações que este trabalho se insere, principalmente, nas alterações concernentes à interação e comunicação entre escritores e leitores a partir do auxílio de ferramentas textuais encontradas na Internet.

No início de 2003, minha prática pedagógica - sou professora de inglês há 13 anos e de português há 3 anos - me mostrou um novo mundo textual. Percebi, durante meu ofício, que meus alunos estavam discutindo, com muito interesse, uma recente ferramenta textual da Internet, da qual eu não tinha conhecimento algum. Esta ferramenta, sobre a qual meus alunos falavam tanto, era chamada blog. As discussões e os debates dos alunos aguçaram minha curiosidade até que essa ferramenta passou a ser um dos temas de discussões coletivas durante algumas aulas. Meus alunos me apresentaram o blog e logo percebi que se tratava de uma ferramenta predominantemente textual que estava revolucionando as práticas de escrita e de leitura e, fundamentalmente, oferecendo novas possibilidades de os escritores e leitores se relacionarem. Meus alunos me abriram os olhos para essas novas possibilidades, e, desde então, não parei de investigar os blogs.

Ainda em 2003, os blogs foram tema de uma pesquisa lingüística realizada no departamento de Letras da PUC-Rio com o título *Blogs: um novo fenômeno lingüístico e a construção de novas identidades*. Neste estudo procurei investigar um novo tipo de linguagem encontrada no link dos comentários dos blogs e utilizada por um grande número de blogueiros, aqueles que escrevem blogs, durante a interação mantida com os leitores. Procurei investigar também, os impactos que esta nova linguagem estava tendo sobre os blogueiros e suas implicações no mundo real. Esta pesquisa trouxe novos e mais abrangentes questionamentos, que iam além das questões lingüísticas. Durante meu estudo lingüístico, ainda no departamento de Letras, conheci a professora Ana Maria Nicolaci-da-Costa, coordenadora e criadora do Núcleo de Estudos em Tecnologia e Subjetividade (NETS) no departamento de Psicologia da PUC-Rio. Percebi que ela e sua equipe tinham grandes interesses nas novas tecnologias, nas transformações e nos impactos que estas exercem sobre aqueles que com elas fazem contato. Desde então, me tornei membro do NETS e passei a olhar o mundo dos blogs como uma nova tecnologia capaz de trazer alterações relevantes ao mundo do texto e a tudo aquilo que o concerne.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Motivada pelos estudos de Roger Chartier a respeito da Internet como responsável pela mais recente 'revolução da escrita e da leitura' e pela sua teoria de que esta revolução traria possibilidades de uma concreta interação entre leitores e escritores, decidi dar continuidade à minha investigação. Os blogs, como uma ferramenta de escrita e de leitura on-line dentro do grande suporte textual que é a tela do computador, assim como os blogueiros e seus leitores tornaram-se meus interesses principais. Os estudos de Chartier passaram a fazer parte de minhas reflexões e trouxeram vários questionamentos que serão abordados nesta dissertação. Além de questionar como a revolução do texto eletrônico afetou e ainda está afetando os escritores e os leitores de textos on-line, reservo uma atenção especial neste estudo para investigar como é possível um diálogo concreto entre escritores e leitores a partir do surgimento do texto eletrônico, como afirma Chartier. Mais especificamente, abordo a possibilidade deste diálogo nos blogs. Os blogs já pareciam fazer parte do cotidiano dos meus alunos, a partir deste fato, quis investigar os impactos dos blogs fora da minha prática pedagógica.

Tendo estas questões em mente, o segundo capítulo, *O rolo, o códice e a tela: um estudo sobre a evolução e a transformação de três suportes textuais*, busca, na obra de Chartier, subsídios para uma discussão a respeito das transformações e evoluções de três suportes textuais. Este capítulo se concentra na discussão: (a) do rolo de papiro e de pergaminho; (b) do códice, manuscrito e impresso e (c) da tela do computador. Todos são abordados na qualidade de suportes responsáveis pelas três mais importantes 'revoluções da escrita e da leitura' desde a Antigüidade até a contemporaneidade. Neste capítulo, discuto também as alterações nas relações entre os escritores e os textos, entre os leitores e os textos e, primordialmente, entre os escritores e os leitores.

O terceiro capítulo, *Blog: o espaço mutante do texto*, é dedicado à apresentação e à descrição dos blogs. Ainda neste capítulo, discuto como alguns pesquisadores brasileiros vêm descrevendo os blogs. Estas descrições têm se concentrado preferencialmente nos blogs como diários virtuais e como um novo tipo de jornalismo on-line. Além disso, mostro que parece estar surgindo um terceiro tipo de blog que vem se disseminando rapidamente na Rede. Os blogs deste último tipo ainda não foram estudados, mas têm sido caracterizados por alguns blogueiros e pela mídia como blogs literários, ou seja, um espaço textual no qual blogueiros e leitores se encontram.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

O capítulo seguinte, *Os primeiros passos no mundo dos blogs*, se concentra na pesquisa de campo. Inicio este quarto capítulo descrevendo como ocorreu minha entrada no mundo dos blogs e relatando uma entrevista-piloto feita com um blogueiro que me proporcionou uma nova forma de olhar os blogs e os blogueiros. Posteriormente, apresento a pesquisa de campo realizada com 9 blogueiros. Descrevo os objetivos da pesquisa qualitativa, o perfil dos blogueiros participantes, bem como cada etapa de execução.

Concluindo, no quinto capítulo deste trabalho, *Várias possibilidades, mas ainda um sonho*, é feita uma breve discussão dos resultados obtidos na pesquisa de campo. Nesta discussão, retomo alguns aspectos teóricos dos primeiros capítulos e analiso alguns questionamentos que surgiram no decorrer deste estudo a respeito dos blogs, dos blogueiros e de seus leitores.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

2.
O rolo, o códice e a tela: um estudo sobre a evolução e a transformação de três suportes textuais

"Os antigos não professavam nosso culto ao livro; viam no livro um sucedâneo da palavra oral. Aquela frase que se cita sempre - *Scripta Manet verba volant* - não significa que a palavra oral seja efêmera, mas que a palavra escrita é algo duradouro e morto. Em troca, a palavra oral tem algo de alado, de leve; alado e sagrado, como disse Platão" (Jorge Luis Borges, 'El libro', in: *Borges Oral*, 1978)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Roger Chartier, historiador francês, professor e diretor do Centro de Pesquisas Históricas em Ciências Sociais da École des Hautes Études em Paris, tem se dedicado aos estudos da escrita e da leitura e de seus suportes através dos tempos. Como ele próprio afirma, sua tarefa é a de questionar e refletir a respeito das operações que ocorrem no encontro entre o mundo do texto, o mundo do leitor e o mundo do escritor. Para ele, as obras, os discursos, somente existem quando se tornam realidades físicas, ou seja, quando são inscritas sobre as páginas de um livro. Assim sendo, enfatiza que uma grande atenção deve ser dispensada aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a escrita e a leitura, ou seja, aos suportes de escrita e de leitura. Investigar tais dispositivos, contudo, não parece uma tarefa simples, principalmente se considerarmos que Roger Chartier percorre quatro importantes períodos da história da escrita e da leitura Ocidentais: a Antigüidade grega e romana; o período entre os séculos II e IV da era cristã; o final da Idade Média, mais especificamente os séculos XIV e XV; e a contemporaneidade.

Nestes períodos, suas investigações e reflexões se concentram nos escritores e nos leitores e na relação destes com os textos, a partir de diferentes suportes textuais. Embora seu trabalho seja contemporâneo, Chartier quase sempre mantém seu olhar voltado para trás. De acordo com ele mesmo, manter o olhar voltado para trás ajuda a compreender os significados e os efeitos das rupturas resultantes dos usos de novas modalidades de composição, de difusão e de apropriação do texto escrito. Entre as lamentações nostálgicas e os entusiasmos ingênuos suscitados

pelas novas tecnologias relacionadas ao mundo do texto - como a invenção do alfabeto, da imprensa e da escrita digital - a perspectiva histórica utilizada em seus estudos pode traçar um novo caminho. A partir deste novo caminho, podemos travar contato com importantes transformações das práticas de leitura e de escrita e com novas modalidades de publicação. Podemos refletir a respeito das relações entre escritores e textos, leitores e textos e escritores e leitores, e também sobre como estas relações se transformaram através dos tempos na medida em que os suportes textuais foram se alterando.

No presente capítulo, tomarei como base os estudos e as reflexões de Roger Chartier, focando especialmente em quatro de suas obras: *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII* (1998), *A aventura do livro: do leitor ao navegador* (1999), *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit* (2001) e *Os desafios da escrita* (2002). Farei uma breve descrição dos diferentes suportes da escrita através dos tempos tendo como ponto de partida o rolo de papiro[1] da Antigüidade grega e romana. Posteriormente, considerando diferentes suportes textuais, discutirei as relações dos escritores e dos leitores com os textos. Seguindo a perspectiva que se inicia na Antigüidade grega e romana e vai até os dias atuais, investigarei também as relações entre escritores e leitores e as transformações destas a partir das alterações dos suportes de escrita e de leitura.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

2.1.
A escrita e a leitura a partir de diferentes suportes off-line

Chartier propõe uma questão como um dos pontos iniciais de sua investigação: como compreender as mudanças da cultura escrita em uma perspectiva de longa duração? A partir desta pergunta, ele dá início a um debate e a uma discussão interessantes sobre a cultura escrita.

---

[1] Papiro é uma grande erva da família das ciperáceas (*Cyperus papyrus*), própria das margens alagadiças do rio Nilo, na África, cujas compridas folhas forneciam hastes das quais se obtinha o papiro, material sobre o qual se escrevia. (Ferreira, 1986)

Inicialmente, Chartier (2001) sugere uma longa e intrigante jornada ao passado, que se inicia, mais especificamente, na Antigüidade grega e romana. Tal jornada passa pelo período entre os séculos II e IV da era cristã, pelo final da Idade Média, entre os séculos XIV e XV, até chegar ao Iluminismo no século XVIII. Sendo assim, será este o caminho percorrido nas próximas seções desta investigação e o foco do percurso será dado ao mundo do texto, ao mundo dos leitores e ao mundo dos escritores das épocas sugeridas por Chartier.

2.1.1.
Do rolo ao códice

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Uma questão essencial ao se refletir sobre escrita e leitura é considerar que os textos não existem fora de seus suportes materiais, sejam eles quais forem. Os suportes funcionam como veículos dos textos. Chartier (2002) nos lembra que as formas que permitem a escrita e a leitura de um determinado texto participam profundamente da construção de significados do dado texto. Portanto, um mesmo texto, fixado em letras em um determinado suporte textual, não é o mesmo caso mudem os dispositivos que servem de base à sua escrita e à sua comunicação, ou seja, seus suportes. Partindo da premissa de que o suporte é fundamental e determinante para a escrita e para a leitura, tomarei o rolo e o códice como os dois suportes iniciais desta investigação.

A leitura e a escrita de textos na Antigüidade grega e romana em nada se assemelha à leitura de livros tal qual a conhecemos na contemporaneidade. O livro antigo era um rolo (ou *volúmen* em latim), uma longa faixa de papiro ou pergaminho[2] que o leitor segurava com as duas mãos durante a leitura. Os textos, manuscritos, eram dispostos horizontalmente no rolo e distribuídos em colunas. O leitor desenrolava o texto com a mão direita e enrolava as partes lidas com a mão esquerda. Tal suporte acarretava diversas limitações para os atos de escrever e de ler. É difícil imaginar um escritor de rolo produzindo seus textos e segurando o rolo de papiro ao mesmo tempo. Na Antigüidade grega e romana ler e escrever eram

[2] Pergaminho era a pele de cabra, de ovelha ou de outro animal, macerada em cal, raspada e polida, para servir de material de escrita, e também de encadernação. (Ferreira, 1986)

duas atividades independentes, distantes, que não eram praticadas concomitantemente.

Entre os séculos II e IV da era cristã, uma nova e revolucionária forma de livro manuscrito impôs-se em detrimento do livro em forma de rolo, que era familiar aos leitores gregos e romanos da Antigüidade. Surgia então, um novo suporte de escrita e de leitura chamado códice. Chartier (1999) define o códice como folhas de papiro dispostas em cadernos que se assemelhavam ao livro moderno. As folhas eram dobradas um certo número de vezes, o que determinava o formato do livro. Os cadernos formados a partir das folhas dobradas eram montados, costurados uns aos outros e finalmente encadernados. Tais cadernos substituíram progressiva e inelutavelmente os rolos que até então carregavam a cultura escrita. O códice, como nova materialidade da escrita, transformou profundamente as formas de lidar com o texto. Gestos impensáveis na era do rolo tornaram-se hábitos. Seguem-se alguns exemplos: escrever enquanto se lê, folhear uma obra, comparar duas ou mais obras abertas, localizar trechos a partir da paginação e da indexação. Em outras palavras, a partir do códice, surgia uma nova e atraente forma de lidar com a palavra escrita. O códice permitiu uma localização mais fácil e uma manipulação mais agradável do texto.

Além dos novos gestos e das novas formas de escritores e leitores lidarem com os textos, o surgimento do códice permitiu que houvesse uma redução nos custos da fabricação do livro. Isso porque o códice possibilitou a utilização dos dois lados da página, a redução das margens e a reunião de um grande número de textos em volumes menores. Chartier (1998) nos lembra que inicialmente, no entanto, não existiu a preocupação em agrupar um grande número de textos em um códice somente. Nos primeiros séculos de sua existência, os códices mantinham um tamanho modesto e comportavam menos de 150 folhas, ou seja, 300 páginas. O que, na contemporaneidade, pode parecer um número significativo de páginas, entre os séculos II e IV não passava de um número moderado de páginas, insuficiente para comportar o conteúdo de vários rolos. Somente a partir do século V o número de páginas aumentou e os códices passaram a absorver o conteúdo de vários rolos.

Apesar da passagem do rolo da cultura antiga ao códice ter sido uma evolução significativa, é importante lembrar que tal transição não ocorreu sem perdas. Alguns textos desapareceram durante a transição do rolo ao códice. No

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

período desta transição, alguns textos contidos em rolos foram transcritos para os códices. No entanto, infelizmente, o processo de transcrição de textos acarretou perdas de trechos ou de livros importantíssimos da Antigüidade. Chartier (1999) nos lembra, que na Antigüidade grega e romana, a palavra livro'[3] se referia à divisão do texto no rolo e observa que nas obras de muitos historiadores da Antigüidade faltam alguns livros ou trechos importantes. Apesar das eventuais perdas textuais presentes no período de transição do rolo ao códice a evolução e revolução dos suportes textuais continuaram constantes.

Embora o formato do códice tenha se mantido praticamente o mesmo desde o seu aparecimento entre os séculos II e IV, as formas de confeccioná-lo, a colagem das páginas, o tamanho destas e a escrita contida nos cadernos sofreram grandes alterações. Chartier (2002) menciona que um fato importante ocorreu no final da Idade Média, nos séculos XIV e XV: o aparecimento do 'livro unitário'. Tal livro se constituía pela presença, dentro de um mesmo livro manuscrito, de obras compostas em língua vulgar por um único autor, como: Petrarca, Boccaccio ou Christine de Pisan. Antes do aparecimento do 'livro unitário', a lista de escritores da época era composta apenas pelas autoridades canônicas antigas e cristãs e as obras escritas em latim, o que dificultava muito o acesso às obras literárias pelos leitores que somente dominassem a língua vulgar naquele tempo.

O século XV marcou também uma grande evolução, que, seguindo o caminho do 'livro unitário', iria democratizar o acesso às obras literárias. Tal democratização foi marcada pela revolução que Gutenberg gerou com a invenção da imprensa. Até então, só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão, mas, de repente, uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, alterou consideravelmente a relação dos escritores e dos leitores com a cultura escrita. Com a passagem do texto manuscrito para o impresso, o custo do livro diminuiu e o tempo de reprodução do texto foi reduzido graças ao trabalho da oficina tipográfica. Chartier (2001) afirma que, com a invenção da imprensa, Gutenberg abriu na história do Ocidente a possibilidade de multiplicação inédita de textos. Antes disso, a reprodução de textos era vagarosa na medida em que era feita manualmente. A multiplicação de textos

[3] Na obra *A cidade de Deus* escrita por Santo Agostinho entre os anos 413 e 426, o termo códice nomeava o livro enquanto objeto físico e a palavra latina *líber* (livro) era empregada para marcar as divisões da obra. Desta forma, 'livro' correspondia à quantidade de textos que um rolo podia conter. A obra *A cidade de Deus*, por exemplo, era composta de 22 livros. (Chartier, 1998)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

aliada à redução dos custos de produção possibilitou a penetração da cultura escrita em setores sociais tradicionalmente fora do mundo escrito.

Embora admita a importância de Gutenberg e de todas as transformações decorrentes da invenção da imprensa, Chartier (1999) afirma que a invenção da imprensa não foi uma revolução tão radical quanto se diz. Para ele, um livro manuscrito e um livro pós-Gutenberg se baseiam nas mesmas estruturas fundamentais, que são as do códice. Tanto um livro pós-Gutenberg quanto um códice são compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão dos cadernos. Além disso, de acordo com Chartier (1999), a distribuição do texto na superfície da página, os elementos que permitem as identificações - tais como a paginação, as numerações, os índices, os sumários - existem desde a época do manuscrito. Desta forma, de seu ponto de vista, há uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso; segundo ele, a revolução da imprensa não gerou a aparição do livro.

A realidade pós-Gutenberg, certamente, foi a realidade da proliferação das leituras e das escritas no Ocidente, a partir de uma tecnologia que, de acordo com Chartier (2002), continua sendo até os dias de hoje uma das técnicas mais utilizadas para a reprodução da escrita e para a produção de livros. A partir da passagem do rolo ao códice, muitas transformações ocorreram, porém estas não ocorreram somente nos suportes textuais. Podemos perceber, também, alterações relevantes nas relações entre escritores e seus textos assim como nas relações entre os leitores e os textos lidos. Nas próximas seções, farei uma breve descrição dessas alterações.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

2.1.2.
Transformações nas relações de escritores com seus textos a partir da passagem do rolo ao códice

Um rolo de papiro ou de pergaminho da Antigüidade grega e romana era o resultado do trabalho de dois profissionais da escrita: o escritor e o escriba. Tais profissionais trabalhavam concomitantemente e eram responsáveis por atividades distintas durante a confecção de uma obra literária.

Ser escritor de rolos não estava vinculado ao ato da escrita propriamente dito, mas às idéias e ao conteúdo de uma obra. Ao escritor de rolos cabia pensar, refletir, comparar, estudar e criar obras. Já o escriba era responsável pelo ato de escrever, ou seja, era o profissional que copiava manuscritos ou que escrevia textos ditados, geralmente pelos escritores. Os textos ditados eram manuscritos em rolos de papiro ou de pergaminho, dispostos horizontalmente nos rolos e distribuídos em colunas. Para grande parte dos escritores da Antigüidade, a voz era um elemento essencial durante o ato de escrever. Ditar reflexões, notas ou idéias a um escriba representava a liberdade e a mobilidade procuradas pelos escritores de rolos. Sendo assim, surge um questionamento inicial a respeito dos escritores e dos escribas: por que o escriba era um profissional tão importante na confecção das obras literárias da Antigüidade?

Imaginar os escritores de rolos da Antigüidade grega e romana significa imaginar autores limitados, restritos, com pouca mobilidade e dependentes durante o ato de escrever. O rolo era um suporte textual pouco prático, que fazia com que os escritores mobilizassem suas duas mãos para segurá-lo. Como mencionado anteriormente, era necessário desenrolar o texto com a mão direita e enrolar as partes lidas com a mão esquerda. Desta forma, consultar e comparar várias obras ao mesmo tempo, durante o processo de escrita, se tornava uma tarefa árdua para os escritores de rolo. Para estes, parecia praticamente impossível ler durante a escrita ou fazer anotações durante a leitura. Sendo assim, a escrita e a leitura eram dois atos distantes e praticados separadamente. Diante das limitações e restrições, o escritor da Antigüidade contava com o escriba durante a confecção de suas obras. Chartier (1998) nos fala a respeito das limitações do escritor de rolos e de sua relação com o escriba:

> "... um autor não pode escrever ao mesmo tempo em que lê. Ou bem ele lê, e suas mãos são mobilizadas para segurar o rolo, e neste caso, ele só pode ditar a um escriba suas reflexões, notas, ou aquilo que lhe inspira a leitura. Ou bem ele escreve durante sua leitura, mas então ele necessariamente fechou o rolo e não lê mais. Imaginar Platão, Aristóteles ou Tito Lívio como autores supõe imaginá-los como leitores de rolos que impõem suas próprias limitações." (Chartier, 1999, p.24)

Com o surgimento do códice, a partir do século II da era cristã, os escritores se depararam com uma nova maneira de lidar com seus textos. A partir do seu

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

formato em cadernos, o códice possibilitou grandes transformações no ato de escrever.

Inicialmente, o códice permitiu que os escritores abrissem mão dos escribas e passassem a ter mais autonomia e liberdade para escrever suas obras. Além disso, os escritores podiam ler e escrever simultaneamente ou consultar e comparar obras abertas diante de si. Tais possibilidades se devem ao fato de o códice ser um suporte que pode ser posto sobre a mesa ou escrivaninha, ou ser segurado em uma só mão enquanto com a outra se escreve ou se fazem anotações. Desta forma, os escritores de códices eram aqueles que refletiam, pensavam, comparavam e criavam obras, e exerciam o ato de escrita propriamente dito. Uma vez estabelecido o predomínio do códice, os escritores passaram a lidar com novas possibilidades de construção e de organização de suas obras. O códice parecia ter proporcionado aos escritores a possibilidade de um trabalho autônomo, livre e sem interferências de outros profissionais da escrita.

Entretanto, Chartier (1998) ressalta que, apesar da liberdade e da mobilidade adquiridas com o códice, os escritores não confeccionavam suas obras de forma autônoma. Assim como os escritores de rolos produziam suas obras juntamente com os escribas, os escritores de códices também contavam com profissionais da escrita para produzir suas obras. Como resultado, a partir do surgimento do códice e principalmente da criação da imprensa, escrever significou lidar com alguns profissionais da escrita como: os tipógrafos, os impressores, os livreiros, os corretores e os editores. Desta forma, um novo suporte textual fez surgir novos profissionais da escrita e diferentes funções.

A partir da criação da imprensa, no século XV, o escritor produzia seus textos individualmente e posteriormente os enviava aos profissionais da escrita. Os tipógrafos e os impressores, também chamados de operários compositores, eram os primeiros a receber os textos. Os tipógrafos eram responsáveis pelas escolhas gráficas e ortográficas dos textos. É importante lembrar que nem todos os tipógrafos tinham a mesma forma de ortografar as palavras ou de marcar a pontuação. Cabia assim, aos impressores decidir a composição tipográfica das páginas, de acordo com suas preferências. Além dos tipógrafos e dos impressores, havia um terceiro grupo de profissionais da escrita: os corretores. Tais profissionais - escrivães, graduados, professores e letrados - eram contratados por livrarias e impressores que buscavam garantir a maior correção possível às obras impressas. Eles eram

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

responsáveis por acrescentar letras maiúsculas, acentos e pontuações aos textos que seriam impressos. Além disso, os corretores preparavam o manuscrito que servia de original para a composição impressa, corrigiam as provas e faziam a correção e revisão durante a tiragem. Chartier (2002) ressalta que a ortografia, a acentuação e a pontuação de uma obra não eram frutos do desejo dos escritores, mas dos hábitos e escolhas dos tipógrafos, dos impressores e dos corretores. Após as etapas com os tipógrafos, impressores e corretores, o material impresso, o livro, era encaminhado ao livreiro. Tal profissional era responsável pela comercialização do material.

Chartier (2002) nos mostra que, além dos tipógrafos, dos impressores e dos corretores, um outro profissional da escrita passou a assumir um papel essencial na vida dos escritores: o editor. Este, sem necessariamente controlar a própria forma dos textos, desempenhava um papel muito importante na mediação cultural e inventava fórmulas capazes de associar repertório textual e capacidade produtiva. Chartier (1999) nos lembra que a figura do editor se fixou nos anos de 1830. Tratava-se de uma profissão intelectual e comercial que visava buscar textos, encontrar autores e controlar todo o processo que ia da correção e impressão da obra até a sua distribuição. Deste modo, a confecção de uma obra literária não dependia essencialmente do escritor, mas girava também em torno do editor, um empreendedor do texto, cuja atividade se fazia em igualdade com a dos escritores. De acordo com Chartier (2002 p. 75): “Os editores desempenharam um papel nessa tarefa, transformando, graças à imprensa, em objetos duráveis, multiplicados, difundidos, o que os outros suportes do escrito não podiam salvar do efêmero.”

Certamente a passagem do rolo ao códice transformou a história da escrita, a rotina dos escritores e a forma destes lidarem com os seus textos. A partir destas transformações, surge a seguinte questão: terá a passagem do rolo ao códice afetado também os leitores e a relação destes com os textos? A próxima seção será dedicada ao estudo da passagem do rolo ao códice tendo como foco a perspectiva e o relacionamento dos leitores com os textos lidos em rolos e em códices.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

2.1.3.
Dos leitores de rolos aos leitores de códices

Com a passagem do rolo ao códice, não somente as relações dos escritores com suas produções textuais sofreram alterações, como também as relações entre os leitores e os textos lidos. De acordo com Chartier (2002), a leitura do rolo da Antigüidade grega e romana era uma leitura contínua, seqüencial, que mobilizava o corpo inteiro, já que o leitor utilizava as duas mãos para segurar o rolo. Como mencionado anteriormente, o rolo, como suporte textual, não permitia que o leitor fizesse anotações durante a leitura, folheasse ou comparasse obras literárias. Tratava-se de um leitor sem liberdade para transportar o rolo ou lidar com o texto. Chartier (1998) acrescenta que a leitura na Antigüidade era predominantemente em voz alta. O leitor lia para os outros e para si mesmo para entender o sentido do que lia e para comunicar o texto aos que não sabiam decifrá-lo. Tal prática não deve ser atribuída à ausência de domínio da leitura silenciosa, mas a uma convenção cultural. Na Antigüidade grega e romana a leitura associava texto, voz, declamação, escuta e compreensão.

O surgimento do códice favoreceu um tipo de leitura diferente e com maiores possibilidades para o leitor. A leitura em voz alta continuou predominante até o século XVI. A partir deste, a leitura silenciosa tornou-se uma prática comum entre leitores letrados. Estes perceberam que a leitura silenciosa lhes permitia ler uma quantidade maior de textos, mais rapidamente. Chartier (2001) enfatiza que a disseminação da prática de leitura silenciosa não estava ligada ao surgimento do códice ou da imprensa. Sendo assim, a leitura em voz alta se manteve mesmo após o surgimento do códice e da invenção de Gutenberg. De acordo com Chartier (1998), a leitura em voz alta permanecia como uma prática freqüente, pois, era uma das formas fundamentais de sociabilidade familiar, erudita, mundana ou pública. Ler e ouvir eram praticamente sinônimos.

Independente de uma leitura silenciosa ou em voz alta, Chartier (2002) nos mostra que o códice possibilitou uma leitura fragmentada, mas que sempre percebia a totalidade da obra, identificada por sua própria materialidade, ou seja, pelo suporte. A partir do códice, o texto mudou de posição e passou a correr verticalmente. O leitor tornou-se então mais livre e participativo durante a leitura, a partir da possibilidade de colocar o códice diante de si sobre uma mesa ou então de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

segurá-lo. Desta forma, o leitor de códice podia fazer anotações, segurar e transportar o livro mais facilmente. O leitor pós-códice se caracterizava pela liberdade e pela mobilidade durante o ato de leitura.

Tal mobilidade e liberdade do leitor pós-códice se acentuaram consideravelmente após a invenção de Gutenberg, no século XV, que marcou o início da multiplicação dos textos e das obras literárias no Ocidente. Os séculos que se seguiram à invenção de Gutenberg marcaram a história da liberdade na leitura, quando os leitores se permitiam comportamentos mais variados e mais livres. Os comportamentos e gestos que acompanham o ato de ler mudam ao longo do tempo. De acordo com Chartier (1999), novas atitudes são inventadas e outras se extinguem de acordo com os suportes textuais. Do rolo ao códice, várias rupturas marcaram a história das maneiras de ler. Entretanto, é importante lembrarmos sempre que os novos suportes não trazem somente novas atitudes e gestos durante o ato de leitura, trazem também, novas formas de compreender uma obra literária. Um novo suporte implica uma nova forma de interpretar um texto, a partir de uma nova forma de leitura. Como afirma Chartier (1998, p.11): "... um texto só existe se houver um leitor para lhe dar significado."

As relações escritores/textos e leitores/textos sofreram alterações com a passagem do rolo ao códice, porém, tal mudança de suporte e estudo de ambas relações nos traz novos questionamentos: como se dava o relacionamento entre leitores e escritores pré e pós-códice? A passagem do rolo ao códice também transformou tal relação? A seguir, farei uma breve discussão das relações entre escritores e leitores, e uma investigação de como a interação entre escritores e leitores se dava a partir dos suportes rolo e códice.

2.1.4.
A interação entre escritores e leitores de rolos e de códices

De acordo com Chartier (1999), a interação entre escritores e leitores de rolos e de códices era quase inexistente. O historiador enfatiza que o rolo e o códice, como suportes textuais, tornavam os leitores mais restritos em relação aos usos, intervenções e manuseios do texto. Tanto no livro em rolo, como no livro em códice, o leitor podia interagir com o texto. Tal interação era parcial, limitada e quase

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

clandestina, ou seja, normalmente ocorria nos espaços deixados em branco no texto: margens, folhas em branco ou contracapa. Como enfatiza Chartier (1998):

> "... o leitor não pode insinuar sua escrita a não ser nos espaços virgens do livro... Se o leitor pretende, todavia, inscrever sua clandestinidade no objeto, ele só pode fazê-lo ocupando sub-repticiamente, clandestinamente, os espaços do livro deixados de lado pelo escrito: contracapa do encadernamento, folhas deixadas em branco, margens do texto, etc." (Chartier, 1998, p. 103)

O leitor tinha a possibilidade de deixar nas margens dos textos suas opiniões, questionamentos ou até sugestões, que seriam lidos em seguida por um outro leitor, que também poderia deixar nas margens suas anotações e criar assim, um grande diálogo que poderia ou não chegar ao conhecimento do escritor do texto. Para Chartier (1999), existe uma clara divisão, que se marca tanto no rolo antigo como no códice medieval ou moderno, entre a autoridade do texto, oferecido pela cópia manuscrita ou pela composição tipográfica, e as intervenções do leitor, necessariamente indicadas nas margens, como um lugar periférico e de importância inferior em relação ao texto do livro e sua autoridade. Tratava-se, portanto, de uma interação periférica e marginal que não deveria alterar ou ameaçar o conteúdo do texto original.

Por outro lado, a relação entre escritores e leitores de códices era dificultada por todo o percurso que o texto fazia do escritor até o leitor. O texto passava por corretores, tipógrafos, impressores e editores, ou seja, por uma série de triagens e hierarquias que dificultavam e distanciavam a interação entre escritores e leitores medievais.

Contudo, os homens do século XVIII, viam a circulação do escrito, possível com a revolução de Gutenberg, como a própria condição do progresso. O século XVIII também era conhecido como o século das Luzes ou Iluminismo e se caracterizou pela centralidade da ciência e da racionalidade crítica no questionamento filosófico. Chartier (1999) nos mostra que, para os homens do século XVIII, todos estavam em igualdade para julgar as instituições e opiniões e submeter à discussão suas próprias idéias, a partir da circulação do escrito. No século XVIII, se pensava que Gutenberg tinha oferecido aos homens a possibilidade de comunicação universal, ou seja, uma utopia de poder construir um espaço de intercâmbio crítico de idéias, opiniões, saberes e informações.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

O sonho de Kant, surgido no século das Luzes, era o de que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo e que, ao mesmo tempo, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros. A circulação dos escritos permitiria que escritores e autores estivessem em constante sintonia, comunicação e interação. Tratava-se da concretização da comunicação universal a partir da circulação, produção e recepção do escrito. Uma universalização que se apoiava na privacidade de cada um, mas se caracterizava pela rede de intercâmbio de idéias, juízos e críticas. Chartier (2001) nos diz que, de acordo com Kant, o processo do Iluminismo estaria completo quando a entidade abstrata e filosófica de uma opinião pública fosse adequada ou igual à realidade social do universo. E, finalmente, quando cada pessoa, com as capacidades de leitura e de escrita, pudesse atuar em uma dimensão crítica na sociedade.

A utopia da comunicação e da interação universais, no entanto, se deparou com algumas limitações. Uma delas foi a pluralidade das línguas no mundo da comunicação impressa. De acordo com Chartier (1999), nenhum leitor poderia jamais dominar a totalidade das línguas necessárias para ter acesso à universalidade do patrimônio escrito. Existiram projetos de línguas universais, mas todos foram abandonados após fracassarem. Persistia assim, um limite para a realização do universal e para uma real relação interativa entre escritores e leitores.

O que existia na realidade do rolo e do códice eram os escritores e suas produções literárias, em alguns momentos mediados por editores, e leitores não participativos e não interativos. A comunicação universal, de acordo com Chartier, não se concretizou nos suportes off-line. O sonho de Kant não foi possível de se realizar a partir do rolo e do códice como suportes textuais. Chartier nos leva, portanto, a investigar e a refletir a respeito de um terceiro suporte textual, o suporte contemporâneo que é a tela do computador. Seria este suporte capaz de tornar o sonho de Kant realidade e transformar as relações entre escritores e leitores em relações realmente interativas? As próximas seções deste trabalho terão como foco a escrita, a leitura, os leitores e os escritores a partir da tela do computador como suporte textual.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

2.2.
A Revolução Digital: escrita e leitura em um suporte on-line

Chartier (1999) nos mostra que existe uma tentação inicial de se comparar a revolução eletrônica do século XX, com a revolução de Gutenberg no século XV. A revolução eletrônica, também chamada por Chartier de revolução digital, permitiu o surgimento da tela do computador como suporte textual e, com ela, a escrita e a leitura on-line. É, assim, a mais recente revolução dos suportes textuais. Desta forma, Chartier (1998) nos propõe uma questão inicial: como situar, na história do livro, da leitura e de suas relações com o escrito, a revolução que faz a passagem do livro, como conhecemos, para o texto eletrônico e para a leitura na tela?

Sem desconsiderar a importância dada à revolução de Gutenberg e ao surgimento da imprensa, Chartier (1998) afirma que a revolução do texto eletrônico é mais importante:

> "A revolução do nosso presente é mais importante do que a de Gutenberg. Ela não somente modifica a técnica de reprodução do texto, mas também as estruturas e as próprias formas do suporte que o comunica aos seus leitores." (Chartier,1998, p.97)

Chartier (2002) chama o surgimento da textualidade eletrônica de 'terceira revolução do livro'. Ele considera a passagem do rolo ao códice, entre os séculos II e IV, como a primeira revolução do livro, a revolução de Gutenberg, no século XV, como a segunda revolução do livro e o surgimento da Internet e da escrita e da leitura eletrônicas, no século XX, como a terceira revolução do livro. Esta, representou e ainda representa grandes transformações em relação ao suporte textual e às formas de escritores e leitores lidarem com os textos a partir da tela do computador. Tais transformações podem ser duvidosas para alguns e aplaudidas por outros, mas o fato é que marcam a contemporaneidade e trazem novas crenças e teorias que dizem respeito à produção textual, escritores e leitores, assim como novos questionamentos. São estas novas teorias e questionamentos que serão discutidos a seguir.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

2.2.1.
A tela do computador como suporte textual

Chartier (2002) considera a revolução eletrônica como uma revolução original da escrita e da leitura. Para ele, a originalidade da revolução do texto eletrônico apóia-se no fato de obrigar os escritores e os leitores contemporâneos a abandonarem todas ou grande parte das heranças deixadas pelo rolo e pelo códice. A entrada no mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura, ou seja, propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos e impõe-lhes uma nova forma de inscrição. O mundo eletrônico não mais utiliza a imprensa, ignora o 'livro unitário' e está alheio à materialidade do códice. A textualidade eletrônica transforma a modalidade técnica da produção do escrito, a percepção das entidades textuais e as estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita. Surge, assim, uma sensação de inquietação nos escritores e nos leitores contemporâneos, que devem transformar seus hábitos para entender uma profunda mutação no mundo dos livros e da cultura escrita.

A contemporaneidade nos permite que em um único aparelho, a tela do computador, surjam diversos tipos de textos que eram, anteriormente, distribuídos entre suportes diferentes como: o rolo de papiro, o códice manuscrito, o códice impresso, o livro, o jornal ou a revista. A partir da tela do computador como suporte textual, qualquer texto pode ser lido ou escrito em um mesmo e único suporte. Chartier (2002) não quer dizer com isso que a tela do computador irá substituir ou já está substituindo o códice impresso, tal como o conhecemos em suas diferentes formas: livro, revista ou jornal. Para o historiador, o mais provável para as próximas décadas é a coexistência entre as duas formas do livro: impresso e eletrônico. Com sua hipótese da coexistência do impresso e do eletrônico, Chartier (2002) procura evitar os possíveis debates e lamentações a respeito do desaparecimento do livro impresso, surgidos a partir da textualidade eletrônica. Esta coexistência nos leva a refletir e a considerar uma nova forma de construção dos discursos a partir da modalidade de escrita e de leitura utilizada no suporte on-line.

A textualidade eletrônica transforma a ordem dos discursos, e principalmente a noção de contexto, que não mais pode ser diferenciada pela sua materialidade. Escritores e leitores devem enfrentar, com a textualidade on-line, o desaparecimento dos critérios imediatos, visíveis e materiais, que lhes permitiam

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

distinguir, classificar e hierarquizar os discursos como: paginações, indexações, citações, notas de pé de página, capítulos ou anexos. Se, como Chartier (2002) diz, as formas têm um efeito sobre os sentidos, a tela do computador introduz uma nova forma de interpretar e de dar sentido aos textos, assim como faz surgir novas formas de leitura e de escrita. Portanto, a tela do computador como suporte textual nos oferece a possibilidade de organizar de forma diferente e mais flexível o que o livro em forma de códice distribui de forma linear e seqüencial.

A revolução textual eletrônica trouxe consigo o hipertexto e a hiperleitura. Por hipertexto entende-se um texto não linear e não seqüencial, repleto de links[4], que permita uma hiperleitura, ou seja, uma leitura também não linear e não seqüencial e que irá depender das escolhas do leitor. Chartier (2002) afirma que o hipertexto e a hiperleitura transformam as relações possíveis entre as imagens, os sons e os textos, conectados de maneira não linear, de forma ilimitada. Sendo assim, a técnica digital torna os textos móveis, maleáveis e abertos.

São inúmeras as transformações advindas do suporte de escrita e de leitura on-line. Portanto, a seguir, discutirei os impactos que a tela do computador, como suporte textual, teve e ainda está tendo nos escritores e nos leitores contemporâneos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

2.2.2.
Os escritores e os seus textos on-line

Os escritores pós-revolução digital viveram e ainda vivem grandes transformações. Transformações e evoluções que têm feito com que o ato de escrever textos on-line se torne cada vez mais um ato democrático e possível a todos que tenham acesso à Internet. Na atualidade, ser um escritor que publica textos on-line não parece uma atividade tão distante, repleta de dificuldades ou restrita a um pequeno grupo como na era do rolo de papiro e do códice. A tela do computador, como suporte textual contemporâneo, parece trazer uma liberdade,

---

[4] Na Internet, um link é qualquer elemento de uma página na *web* que possa ser clicado com o *mouse*, fazendo com que o navegador passe a exibir uma nova tela, figura, documento, etc. Permitindo assim, que o leitor se desloque de uma tela para outra e leia ou escreva documentos de forma não seqüencial. (Nicolaci-da-Costa, 1998)

uma maleabilidade e possibilidades aos escritores nunca imaginadas e vividas em nenhum momento da história da escrita.

Chartier (2001) nos fala que ainda existem poucos estudos sobre os escritores e a escrita on-line dos séculos XX e XXI. Desta forma, ainda faltam informações e mais detalhes a respeito. Por outro lado, já é possível perceber um discurso negativo e temeroso de alguns editores que se amedrontam frente ao mundo da edição eletrônica. Tais editores ainda temem o desaparecimento do livro impresso em decorrência das publicações eletrônicas. Para Chartier, tal desaparecimento é inviável, pois, a cultura da escrita e da leitura contemporâneas é a cultura que possibilita a coexistência do manuscrito, do impresso e do eletrônico. A tela do computador não significa o fim do livro impresso ou da cultura manuscrita. Ela implica uma redistribuição dos papéis dos escritores e dos leitores contemporâneos e uma complementação entre os diversos suportes de escrita e de leitura existentes. Além disso, a tela impõe uma nova relação, física, intelectual e estética, com o mundo dos textos. Apesar dos poucos estudos a respeito dos escritores e da escrita eletrônica, Chartier (2002) faz algumas considerações a respeito.

Como já mencionado, Chartier (2002) afirma que a técnica de escrita digital, surgida no século XX, torna os textos móveis, maleáveis, abertos e flexíveis. A tela do computador como suporte de escrita redefine o papel do escritor e a relação deste com o texto. Se, por um lado, o escritor contemporâneo ganha uma certa imobilidade diante da tela do computador, já que necessita ficar diante desta em uma determinada posição para realizar o seu trabalho, por outro, o escritor de textos on-line se depara com uma enorme mobilidade. Diante do suporte textual on-line, o escritor pode comparar inúmeras obras literárias, fazer anotações sobre diversas obras, copiar textos para consultas posteriores, escrever vários textos ao mesmo tempo, corrigir, alterar, apagar, incluir, mudar ordens de trechos, enfim, o escritor contemporâneo é agraciado com uma gama de possibilidades a partir de um único suporte textual. Tais possibilidades jamais foram imaginadas nas eras do rolo de papiro, do códice manuscrito ou do códice impresso e podem ser consideradas como as principais conquistas dos escritores de textos on-line.

Publicar textos on-line significa muitas vezes publicar textos autênticos, na íntegra e sem restrições ou censuras. A revolução textual eletrônica e o aparecimento do hipertexto permitiram que qualquer pessoa com acesso à Internet pudesse publicar textos livremente e sem mediações. Desta forma, o escritor

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

contemporâneo é livre para publicar textos sem mediadores e sem necessariamente passar pelo crivo de corretores, tipógrafos ou editores, ou seja, sem que seus originais sejam avaliados e alterados. Diferentemente da Antigüidade e da era pós-códice, o escritor, a partir do hipertexto, pode desenvolver sua argumentação segundo uma lógica que não é mais necessariamente linear e dedutiva, mas sim, aberta e expandida e que trará aos leitores novas formas de leitura e de interpretação. Trata-se, portanto, de uma escrita não linear, hipertextual e repleta de links, permitindo um deslocamento de um texto a outro e uma escrita sem uma ordem fixa.

Textos móveis, maleáveis e sem mediadores, é esta a realidade e a possibilidade que a revolução do texto eletrônico nos traz. Para Chartier (2001), tal realidade é a realização do sonho de Petrarca, que, no final da Idade Média, revolucionou e quebrou regras dispensando mediadores e assumindo ele mesmo o papel de escritor e de copista de sua obra literária. Como nos diz Chartier (2001, p.153): "Petrarca é talvez a figura fundadora porque ele foi seu próprio copista; produziu a cópia autorizada de seus textos, de modo que este 'arquétipo' textual, sem corrupção, é produto de sua própria mão." Parece que a textualidade eletrônica realiza o sonho de Petrarca , ou seja, possibilita que os escritores produzam sem corrupções e sem intermediários. No entanto, seria o sonho de Petrarca, almejado por grande parte dos escritores, realmente possível com a escrita eletrônica? A grande e importante diferença entre o sonho de Petrarca e a realidade da escrita on-line é que Petrarca imaginava que quando seu texto chegasse ao leitor, este não poderia de nenhuma maneira transformar o texto recebido. Sabemos, no entanto, que o leitor de textos on-line, na maioria das vezes, pode transformar um texto de um autor e até se apropriar do texto, divulgando este como de sua autoria ou da de qualquer outra pessoa.

Chartier (2002) menciona que uma das grandes mutações ligadas ao mundo eletrônico refere-se ao que ele chama de ordem das propriedades, tanto em um sentido jurídico, o que fundamenta a propriedade literária e o *copyright*[5], quanto em um sentido textual, o que define as características e propriedades de um texto. As ordens das propriedades são de certa forma ameaçadas com o texto eletrônico. Por este ser maleável e flexível, o leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não

[5] *Copyright* é o direito exclusivo do autor, compositor ou editor de imprimir, reproduzir ou vender obras literárias, artísticas ou científicas; direito autoral de uma obra. (http: //houaiss. uol.com.br)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica, ou seja, nas margens, como faziam os leitores de rolos e de códices. Desta forma, existe a possibilidade de um desaparecimento do real autor, já que os textos são constantemente modificados por uma escrita coletiva, múltipla e polifônica. O desaparecimento da apropriação individual dos discursos é uma realidade e uma dificuldade enfrentada pelos escritores on-line da contemporaneidade.

Somos levados, portanto, a refletir a respeito dos dispositivos que permitirão delimitar, designar e identificar textos estáveis, dotados de uma identidade perpetuada e perceptível no mundo móvel da textualidade digital. Devemos nos questionar se textos estáveis são realmente possíveis de serem encontrados on-line. Para Chartier (2002), será possível publicar textos on-line por meio de duas maneiras: uma que continuará a oferecer textos abertos, maleáveis, flexíveis e gratuitos, e outra que resultará de um trabalho editorial que necessariamente fixará, fechará e protegerá os textos publicados para o mercado. Atualmente já existem programas específicos no computador que permitem que o autor fixe e feche os seus textos e os preserve de possíveis invasões, como por exemplo, o programa Adobe PDF[6] (*Portable Document Format*), criado pela empresa americana Adobe Systems. Este é um programa disponível publicamente e utilizado para distribuição e troca segura e confiável de documentos eletrônicos. Contudo, a Internet é muito dinâmica, rápida e está sempre em mutação. Não sabemos até quando tais programas serão seguros e realmente capazes de proteger as produções dos autores de possíveis apropriações indesejáveis.

O fato é que as questões da autoria e da apropriação textual ainda continuam em debate na atualidade. São questões polêmicas em um suporte textual muito recente e que certamente ainda serão temas de muitas discussões futuras. Certamente, a tela como suporte de escrita e de leitura tem sido responsável por grandes alterações nas relações que os escritores mantêm com seus textos. Por ser um suporte recente e ainda em estudo, não é minha intenção encontrar respostas para as questões levantadas nesta seção, mas sim, incitar um debate a respeito de um tema tão instigante que é a tela do computador como suporte de escrita e de leitura. Tal suporte transformou e ainda transforma as maneiras de os autores lidarem com os seus textos, porém, tais transformações nos levam a nos questionar

[6] Para maiores detalhes checar: http://www.brasil.adobe.com

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

a respeito das relações dos leitores com os textos lidos na tela do computador. Como a revolução do texto eletrônico afetou e ainda está afetando os leitores de textos on-line? A seção seguinte desta investigação se dedicará ao debate de tal questão.

2.2.3.
Os leitores de telas

A inscrição do texto na tela do computador cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de forma alguma a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antigüidade grega e romana ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo, do livro manuscrito ou impresso. O fluxo seqüencial do texto na tela do computador, a continuidade deste, o fato de que suas fronteiras (capas, páginas, capítulos, índices, etc) não são mais tão radicalmente visíveis, agregado ao fato de que o leitor da tela tem a possibilidade de embaralhar, entrecruzar e decidir a ordem da leitura fazem com que a revolução digital seja uma das mais importantes revoluções nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.

O leitor contemporâneo que usa a tela do computador como suporte é livre. Livre, pois o novo suporte textual permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais concretos do que qualquer uma das formas antigas do livro. As intervenções dos leitores de telas não se restringem mais aos espaços deixados em branco ao redor do texto, ou seja, às margens. A tela como suporte textual, convida o leitor contemporâneo a intervir no coração do texto e a participar ativamente da produção textual. Sendo assim, leitores e autores se confundem e se fundem em um suporte material, que faz com que os leitores pós-revolução eletrônica se tornem participativos, desempenhando assim, um papel relevante na produção textual. O leitor de telas tem a possibilidade de submeter o texto recebido às suas próprias decisões. Desta forma o leitor pode reescrever, incluir ou excluir partes do texto original.

De acordo com Chartier (2002), diante de diversos tipos de textos que na atualidade são lidos em um único suporte, os leitores de telas se deparam com uma inquietação e confusão ao enfrentarem o desaparecimento de critérios materiais e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

visíveis que lhes permitiam distinguir, classificar e hierarquizar os discursos. A tela do computador dispensa os usos de capítulos, paginações, citações, indexações e anexos usados nos livros off-line. Com isso, é desenvolvida uma leitura descontínua e não linear, que busca a totalidade textual a partir de palavras-chave, links ou fragmentos textuais, Chartier (2002, p.31) acredita que:

> "É preciso considerar que a tela não é uma página, mas sim, um espaço de três dimensões, que possui profundidade e que nele os textos brotam sucessivamente do fundo da tela para alcançar a superfície iluminada." (Chartier, 2002, p.31)

Sendo assim, a leitura do texto eletrônico é composta de uma textualidade móvel e infinita, que permite ao leitor ajustes textuais singulares e efêmeros. A textualidade eletrônica nos remete ao mundo das navegações, tendo a tela como suporte, navegamos de um texto a outro a partir de links. Uma navegação infinita, que faz com que Chartier (2002) nos leve à obra de Jorge Luis Borges (1984) com os seguintes questionamentos:

> "Será o texto eletrônico um novo livro de areia cujo número de páginas era infinito, que não se podia ler...? Ou propõe ele já uma nova e promissora definição de livro capaz de favorecer e enriquecer o diálogo que cada texto estabelece com o seu leitor?" (Chartier, 2002, p.31)

Chartier (2002) nos diz que ninguém ainda sabe as possíveis respostas para tais questionamentos, mas que, a cada dia, como leitores de telas, nos deparamos com novas atitudes em relação aos textos e aos seus escritores. Tal fato faz com que Chartier acredite que a tela, como suporte textual, possibilitou e ampliou um real diálogo entre escritores e leitores. Seria tal diálogo realmente possível a partir da tela do computador como suporte de escrita e de leitura? A concretização do diálogo e da interação entre escritores e leitores de textos on-line será discutida a seguir.

2.2.4.
Escritores e leitores de textos on-line: uma possível interação?

No século XVIII, século das Luzes, o filósofo Immanuel Kant tinha um sonho relacionado à circulação do escrito e à condição do progresso. Como descrito

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

anteriormente, Kant sonhava que cada um fosse ao mesmo tempo autor e leitor, ou seja, qualquer pessoa deveria ter o direito de emitir julgamentos e de refletir sobre as opiniões emitidas pelos outros. A partir da revolução de Gutenberg e com a multiplicação de textos decorrente desta, acreditou-se na utopia de uma comunicação e de um intercâmbio universais de idéias através da escrita. O sonho de Kant, porém, não passou de uma utopia, e uma das razões para que esta não se tornasse realidade na era do rolo e do códice foi a pluralidade de línguas e o fracasso na tentativa de criação de uma língua universal. Desta forma, Chartier (1999) nos lança uma questão e reflete a respeito da possibilidade de o sonho de Kant se tornar realidade na contemporaneidade a partir da tela do computador como suporte textual. Será a revolução digital a encarnação do projeto das Luzes possibilitando um livre debate entre escritores e leitores, um debate possível graças à tela como suporte textual e à Internet? Chartier (2002) afirma:

> "A correspondência eletrônica entre o autor e seus leitores, transformados em co-autores de um livro nunca acabado, mas sim continuado por meio de seus comentários e suas intervenções, confere uma nova formulação a uma relação desejada por certos autores antigos..." (Chartier, 2002, p.112)

Chartier nos lembra, no entanto, que a promessa de uma relação mais fácil e mais imediata entre a obra e sua leitura é sedutora, mas não nos deve levar a esquecer que os leitores, que na atualidade são co-autores potenciais de livros e textos eletrônicos, são ainda minoritários. Para ele, a realidade das práticas de escrita e de leitura ainda permanece maciçamente ligada aos objetos impressos. As possibilidades oferecidas pela revolução do texto eletrônico ainda são pouco exploradas. No entanto, a tela, como suporte textual, já vem permitindo uma relação de interação entre escritores e leitores fazendo deste suporte um espaço público do qual todos que têm acesso à Internet podem participar. Para Chartier (2001) a revolução digital pode ser considerada uma nova forma de Iluminismo, onde, pela primeira vez, um meio técnico pode tornar imaginável um intercâmbio universal de idéias e discursos. Na atualidade, cada um pode entrar em uma rede informática universal e tornar realidade o sonho de Kant, cada um pode expressar suas idéias e suas críticas, e, como leitor, receber e exercer o julgamento sobre as opiniões dos outros. Além disso, os escritores têm a chance de serem seus próprios editores e distribuidores. Tal fato é possível, pois a Internet permite que qualquer pessoa torne seus textos públicos por intermédio de *websites*, páginas pessoais ou e-mails, por

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

exemplo. Como afirma Chartier (2001, p. 72): “A rede eletrônica proporciona o suporte técnico para este espaço público em que Kant pensou...”

Como mencionado anteriormente, o fracasso das línguas universais foi um dos empecilhos para a realização do sonho de Kant. No entanto, como é possível explicar o sonho de Kant se tornando realidade a partir da textualidade eletrônica se na contemporaneidade ainda existe uma diversidade de línguas? Como se dá a interação imediata entre escritores e leitores na Internet se a variedade lingüística ainda persiste?

Chartier (2002) afirma que a comunicação eletrônica possibilitou a utilização de uma língua universal, a partir de uma língua já existente, que sofreu alterações para melhor se adequar ao novo suporte textual e ao novo tipo de comunicação. Chartier (2002) nos diz que o inglês é a língua universalmente aceita dentro e fora da mídia eletrônica, tanto para as publicações científicas quanto para os intercâmbios informais. O inglês e suas alterações é a principal língua universal utilizada na Internet, porém, é importante ressaltar que qualquer língua utilizada freqüentemente na Internet sofre alterações e ajustes de acordo com os interesses de escritores e de leitores. Tais alterações e ajustes lingüísticos estão ligados às ferramentas utilizadas pelos escritores e pelos leitores dentro da Rede, como: e-mails, *websites*, *chats*[7] ou salas de bate papo, blogs[8], ICQ[9] ou MSN[10]; assim como ao grau de formalidade necessário em uma interação e à faixa etária dos interagentes.

Chartier (2002) nos mostra que o mundo da comunicação eletrônica é o mundo da superabundância textual e da possibilidade de interação. Parece que a escrita e a leitura se fundem na realidade textual eletrônica, assim como escritores e leitores. Freitas (2000:182) afirma: “Ler é ao mesmo tempo escrever e a escrita se torna leitura. Toda leitura é uma escrita em potencial.”. Lévy (1999) complementa

---

[7] *Chat* ou bate-papo é um tipo de comunicação on-line e em tempo real entre dois ou mais usuários. Para outras definições ver Nicolaci-da-Costa (1998).

[8] O termo blog ou *weblog* foi criado por Jorn Barger, editor do site *Robot Wisdom*, em 1997. Jorn Barger explica em seu site que um *weblog* é uma página da *web* onde um *weblogger* (também chamado de blogueiro) *‘logs’* (registra por escrito uma viagem ou evento) outras páginas da *web* que considera interessante.

[9] ICQ, que em inglês significa *I seek you*, é um programa de conversação on-line e em tempo real.

[10] MSN é um programa de conversação on-line e em tempo real. MSN representa a abreviação do nome do programa que na língua original, o inglês, é chamado de *Messenger*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

nos dizendo que existe uma escrita-leitura coletiva no ciberespaço[11]. A escrita-leitura coletiva de Lévy (1999) será chamada nesta pesquisa de escrita-leitura-interação, pois é na escrita e na leitura on-line que se concretiza a interação entre escritores e leitores. Escrever-ler-interagir é um ato constante no ciberespaço na contemporaneidade. Como mencionado anteriormente, tal ato pode ocorrer em e-mails, *websites*, blogs ou *chats* da Rede. Desta forma, a próxima seção desta investigação será dedicada à escrita-leitura-interação e à realização do sonho de Kant, mais especificamente, nos blogs brasileiros da Internet.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

[11] "O ciberespaço (que também chamarei de 'rede') é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo..." (Lévy, 1999, p.17)

3.
Blog: o espaço mutante do texto

"Por qué nos inquieta que Don Quijote sea lector del Quijote y Hamlet espectador del Hamlet? Creo haber dado con la causa: tales inversiones sugieren que si los caracteres de una ficción pueden ser lectores o espectadores, nosotros, sus lectores y espectadores, podemos ser ficticios" (Jorge Luis Borges, Magias parciales Del Quijote. In: *Otras inquisiciones*, 1952)

Como discutido no segundo capítulo desta investigação, a revolução digital e o aparecimento da textualidade eletrônica possibilitaram uma real interação entre escritores e leitores de textos on-line. A tela do computador e o hipertexto fizeram surgir a escrita-leitura-interação e trouxeram a possibilidade de concretização do sonho de comunicação universal de Kant. Tal escrita-leitura-interação pode ocorrer a partir da utilização de algumas ferramentas da Internet, como por exemplo, os blogs. Sendo assim, surgem os primeiros questionamentos a respeito dessa ferramenta. O que são os blogs? É possível a comunicação universal se concretizar a partir dos blogs? Como?

Tendo como ponto de partida esses questionamentos, este capítulo se concentrará na descrição e na investigação dos blogs. Além da sua funcionalidade como ferramenta, será discutido o papel que os blogs vêm desempenhando na vida dos escritores e dos leitores na contemporaneidade.

3.1.
Conhecendo o mundo dos blogs

O blog é um dos mais recentes espaços textuais na Rede, repleto de novos leitores e escritores, e sobre ele ainda existem poucos estudos. Esse espaço permite que qualquer pessoa com acesso à Internet publique, leia e comente textos dos mais variados tipos. Nos blogs, escritores e leitores podem dialogar

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

constantemente, possibilitando que a escrita-leitura-interação ocorra. Como discutido no capítulo anterior, o blog é uma das ferramentas na Internet que parece possibilitar a realização do sonho de Kant. Podemos, portanto, afirmar que o blog é um espaço de sociabilidade e de interação constante através da escrita? A interação entre leitores e escritores é possível nos blogs? Como? É possível compreender o papel desse espaço textual? Estes são alguns dos muitos questionamentos que surgem ao refletirmos sobre os blogs. A partir desses questionamentos, pretendo iniciar uma discussão sobre essa ferramenta contemporânea, freqüentemente utilizada em todo o mundo e principalmente no Brasil.

Lemos (2002) nos leva ao início do mundo dos blogs na Rede. Ele nos diz que o termo *weblog*, posteriormente reduzido para blog, foi criado por Jorn Barger, editor do *site Robot Wisdom* (www.robotwisdom.com), em 1997. Jorn Barger explica em seu *site* pessoal que um *weblog*, às vezes chamado de blog, página de notícias ou filtro, é uma página da *web* onde um *weblogger*, também chamado de *blogger*, blogueiro ou pré-surfista, *logs* (registra por escrito uma viagem ou evento, como em um diário de bordo) outras páginas da *web* e textos que considera interessantes. De acordo com Barger, o blogueiro adiciona a publicação mais recente, também chamada de *post*, no topo da página. Abaixo ou acima do *post*, podemos encontrar a data e a hora da publicação. Além disso, também é comum encontrar abaixo de cada texto publicado o nome ou o apelido do blogueiro. Desta forma, os leitores podem acompanhar o blog lendo as publicações de forma cronologicamente inversa, ou seja, sempre da publicação mais recente para a mais antiga. Como podemos observar na página inicial do blog *Elis – memórias de uma moça bem comportada* (www.elismmonteiro.blogger.com.br):

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Figura 1. Reprodução da tela inicial do blog *Elis – memórias de uma moça bem comportada*, disponível em: www.elismmonteiro.blogger.com.br - Acesso em 09 de agosto de 2005.

Os blogs, que se popularizaram no Brasil entre os anos 2000 e 2001, também são conhecidos como diários virtuais. Tal termo foi usado, pois os blogs se caracterizaram, inicialmente, como um espaço para a expressão de questões pessoais, ou seja, um espaço para a escrita de si. A popularização dessas páginas, muito propícias para a expressão de questões pessoais na Rede, foi muito rápida. Além disso, outros fatores contribuíram com a rápida popularização dos blogs como: as facilidades na confecção e na manutenção, dispensando custos e conhecimentos de programação, assim como as possibilidades que os blogueiros (aqueles que escrevem blogs) têm de publicar textos e imagens, sem restrições.

Prange (2002) nos diz, em sua dissertação de mestrado que tem como título: *Da literatura aos blogs: um passeio pelo território da escrita de si*, que as principais razões para a grande popularidade e disseminação dos blogs foram as facilidades oferecidas pela ferramenta. Além disso, existia uma demanda entre os freqüentadores da Rede de um espaço de expressão que fosse desvinculado de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

instituições. Sendo assim, as pessoas poderiam criar suas páginas na Internet sem necessitar de um conhecimento técnico ou de saber linguagens de programação. A pesquisadora afirma:

> "As facilidades de confecção e hospedagem possibilitadas pelos blogs... serviram de estímulo para pessoas de várias faixas de idade iniciarem a escrita de seus *sites* pessoais." (Prange, 2002, p.63)

A praticidade na confecção é certamente um dos aspectos mais positivos dos blogs, pois dispensa o auxílio de pessoas especializadas ou o conhecimento de linguagens de programação. Desta forma, a popularidade e o número de blogs vêm aumentando vertiginosamente na atualidade. De acordo com a matéria: *Blog é coisa séria*, publicada na revista *Veja* de 1º de junho de 2005, existem mais de 30 milhões de blogs no mundo. A reportagem afirma ainda que até o fim de 2005 teremos provavelmente 53 milhões de blogs no mundo. Sobre os blogs no Brasil, a mesma matéria diz que durante o mês de abril de 2005, 60% dos internautas brasileiros visitaram blogs. Em 02 de agosto de 2005 a *BBC News* on-line (http://news.bbc.co.uk/1/hi/technology/4737671.stm) publicou uma reportagem dizendo que o número de blogs dobra no mundo a cada cinco meses. A reportagem explica o fenômeno do crescimento dos blogs dizendo que estes são páginas gratuitas, fáceis de serem confeccionadas e usadas. Além disso, eles permitem a publicação quase que instantânea de idéias e pensamentos, além de conversas interativas.

As conversas interativas, mencionadas pela matéria da *BBC News* on-line, ocorrem em uma janela específica para tal. Abaixo de cada publicação, podem ser encontrados a data e o horário em que o texto foi publicado e, além disso, um link chamado *comments* ou comentários. Este link, ao ser clicado abre uma janela na qual os leitores podem fazer comentários, críticas ou sugestões a respeito dos textos lidos. Nesta mesma janela, os escritores também podem responder os comentários dos leitores e interagir com eles. Os comentários vão sendo acumulados em ordem cronologicamente inversa e podem ser lidos não somente pelo escritor do blog, mas também por qualquer usuário que clicar no link e abrir a janela dos comentários. O link dos comentários é um dos grandes responsáveis pela interação entre escritores e leitores de blogs. A seguir podemos observar a tela de comentários do blog *Epinion* (www.epinion.com.br):

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

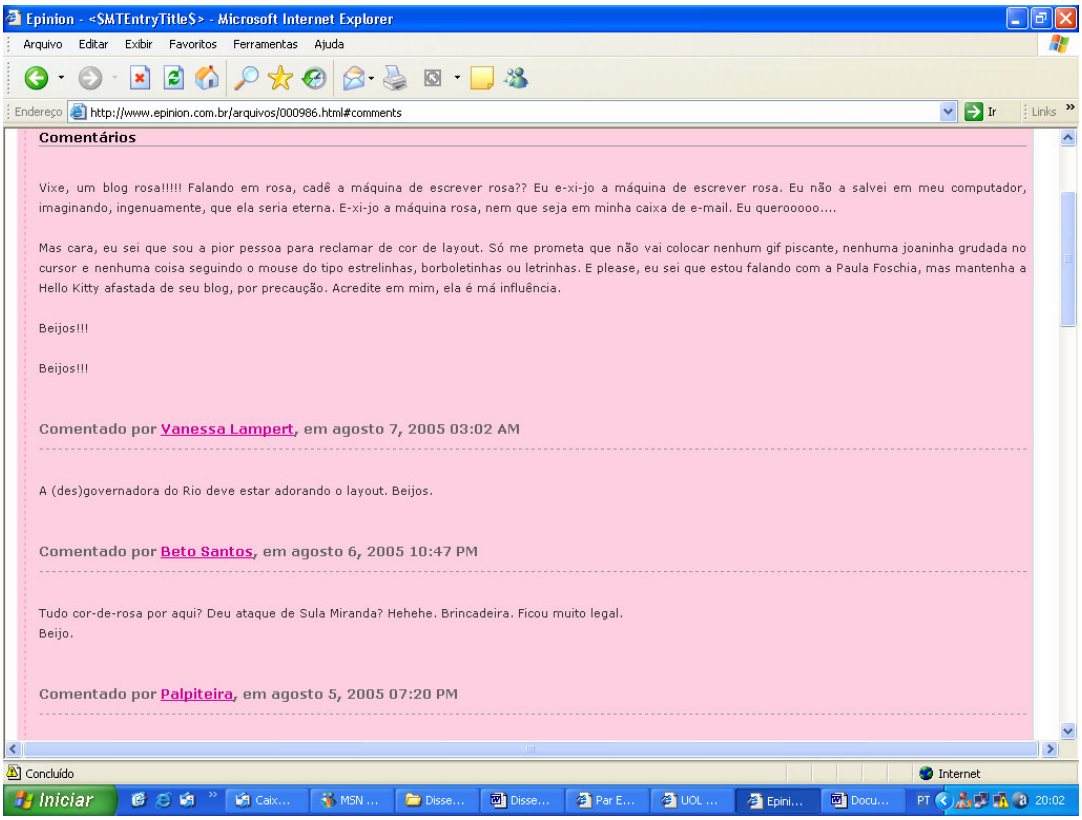

Figura 2. Reprodução da tela de comentários do blog *Epinion*, disponível em: www.epinion.com.br - Acesso em 09 de agosto de 2005.

Entrar ou fazer parte desse espaço textual chamado blog parece simples. Com apenas um clique podemos nos tornar leitores e/ou escritores de um blog. Para utilizar essa ferramenta e fazer parte da comunidade dos blogs, digitamos um endereço, como o do blog B*razileira!preta* (www.brazileirapreta.blogspot.com) e em poucos segundos a página principal do blog se abrirá, como pode ser observado a seguir:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

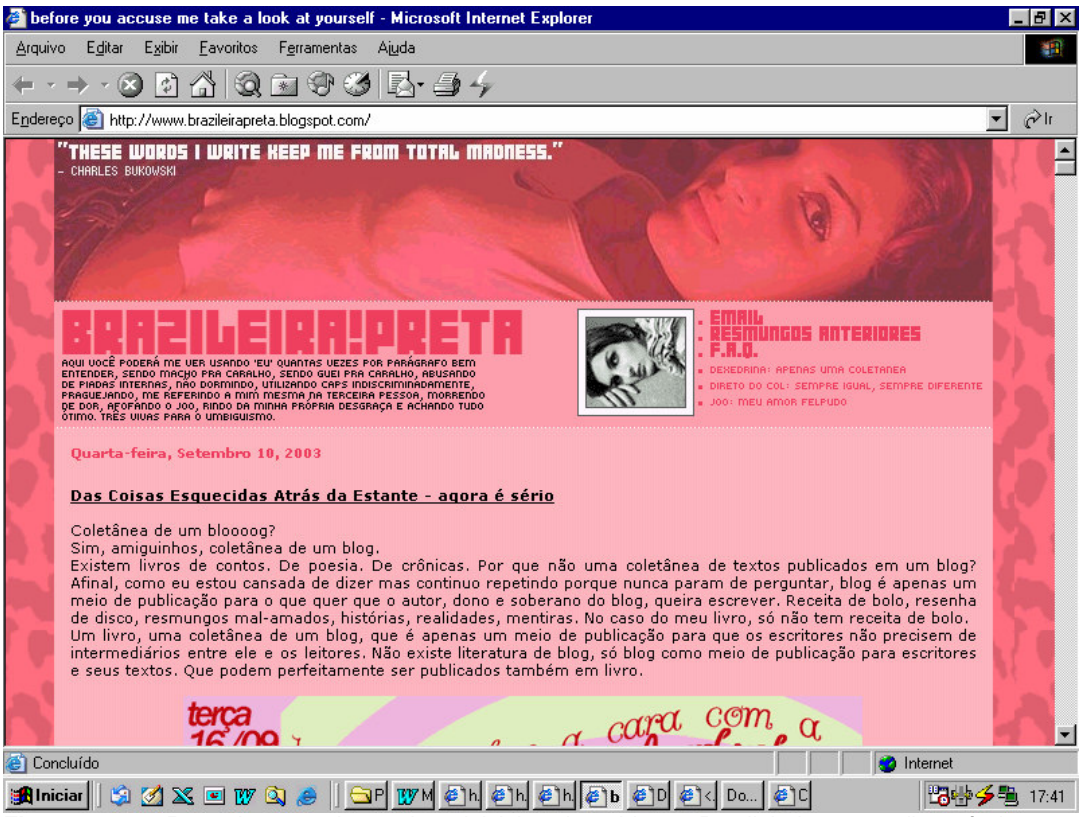

Figura 3. Reprodução da tela inicial do blog Brazileira!preta, disponível em: www.brazileirapreta.blogspot.com - Acesso em 12 de outubro de 2003.

Ao nos depararmos com a página principal de um blog, podemos encontrar algumas características comuns a quase todos eles. A grande maioria dos blogs é composta de textos, imagens e códigos; códigos estes que podem ser lingüísticos ou não-lingüísticos, como pequenos desenhos ou símbolos. Em destaque, na página inicial, vemos o nome do blog ou o endereço deste. Encontramos muitas vezes também uma frase, pequeno trecho ou citação definindo o blog ou descrevendo seu autor. Como imagem principal, ou seja, aquela imagem que representa e apresenta o blog, podemos ver fotos dos autores, desenhos animados, fotos de artistas famosos, cenas de filmes, enfim, algo que represente o autor, caracterize de certa forma sua personalidade ou defina o assunto principal do blog. No *Blog do Moreira* (www.blogdomoreira.blogger.com.br), não mais existente desde o final de 2003, o autor fazia sua apresentação com uma frase que parecia definir seu objetivo: “Tentativa de transformar minha vida em um acontecimento que atraia leitores.” A partir desta afirmação podemos concluir que o autor pretendia fazer de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

seu blog um espaço onde a escrita de si era predominante, ou seja, um diário virtual. Como podemos ver na tela abaixo:

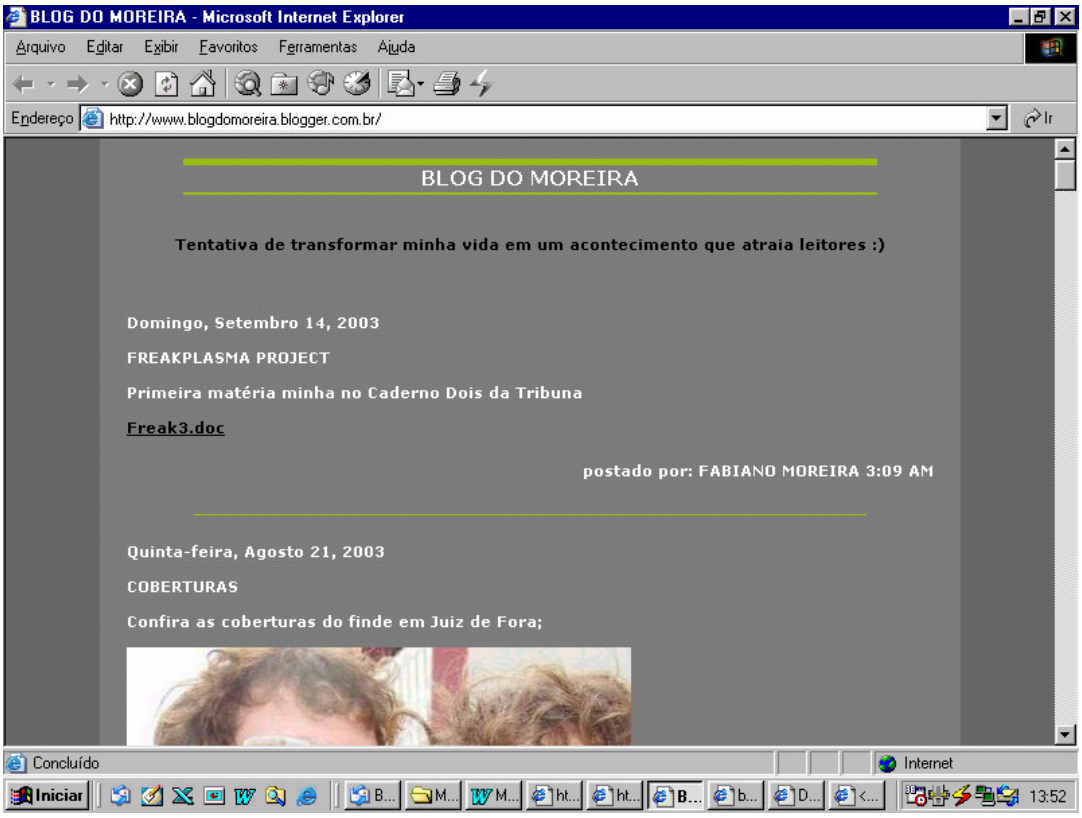

Figura 4. Reprodução da tela inicial do *Blog do Moreira*, disponível em: www.blogdomoreira.blogger.com.br - Acesso em 12 de outubro de 2003.

Ainda na página principal de alguns blogs podemos encontrar uma breve descrição do blogueiro e também vários links que, ao serem clicados, abrem novas páginas. Os links podem nos levar para arquivos de outros meses do próprio blogueiro, para seus *sites* favoritos e para outros blogs ou páginas mantidas pelo próprio blogueiro. Podemos encontrar também links que exibem a tradução do blog para outras línguas, o e-mail e o currículo do blogueiro, os blogs de seus amigos e seus blogs favoritos. Os links que nos levam a outros blogs contribuem na construção de uma rede de blogueiros com idéias ou características afins. Trata-se de uma corrente que parece não ter fim, da qual cada blog constitui um elo que nos leva a outro elo da corrente. A partir de um blog somente, podemos percorrer um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

caminho extenso e infinito dentro do mundo dos blogs. Alguns blogueiros inserem também links que nos direcionam para seus fotologs, que são blogs de fotos, ou seja, blogs nos quais fotos são postadas (publicadas) e podem ser comentadas pelos leitores. Podemos observar alguns desses links do lado direito da tela inicial do blog *Just Lia* (www.justlia.com.br):

Figura 5. Reprodução da tela inicial do blog *Just Lia* disponível em: www.justlia.com.br - Acesso em 10 de agosto de 2005.

É importante ressaltar que não somente os textos, mas também as fotos, figuras, desenhos e links podem ser modificados nos blogs. Os blogs são constantemente renovados, fazendo com que eles sejam sempre dinâmicos, maleáveis e inovadores. São páginas nas quais aqueles que as confeccionam, individualmente ou em pequenos grupos, se sentem livres para publicar qualquer tipo de texto, sobre os mais variados assuntos, e muitas vezes discutir as publicações com os leitores ou com outros blogueiros.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

A blogueira Clarah Averbuck nos explica, em uma entrevista concedida ao caderno *Folhateen* do jornal *Folha de São Paulo* em 01 de setembro de 2003, o papel do blog em sua vida: "Blog é um lugar onde as pessoas publicam o que querem, só isso." A partir das palavras da blogueira, podemos afirmar que, nos blogs, liberdade e publicação podem andar juntas. Lemos (2002) também menciona a liberdade de expressão e a disponibilização de textos que os blogs oferecem. Ele nos diz que o blog é uma ferramenta bem democrática, onde qualquer pessoa que tenha acesso à Internet é livre para publicar textos a partir dos mais variados assuntos.

Os blogs constituem espaços de libertação, onde os escritores se expressam livremente, escolhem seus temas de publicação, sem regras pré-estabelecidas, divulgam seus textos e interagem com seus leitores. Porém, encontrar um real propósito ou objetivo no mundo dinâmico dos blogs não é tão simples. Alguns pesquisadores, como Lemos (2002), Recuero (2003a, 2003b), Prange (2002), Silva (2003), Oliveira (2002, 2003) e Schittine (2004), têm caracterizado esse espaço textual como diários virtuais, onde autores escrevem sobre si. No entanto, Schittine (2004), Recuero (2003a, 2003b) e Silva (2003) ainda alegam que o blog também pode ser um novo tipo de jornalismo on-line. Desta forma, seriam o diário virtual e o jornalismo as duas principais funções dos blogs? Os blogs podem desempenhar outros papéis diferentes dos descritos pelos pesquisadores citados? Hoje (agosto de 2005), existem milhões de blogs em todo o mundo, abordando temas dos mais variados possíveis. A disseminação dos blogs nos faz questionar a respeito das funções que eles vêm desempenhando na atualidade, tanto na vida daqueles que os escrevem quanto na vida daqueles que os lêem. Minha proposta nesta investigação será a de estudar esses papéis e funções no que tange aos blogs brasileiros.

3.2.
Diários virtuais

Como comentado anteriormente, os blogs que se popularizaram no Brasil entre os anos 2000 e 2001 ficaram conhecidos como diários virtuais. Tal termo passou a ser utilizado pelos próprios blogueiros e pela mídia on-line e off-line como

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

um sinônimo e definição para os blogs. Alguns pesquisadores concordam com tal definição e têm afirmado em seus estudos que os blogs têm a função de diário aberto, ou seja, diário público. Neste diário público, não somente meninas adolescentes, mas homens ou mulheres, jovens ou adultos, independentemente da profissão que exercem, expõem suas rotinas, seus questionamentos, sentimentos e opiniões sobre os mais variados assuntos. Como podemos observar na tela principal do blog *Meninas de 30* (www.meninasde30.blogger.com.br), as aventuras diárias de uma mulher que já chegou aos trinta anos são narradas:

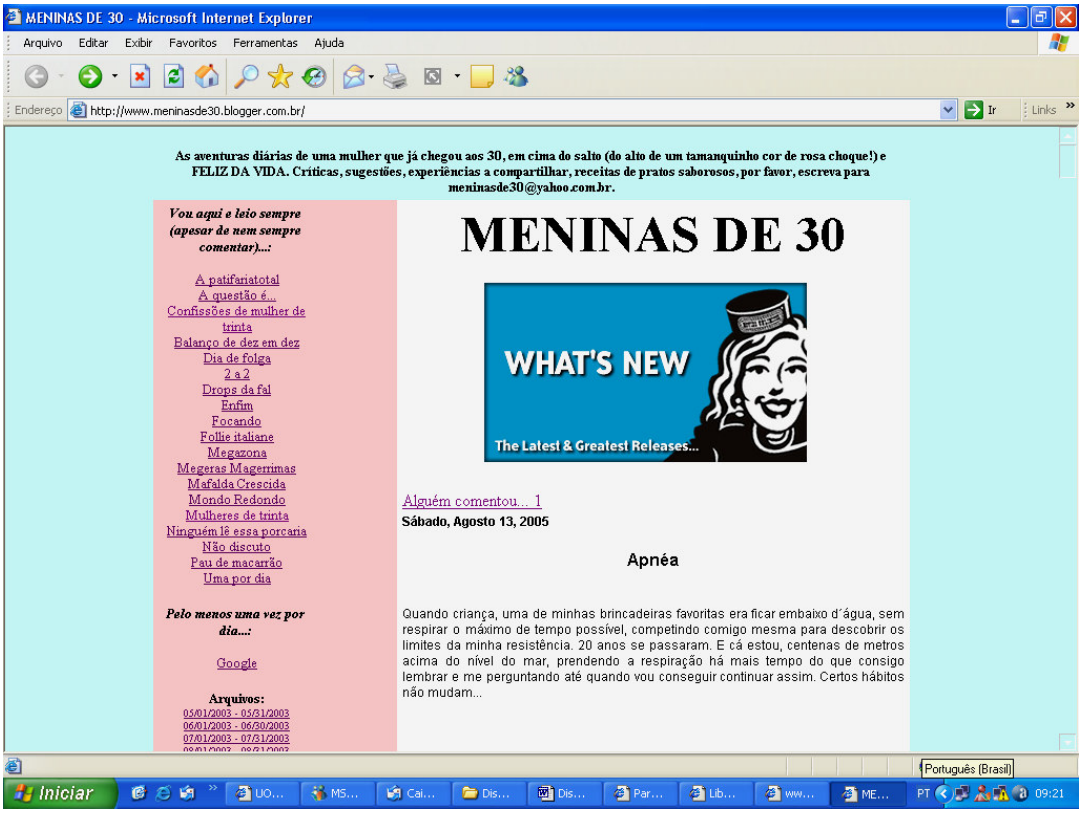

Figura 6. Reprodução da tela inicial do blog *Meninas de 30* disponível em: www.meninasde30.blogger.com.br - Acesso em 15 de agosto de 2005.

De acordo com Prange (2002), os blogs podem ser considerados, nos dias de hoje, um dos espaços disponíveis na Rede mais férteis para a proliferação das 'escritas de si'. Como mencionado anteriormente, ela afirma que uma das possíveis

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

razões para a popularização dos blogs como espaços para a 'escrita de si' foi a necessidade que os usuários da Internet tinham de expressar e discutir suas questões pessoais. Antes do aparecimento dos blogs, os espaços disponíveis para isso na Rede eram os *websites* pessoais. No entanto, a criação de um *website* pessoal exigia que os usuários tivessem conhecimentos técnicos e de linguagens de programação. Aquelas pessoas que não dominavam tais conhecimentos e linguagens poderiam contratar um especialista para confeccionar e fazer a manutenção de seus *websites* pessoais. Sendo assim, ter um *website* pessoal poderia significar depender de um especialista em linguagens de programação e estar disposto a investir financeiramente na criação e manutenção da página pessoal. O aparecimento dos blogs representou uma revolução e uma grande evolução das páginas pessoais na Internet, já que os blogs se caracterizam como ferramentas gratuitas, de fácil confecção e manutenção, que exigem somente que o usuário de Internet esteja conectado à Rede. Prange (2002) nos fala a respeito desta revolução provocada pelos blogs:

> "Para Pinto (2002), o surgimento dos blogs representou 'uma revolução dentro da revolução', ou seja, revigorou o movimento de livre troca de idéias, num momento em que a Internet já estava, na opinião do autor, muito voltada para questões comerciais." (Prange, 2002, p. 61)

Ou seja, Prange nos mostra que os blogs revolucionaram as páginas pessoais na Internet, pois representaram a quebra da barreira que separava um usuário de Internet da confecção de páginas na Rede.

Os blogs pessoais ou os diários virtuais nos permitem mergulhar na vida de uma pessoa desconhecida, que em poucos minutos pode se tornar muito próxima, familiar ou até mesmo parte de nosso mundo e de nossa vida. A blogueira Clarah Averbuck, no final de 2003, apresentava seu blog *Brazileira!preta* com o seguinte trecho que se localizava logo abaixo do título de seu blog e no topo da tela principal:

> "Aqui você poderá me ver usando 'eu' quantas vezes por parágrafo bem entender, sendo macho pra caralho, sendo 'guei' pra caralho, abusando de piadas internas, não dormindo, utilizando *caps* indiscriminadamente, praguejando, me referindo a mim mesma na terceira pessoa, morrendo de dor, afofando o Joo, rindo da minha própria desgraça e achando tudo ótimo. Três vivas para o umbiguismo." (Trecho retirado da tela principal do blog *Brazileira!preta* - www.brazileirapreta.blogspot.com - acesso em outubro de 2003)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

A blogueira, portanto, define sua atitude em seu blog pessoal como 'umbiguismo'. Em outras palavras parece que Clarah quer nos mostrar o lado egocêntrico e narcisista dela mesma como blogueira e sua forma de relatar e narrar aos leitores eventos exclusivamente sobre si mesma, sobre seu mundo, sobre a sua vida; tudo como em um diário, onde o tema principal é a vida daquele que o escreve. No entanto, fica a pergunta: seria o 'umbiguismo' uma característica geral dos blogueiros, que fazem de suas vidas diários públicos que podem ser comentados e discutidos pelos leitores? Seria o diário aberto e público, onde predomina a escrita de si, uma característica da maioria dos blogs?

Lemos (2002) parece compartilhar a idéia de o blog ser um diário virtual e 'umbiguista', onde escrever sobre si mesmo parece ser uma das características predominantes dos blogueiros. O pesquisador também chama os blogs de 'ciberdiários' ou 'webdiários'. De acordo com Lemos (2002), os blogs representam uma apropriação social da *web* como forma de reeditar práticas antigas como os diários pessoais. Estes eram, na maioria das vezes, privados; já os blogs ou os 'ciberdiários' são pessoais, mas públicos. Lemos (2002) complementa dizendo que a utilização do hipertexto nos 'ciberdiários' representa a grande diferença entre estes e os antigos diários pessoais off-line. Como pode ser observado no trecho a seguir:

> "O fato de ser um hipertexto eletrônico diferencia os ciberdiários dos antigos diários pessoais já que o formato hipertextual (atualização constante, de qualquer lugar e em tempo real, com utilização de *links* e outros recursos audiovisuais, alcance planetário e imediato...) e a publicização não faziam parte das experiências com diários em papel... No entanto, os diários on-line e os antigos diários pessoais são autoficção narcisísticas, reconstrução identitária, expressão de individualidade." (Lemos 2002, p. 3)

Ainda segundo Lemos (2002), parece importante para o blogueiro revelar sua vida íntima e quotidiana para seus leitores. Nos blogs a vida comum transforma-se em algo espetacular, compartilhada por milhões de olhos potenciais. No entanto, o que se encontra no 'webdiário' não é nenhum evento emocionante, não há histórias, aventuras, enredos complexos ou desfechos maravilhosos. Na realidade, Lemos (2002) nos afirma que nada extraordinário acontece no mundo narrado nos blogs, a não ser a vida banal, elevada ao estado de arte pura. A vida privada, revelada pelos diários pessoais, é transformada em um espetáculo para olhos curiosos, e este espetáculo é a vida vivida na sua banalidade radical. Para Lemos (2002, p.10) a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

máxima é: “minha vida é como a sua, logo tranqüilize-se, estamos todos na banalidade do cotidiano.”

Em seu mapeamento do desenvolvimento do fenômeno dos diários on-line, Oliveira (2002) afirma que não é possível saber o real motivo para um blogueiro narrar sua vida na Rede. Para a pesquisadora, um blog pode funcionar como confessionário, local de catarse ou promoção de autoconhecimento. No entanto, o que parece ter mudado em relação ao diário no papel, é a relação dos escritores com a audiência:

> “O diarismo on-line contemporâneo ou como podemos chamar de o novíssimo diário, é escrito para que a larga audiência possibilitada pela Internet possa lê-lo. O caráter privado que acompanha a tradição do diarismo, especialmente de mulheres, desaparece, dando lugar ao diário on-line de caráter estritamente público.” (Oliveira, 2002 p.8)

Como diz Recuero (2003a), os blogs são equivalentes a janelas abertas que permitem que qualquer pessoa possa conhecer e interagir com o indivíduo que está do outro lado. Para ela, tal interação se concentra em experiências narcisísticas e exibicionistas. Recuero (2003a, p.2) afirma que as características principais dos blogs é que eles são pessoais e interativos: “...funcionam como a voz e o pensamento de uma pessoa. São opiniões, relatos, informações e textos escritos do ponto de vista de alguém.” Conseqüentemente, como explicita Silva (2003), escrever um blog, significa permitir reconstruções, atualizações, reformulações e mudanças constantes na vida do blogueiro, sempre, a partir das interações com os leitores.

Schittine (2004) relata sua pesquisa sobre os blogs da Internet na obra: *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*. Nesta pesquisa, ela nos fala a respeito dos diários públicos e da escrita de si. Além disso, afirma que todo aspirante de blogueiro se questiona a respeito dos motivos que fazem sua vida íntima ser tão interessante para outras pessoas. Schittine (2004) diz encontrar a resposta para tal indagação no voyeurismo e no individualismo, caracterizado por ela como quase narcísico. Como nos diz a seguir:

> “Seria um exibicionismo? Não, provavelmente é mais um fruto do individualismo. Um individualismo quase narcísico que faz com que o diarista pense no outro como uma platéia para a sua vida. Na maior parte das vezes, a ilusão de se dirigir ao outro é apenas um pretexto para falar apenas de si... É um exibicionismo tímido, mas que no fundo tem o objetivo de tornar público mais do que a vida, idéias privadas que nunca

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

> teriam difusão ou platéia que não por meio da Internet. Exprimir-se com liberdade e para o público e seduzi-lo são benefícios que o diário tradicional não podia proporcionar diretamente ao seu autor." (Schittine, 2004 p. 66)

Schittine (2004) prossegue questionando as razões que levam um blogueiro a contar seus segredos, ou seja, a revelar sua vida íntima de todos os dias a outras pessoas. O blog como diário virtual pode ser comparado a um palco onde o blogueiro apresenta sua vida para uma platéia composta pelos leitores. Mas não somente a apresenta, como tem como um dos principais objetivos a interação com os leitores de seu diário. Como nos afirma Schittine (2004, p. 221): "O diarista virtual não quer um público apenas para ler suas confissões, como num livro. Ele quer um público com o qual possa estabelecer um diálogo." Como mencionado anteriormente, tal diálogo pode ser estabelecido por intermédio do link *comments*. Interagir com os leitores de seus diários virtuais parece ser o grande estímulo que os blogueiros precisam para continuar escrevendo. O fato é que os blogs, 'ciberdiários', 'webdiários', diários virtuais ou 'novíssimos diários' parecem fazer com que uma vida comum transforme-se em algo atraente e glamoroso, como um best-seller virtual.

Além dos blogs como diários virtuais, uma outra função observada e pesquisada de forma sucinta por Schittine (2004), Recuero (2003a, 2003b) e Silva (2003), aponta os blogs como um novo tipo de jornalismo on-line. Elas afirmam em suas pesquisas que os blogs jornalísticos já estão bastante difundidos entre os usuários de Internet. Seria, portanto, o jornalismo uma das principais funções dos blogs da Internet na contemporaneidade?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

3.3.
Jornalismo com liberdade?

Apesar de concentrar seus estudos nos diaristas virtuais, Schittine (2004) faz uma breve descrição do blog como relato jornalístico. Ela nos diz que o blog pode ser uma oportunidade de veicular uma notícia antes dos meios de comunicação tradicionais. O mais relevante e interessante é que os blogueiros podem publicar uma notícia com liberdade e sem a preocupação com editores, críticos, prazos ou

espaço para publicação de seus textos. A pesquisadora chama esses blogueiros de 'editores autônomos' e observa:

> "Essa situação vem confirmar mais uma vez as conclusões de Cora Rónai quando diz que muitos blogueiros viraram ou estão virando jornalistas sem saber. Esse é um desejo da grande maioria dos diaristas virtuais que, como veremos adiante, sonha em poder exercer a função de jornalista – ou colunista, mais especificamente – sem ter de sofrer as agruras de ter o texto cortado ou reescrito por um editor. O objetivo de uma grande parte dos blogueiros é o de funcionar como formadores de opinião." (Schittine, 2004, p.160)

Parece um pouco precipitado afirmar que a grande maioria dos blogueiros sonha em exercer a função de jornalista ou de formador de opinião. Generalizar pode não ser muito apropriado quando se trata de uma ferramenta tão variada e recente como os blogs. No entanto, parece claro o fato de que o blog jornalístico já faz parte da Rede. Porém, ainda não é possível afirmar com precisão a extensão e a repercussão deste tipo de blog. Além disso, ainda não é possível dizer se os blogueiros, sem formação jornalística, estão querendo se transformar em jornalistas a partir de seus blogs.

Ao observarmos os jornais de grande circulação no Brasil, como *O Globo* e *O Dia*, concluímos que muitos jornalistas e colunistas já possuem seus blogs. Tais blogs apresentam um conteúdo jornalístico, na maioria das vezes, mesclado a textos pessoais, textos informais e sem editores. Alguns jornalistas e colunistas mantêm seus blogs no próprio *site* do jornal para o qual trabalham, tendo assim, seus blogs diretamente ligados à instituição onde trabalham. Outros criam seus blogs desvinculados da instituição jornalística. Certamente é importante questionar e investigar os blogs como um novo tipo de jornalismo e o papel que eles vêm desempenhando na contemporaneidade. Além disso, é relevante investigar quem é aquele que está por trás dessa nova forma de jornalismo.

A pesquisadora Silva (2003) da Universidade Federal da Bahia alega que cada blogueiro, com ou sem formação jornalística, pode ser considerado um emissor de informação. A partir do blog como uma forma de jornalismo, existe uma personalização e um controle da informação publicada pelo blogueiro:

> "Graças à agilidade e ao poder das ferramentas de editoração, cada blogueiro pode ser considerado um emissor, fato que provoca uma certa reflexão sobre o futuro do jornalismo on-line..." (Silva, 2003, p. 5)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Atualmente, como jornalismo, os blogs funcionam como uma fonte de informação relevante e como afirma Recuero (2003b) representam uma quebra de paradigmas no jornalismo contemporâneo. O jornalista ou o blogueiro é livre no blog e detém o controle sobre o que vai ser publicado, na maioria das vezes, com uma linguagem mais informal e que se aproxima da oralidade. A maior liberdade nos blogs jornalísticos vem do fato de os textos escritos não terem de passar pelo crivo de um revisor ou de um editor jornalísticos. O jornalista ou o blogueiro tem a chance de se apropriar de uma notícia e de divulgá-la a partir de seu ponto de vista, utilizando uma linguagem e um estilo mais pessoais. O fato é que, a partir dos blogs jornalísticos, o jornalismo dentro da Rede ou fora desta, tem suas práticas e rotinas alteradas. Além da liberdade, da pouca preocupação com prazos de publicação e com o espaço para o texto, o jornalista/blogueiro[12] pode ter em seu blog um espaço para potencializar seu trabalho, compartilhar e trocar idéias com leitores ou outros blogueiros através da seção de comentários. Desta forma, o blog pode exercer para o jornalista/blogueiro a função de termômetro de popularidade, a partir do qual ele pode obter um feedback dos leitores a respeito de matérias já publicadas em um jornal ou revista ou testar uma matéria que será publicada futuramente. O blog desempenha, assim, a função de uma pré-pauta on-line. A partir desta, é possível para o jornalista/blogueiro prever a reação dos leitores a respeito de uma coluna a ser publicada em jornal ou revista, fazer alterações com antecedência ou usar temas propostos por leitores dos blogs em suas colunas.

Por outro lado, ao decidir criar e manter um blog e tornar-se um jornalista/blogueiro, um jornalista ou um colunista necessita de cautela. Possivelmente, alguns leitores tenderão a vincular o blog à instituição jornalística da qual o jornalista/blogueiro faz parte. Tal tendência poderá ocorrer mesmo que o blog não tenha nenhum vínculo com a instituição, ou seja, mesmo que o blog não seja confeccionado e mantido no *site* da instituição jornalística. No entanto, é importante ressaltar que a vinculação do nome do jornalista/blogueiro a uma instituição jornalística pode ocorrer quando o nome do jornalista já está bastante ligado à uma determinada instituição. Desta forma, alguns editores podem se sentir ameaçados

[12] O termo jornalista/blogueiro(a), por mim criado nesta investigação, se refere a qualquer pessoa, com ou sem formação jornalística, que confeccione e mantenha um blog com conteúdo jornalístico. Sendo assim, um blog que se concentre em assuntos como: política, economia, educação, esportes, notícias nacionais e internacionais, entretenimento, cultura, etc.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

pelo conteúdo do blog de um jornalista. Com o intuito de evitar que o conteúdo de um blog abale a reputação da instituição jornalística, alguns editores proíbem que jornalistas ou colunistas mantenham blogs particulares. Tais jornalistas ou colunistas têm somente a permissão de escrever única e exclusivamente no blog mantido pela instituição jornalística e com intuito de discutir assuntos relacionados à coluna que o jornalista escreve na instituição. Neste caso, certamente, o texto escrito deve passar pelo crivo do editor antes de ser publicado no blog do jornalista ou do colunista. Como exemplo desta prática temos o jornal americano *The New York Times*, que controla severamente o conteúdo dos blogs mantidos pelos seus jornalistas ou pelos seus colunistas, que em alguns casos, são proibidos de manter seus blogs no ar. Como comenta Steve Outing em seu artigo "*When journalists blog, editors get nervous*" na revista on-line *Editor and Publisher*:

> "NYTimes.com Editor-in-Chief Len Apcar puts it bluntly: 'I don't like the concept of the personal blog in terms of The New York Times.' Blogs are a fine medium, says Apcar, and he's been introducing staff-written blogs to NYTimes.com in recent months - and hints that more experiments are to come. But in terms of a staff member writing a personal blog: forget it, for the most part." (Trecho de 18 de fevereiro de 2004 retirado da matéria *When journalists blogs, editors get nervous* da revista on-line *Editor and Publisher*)

Tais restrições nos levam ao seguinte questionamento: seriam os blogs jornalísticos realmente um espaço para a liberdade de expressão, um espaço democrático para publicação sem restrições? Meu objetivo nesta investigação não é encontrar respostas para os questionamentos que têm surgido no decorrer desta pesquisa, mas sim, levantar questões relacionadas aos blogs e aqueles que os escrevem e refletir sobre essa ferramenta tão intrigante e tão recente no Brasil e no mundo chamada blogs.

Certamente ainda não podemos ter a dimensão dos reais impactos que os blogs jornalísticos estão tento na mídia brasileira. No entanto, podemos afirmar que eles já fazem parte da vida e da rotina de muitos jornalistas, colunistas e usuários de Internet no Brasil e em todo mundo. Como comentado anteriormente, é importante ressaltar que os blogs jornalísticos são confeccionados não somente por jornalistas, ligados ou não a alguma instituição, como também por qualquer pessoa que tenha interesse em escrever temas jornalísticos. Jornalistas/blogueiros podem manter blogs sobre política, cultura, esporte, informática, economia, cinema, educação, atualidades, entretenimento, e, na grande maioria das vezes, com um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

toque bem pessoal e informal e quase sempre com a possibilidade de participação dos leitores. Infelizmente, ainda existem poucos estudos sobre os blogs como um novo tipo de jornalismo e sobre suas subdivisões já existentes. Não pretendo descrever e citar todas as possibilidades de subdivisões desse tipo de blog, no entanto, nas próximas seções desta investigação, procurarei mostrar dois tipos de blogs, escritos por jornalistas/blogueiros, que considero já disseminados e presentes dentro do grande mundo dos blogs.

3.3.1.
Blogs políticos

Os blogs como um novo tipo de jornalismo e com um foco especial em temas políticos se destacaram no final de 2002. Nesta época, um arquiteto iraquiano de 29 anos residente em Bagdá decidiu narrar em seu blog o dia-a-dia da guerra no Iraque. O blog que parecia ter se iniciado como um diário de um homem e suas experiências diárias em um país em guerra, rapidamente se tornou referência e fonte para a mídia e para as pessoas do mundo inteiro. O blogueiro, com pseudônimo Salam Pax, usou um discurso pessoal em seu blog *Where is Raed* iniciado em setembro de 2002, no qual ele publicava trechos como este:

> "What a load of bull. 'selected'? Whole blocks of houses in amiriyah were empty after their residents died in the shelter. People would come at night because Baghdad was bombed mostly during the night. Drag your mattress and spend the night there, it had emergency power generators and hot water. Let me tell you something really nasty, when the bombs hit the water tanks in the lower floor burst. You got grilled and smoked upstairs, boiled downstairs. That would put you off bomb shelters for the rest of your life. Nukes or no nukes. " (Trecho de 26 de janeiro de 2003 retirado do blog www.dear_raed.blogspot.com, acesso em 16 de agosto de 2005)

Salam Pax virou símbolo e referência em seu blog, que foi mantido por um pouco mais de um ano. Sua última publicação foi em 10 de abril de 2004 e a popularidade de seu blog foi tão intensa que este se tornou livro em outubro de 2003. Certamente, após os relatos dos ataques ao Iraque feitos pelo blogueiro iraquiano, as coberturas jornalísticas nunca mais foram as mesmas. Os blogueiros passaram, então, a ocupar um espaço relevante na mídia mundial.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Recuero (2003a) chamou os blogs jornalísticos, que tinham como tema central a guerra do Iraque, de '*warblogs*'. Os '*warblogs*' foram classificados por ela como oficiais e não-oficiais. Os oficiais eram os *warblogs* escritos por jornalistas ligados a alguma instituição e os não-oficiais eram os '*warblogs*' escritos por indivíduos que não estavam vinculados à mídia. Recuero (2003a) pesquisou 29 *warblogs* durante as invasões ao Iraque. Os '*warblogs*' pesquisados eram americanos, no entanto, a pesquisadora incluiu um '*warblog*' brasileiro em sua pesquisa e nos mostrou que os blogs estavam transformando o jornalismo inclusive no Brasil. Recuero (2003a) nos diz que o aparecimento dos '*warblogs*' durante a guerra do Iraque em 2002 influenciou o jornal on-line brasileiro *Folha Online*. Este jornal criou um '*warblog*' chamado *Diário de Bagdá*, onde jornalistas brasileiros enviados ao Iraque publicavam o dia-a-dia da guerra. Recuero (2003a) também nos revela que, durante a guerra do Iraque, ficou evidente que as notícias carregadas de um discurso mais pessoal, como as publicadas nos blogs, poderiam obter muito espaço entre os leitores. Além disso, sempre existia a possibilidade de debate através do link dos comentários, onde questões políticas e relacionadas à guerra podiam ser discutidas.

A guerra do Iraque parece ter sido o estopim para que os blogs jornalísticos, principalmente com foco em tema políticos, se disseminassem na Internet no Brasil e no mundo. Além da guerra do Iraque, um outro fato confirmou a presença e a importância dos blogs jornalísticos na contemporaneidade. De acordo com o *website* de notícias *Blue Bus* de 11 de maio de 2004 (www.bluebus.com.br), a Convenção Nacional Democrata, realizada nos Estados Unidos em julho de 2004, formalizou a indicação de John Kerry como candidato do partido a Casa Branca. Parte das 15.000 credenciais de imprensa foram distribuídas a blogueiros durante essa Convenção Nacional Democrata. "Tudo que os jornalistas tiverem, eles também vão ter", declarou a porta voz da Convenção Peggy Wilhide. Além disso, o estrategista político Joe Trippi, que foi chefe de campanha de Howard Dean e apostou fortemente na Internet, disse que ter blogs na Convenção certamente ajudaria a atrair eleitores jovens. Howard Dean foi candidato à nomeação para candidatura à presidência dos EUA pelo Partido Democrata em 2003 e um dos primeiros a descobrir o poder político dos blogs. Em 2003, ele surpreendeu a América ao conseguir levantar mais de sete milhões de dólares com seu blog chamado *Blog for America* (www.blogforamerica.com). Os seguidores do político

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Howard Dean espalharam seus discursos por meio de blogs, e os especialistas em eleições tiveram de prestar muita atenção a este fato.

Os blogs jornalísticos e políticos se fortalecem e conquistam mais espaço a cada dia. No Brasil, esse quadro não é diferente. A partir dos eventos descritos anteriormente, as grandes instituições jornalísticas brasileiras passaram a encarar os blogs como ferramentas poderosas para divulgar notícias e atrair leitores. Importantes jornais on-line brasileiros como *O Globo* e *O Dia* oferecem atualmente aos seus colunistas e jornalistas a possibilidade de manter blogs dentro do próprio *site* do jornal. Os blogs mantidos pelos jornalistas geralmente abordam os mesmos assuntos discutidos por eles em suas colunas mantidas no jornal (impresso ou on-line). No entanto, no blog, os textos são mais informais e pessoais e o jornalista/blogueiro tem a chance de discutir e interagir com os leitores. Como exemplo podemos citar a jornalista Tereza Cruvinel que mantém uma coluna sobre política no jornal *O Globo* e um blog, mantido na página do mesmo jornal, onde ela discute temas políticos. Como podemos observar a seguir:

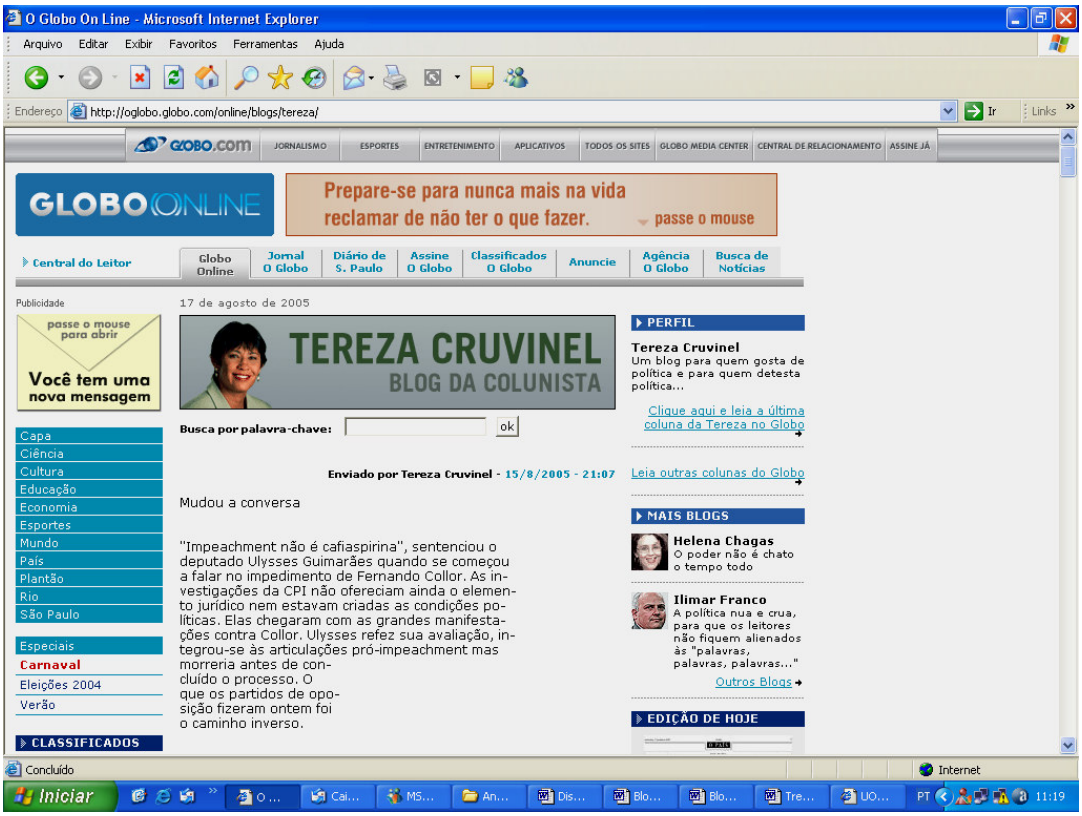

Figura 7. Reprodução da tela inicial do blog *Tereza Cruviel – Blog da Colunista* disponível em: www.oglobo.globo.com/online/blogs/tereza/ - Acesso em 17 de agosto de 2005.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

No entanto, alguns jornalistas que mantêm blogs preferem mantê-los fora da página da instituição jornalística. Este é o caso do popular blog político do jornalista Ricardo Noblat. Este jornalista virou referência no Brasil e mostra que é possível fazer uma cobertura política séria e digna de confiança em um blog, mesmo que este não esteja ligado a uma instituição jornalística. O *Blog do Noblat* (www.blogdonoblat.com.br) se popularizou muito principalmente durante a cobertura que tem feito sobre a crise política vivida no governo Lula, que começou a ser exibida pela mídia em maio de 2005. Seu blog, atualmente, já é citado por políticos e outros jornalistas na mídia como referência de informação e notícias. A seguir podemos observar a página inicial do blog do jornalista/blogueiro:

Figura 8. Reprodução da tela inicial do *Blog do Noblat* disponível em: www.noblat.ultimosegundo.ig.com.br/noblat/ - Acesso em 17 de agosto de 2005.

O blogueiro Marcelo Tas do *Blog do Tas* (www.marcelotas.blog.uol.com.br) disse em um artigo escrito pelo jornalista/blogueiro Luiz Gravatá no caderno

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Informática ETC do jornal *O Globo* de 17 de maio de 2004 que os blogs da Internet já transformaram o jornalismo:

> "Talvez o nosso ilustre cartunista não concorde, mas tenho certeza de que se O Pasquim estivesse vivo, hoje seria ou teria um blog. Na verdade, o blog já transformou o jornalismo. Os exemplos são vários: o Salam Pax, o blogueiro de Bagdá que atraiu atenção do mundo por cobrir a invasão americana ao Iraque melhor do que qualquer outro veículo. Hoje o cara virou colunista do The Guardian. O Blog dele virou livro. E hoje li aqui (estou nos Estados Unidos, em Portland), que o livro vai virar filme... O jornalista Ricardo Noblat, por exemplo, é o mais novo blogueiro da praça. Acompanhei essa última trapalhada do Lula x NYT através do blog dele, que trouxe informações exclusivas dos bastidores, revelando ali toda a história. O meu blog, que agora virou também um quadro no Jornal da Cultura, só tem me dado boas surpresas..." (Trecho de 17 de maio de 2004 retirado do caderno *Informática ETC* do jornal *O Globo*)

Os blogs da Internet realmente estão trazendo mudanças e inovações ao jornalismo do mundo todo. Diferentemente dos Estados Unidos, o governo brasileiro parece ainda não ter aberto espaço para os jornalistas/blogueiros em suas coletivas para imprensa. Como cita Ricardo Noblat em seu blog a respeito de uma entrevista coletiva oferecida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em abril de 2005:

> "Jornalista de *sites* e blogs não puderam perguntar. Só perguntaram jornalistas de jornais, rádio e tv e revistas. O governo que se diz partidário da inclusão digital não incluiu nenhum jornalista da web entre os entrevistadores de Lula". (Trecho de 30 de abril de 2005 retirado do *Blog do Noblat* – www.blogdonoblat.com.br, acesso em 17 de agosto de 2005)

Apesar de os blogs já serem reconhecidos por algumas instituições jornalísticas como uma fonte de informação, ainda parece cedo afirmar se eles chegarão a ter a mesma importância dos jornais impressos e on-line, das emissoras de rádio e televisão ou das revistas impressas e on-line. No entanto, podemos dizer que eles podem estar caminhando para tal e que provavelmente, os jornalistas/blogueiros, mesmo que não estejam vinculados a algum jornal conceituado, possivelmente terão um espaço garantido em coletivas políticas e na mídia em geral.

Além do blog jornalístico com um foco em assuntos políticos (blogs políticos), podemos observar um outro tipo de blog jornalístico que vem se disseminando cada vez mais no mundo dos blogs. Tal blog será chamado nesta investigação de *blogzine*, e é sobre este blog que escreverei a seguir.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

3.3.2.
Blogzines

Um outro tipo de blog jornalístico já bastante disseminado na Rede será chamado nesta investigação de *blogzine*. Diferentemente do blog político, que concentra as publicações e discussões em temas exclusivamente políticos, o *blogzine* pode ser considerado um apanhado de vários temas. Neste tipo de blog, podemos encontrar publicações periódicas, destinadas a um público de leitores, que reúnem, em geral, matérias jornalísticas, esportivas, econômicas, informações culturais, conselhos de beleza, moda, decoração, notícias do país e do mundo, etc. No entanto, como citado anteriormente, a grande e importante diferença entre um *blogzine* e uma revista impressa ou on-line é que o jornalista/blogueiro tem a chance de escolher o assunto, a linguagem e a extensão do texto publicado. Além disso, a partir do link dos comentários, um debate entre jornalistas/blogueiros e leitores pode ser mantido constantemente.

Silva (2003) chama esse tipo de blog de '*weblog* livre' e o define como blogs com publicações que não procuram se deter a um único tema. Desta forma, os '*weblogs* livres' podem ser considerados formas livres de anotações, que podem incluir criação literária, comentários sobre idéias do blogueiro, críticas, fofocas, atualização de notícias, diários, etc. Podemos perceber que Silva (2003) enfatiza a liberdade que o blogueiro tem no '*weblog* livre' de publicar qualquer tipo de assunto e não se limitar a uma pauta específica. De acordo com Oliveira (2003) o *blogzine* ou o '*weblog* livre' realiza uma mistura de página pessoal, fórum de discussão a respeito dos mais variados assuntos, com links, comentários e pensamentos pessoais. Sendo assim, é um lugar onde o blogueiro tem a chance de escrever de tudo e com liberdade. De acordo com Oliveira (2003), o que vale é falar e participar.

Recuero (2003b) aborda esses blogs em sua pesquisa de forma concisa. Ela nos diz que eles podem mesclar informações variadas discutidas do ponto de vista crítico do blogueiro e os categoriza de duas formas: 'publicações eletrônicas' e 'publicações mistas'. Os blogs como 'publicações eletrônicas' são descritos como blogs que se destinam principalmente à informação. Podem trazer notícias, dicas e comentários sobre determinados assuntos. Comentários pessoais, porém, são evitados. As 'publicações mistas' são definidas por Recuero (2003b) como blogs que misturam publicações pessoais, sobre a vida do autor, com publicações

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

informativas como: notícias, dicas, comentários, etc. No entanto, parece pouco apropriado descrever os blogs 'publicações eletrônicas' como meramente informativos e isentos de comentários pessoais. Como discutido em seções anteriores, independentemente do tema discutido, parece um fato já constatado pelos próprios blogueiros e por alguns pesquisadores, que uma das principais características dos blogs é o discurso pessoal e informal. Além disso, comentários pessoais podem ser encontrados, não somente nas publicações dos blogueiros, como também na caixa aberta a partir do link dos comentários, onde blogueiros e leitores podem interagir sobre temas abordados no blog. Podemos perceber uma certa contraposição na definição de Recuero (2003b) dos blogs como 'publicações eletrônicas'. Inicialmente, estes blogs foram classificados como informativos e isentos de comentários pessoais. Em seguida, na mesma investigação, os mesmos blogs foram descritos como blogs que trazem links, comentam notícias e fazem críticas a outras publicações. No entanto, parece pouco possível comentar e criticar outras publicações sem a utilização de um discurso e de comentários pessoais. Parece fato que a linguagem, o discurso e os comentários pessoais já fazem parte da maioria dos blogs da Internet.

Um bom exemplo de um *blogzine* é o blog *InternETC*, da jornalista/blogueira Cora Rónai (www.cora.blogspot.com), mantido desde de 2001. Em seu blog, a jornalista/blogueira discute política, notícias e assuntos publicados em jornais e revistas, informática, vida animal e familiar, etc. Além disso, o blog parece ter virado também uma extensão da sua coluna semanal mantida no jornal *O Globo*. Todos os seus textos publicados no jornal *O Globo* são postados em seu blog e neste, ela tem mais chances de discutir com leitores os textos publicados. Além disso, a jornalista/blogueira pode receber sugestões e idéias para as suas próximas colunas. O blog, nesse caso, parece complementar e expandir o espaço que o jornalista já tem no jornal.

A jornalista/blogueira Rosana Hermann apresenta o seu blog *Querido Leitor* (www.queridoleitor.zip.net), mantido desde 2000, como um blog especializado em generalidades. Trata-se de um *blogzine* onde qualquer tipo de assunto é abordado informalmente e de forma pessoal. Como podemos observar na tela inicial a seguir:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

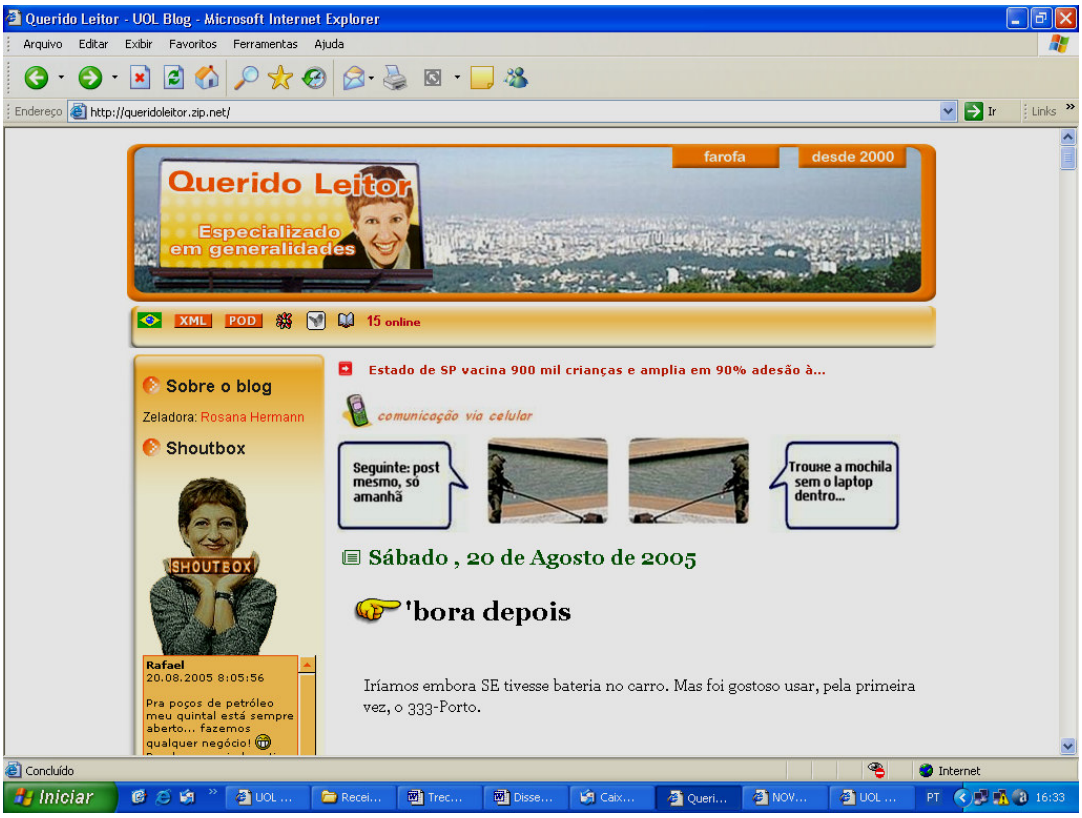

Figura 9. Reprodução da tela inicial do blog *Querido Leitor* disponível em: www.queridoleitor.zip.net - Acesso em 20 de agosto de 2005.

Como pode ser observado na tela acima, a jornalista/blogueira mantém um blog genérico, mesclando informações jornalísticas, nacionais e internacionais, e opiniões pessoais. Além disso, para complementar o link dos comentários, ela optou por reservar um espaço, à esquerda da tela principal, que ela chama de *shoutbox*. Neste espaço, os leitores podem fazer comentários gerais, sobre qualquer assunto e não exatamente sobre um *post* específico. O espaço *shoutbox* fica sempre aberto e visível para qualquer pessoa que entrar em seu blog. Desta forma, ela abre um segundo espaço para a interação, que se assemelha a uma sala de bate-papo, na qual os leitores têm a chance de interagir com os outros leitores de seu blog. Parece que a intenção de Rosana é tornar seu *blogzine* o mais interativo possível.

Além dos diários virtuais e dos blogs jornalísticos (blogs políticos ou *blogzines*), existe um outro tipo de blog se difundindo rapidamente na Rede. Estes, já são conhecidos como blogs literários e serão discutidos na próxima seção.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

3.4.
Um novo suporte literário?

Podemos afirmar, com base nas discussões anteriores, que os diários virtuais e os blogs jornalísticos (blogs políticos e *blogzines*) já se disseminaram na Rede. No entanto, percebemos um outro tipo de blog se difundindo rapidamente no vasto mundo dos blogs. Estes já têm sido chamados de blogs literários. Neste tipo de blog, assim como no *blogzine*, os mais variados assuntos são abordados, porém, alguns blogueiros deixam claro que seus blogs funcionam como um espaço de criação, publicação e divulgação de seus textos. Sendo assim, surgem as questões: qual a função desses blogs? Que tipos de textos são publicados nesses blogs?

Alguns blogueiros e a mídia, impressa e on-line, têm divulgado livros publicados por blogueiros. A partir dos blogs, alguns blogueiros vêm se destacando, sendo elogiados e chamados por jornalistas, escritores ou críticos literários de novos escritores. Podemos afirmar que estes novos escritores realmente existem? A partir desses novos escritores é possível encontrar um novo tipo de literatura: a literatura dos blogs?

A blogueira Clarah Averbuck ou Lady Averbuck, como assinava seus *posts* em seu blog *Brazileira!preta* (www.brazileirapreta.blogspot.com), ficou conhecida e teve seu talento como escritora revelado a partir de seu blog. Em 2003, a blogueira lançou o livro, *Das coisas esquecidas atrás da estante*, composto por uma coletânea de publicações feitas em seu blog. O livro foi um sucesso e muito elogiado pela crítica literária. Além disso, *Das coisas esquecidas atrás da estante*, gerou um novo olhar para os blogs da Internet, que até então eram predominantemente vistos como diários virtuais. Parece que Clarah Averbuck foi uma das precursoras dos blogs como um meio de publicação para escritores e poetas que até então não tinham tido muita chance de publicar seus textos. Seriam os blogs da Internet responsáveis pelo surgimento de um novo tipo de literatura e de novos escritores? Clarah parece responder essa questão em um *post* de seu blog no qual fala a respeito do seu livro:

> "Coletânea de um bloooog?
> Sim, amiguinhos, coletânea de um blog. Existem livros de contos. De poesia. De crônicas. Por que não uma coletânea de textos publicados em um blog? Afinal, como eu estou cansada de dizer mas continuo repetindo porque nunca param de perguntar, blog é apenas um meio de publicação para o que quer que o autor, dono e soberano do blog, queira escrever. Receita de bolo, resenha de disco, resmungos mal-amados,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

> histórias, realidades, mentiras. No caso do meu livro, só não tem receita de bolo. Um livro, uma coletânea de um blog, que é apenas um meio de publicação para que os escritores não precisem de intermediários entre ele e os leitores. Não existe literatura de blog, só blog como meio de publicação para escritores e seus textos. Que podem perfeitamente ser publicados também em livro." (Trecho de 10 de setembro de 2003 retirado do blog *Brazileira!preta* – www.brazileirapreta.blogspot.com, acesso em 20 de agosto de 2005)

Lady Averbuck deixa claro o papel que seu blog desempenha em sua vida: um meio de publicação. A escritora/blogueira[13] afirma que o blog permite a publicação sem intermediários, ou seja, sem editores ou revisores, além de um contato mais próximo com os leitores. Tal opinião nos remete ao sonho da publicação sem intermediários, de uma comunicação e interação universais entre leitores e escritores. Seria a realização destes sonhos possível a partir do blog da Internet? Seria o blog, como nos diz Lady Averbuck somente um meio de publicação? Ela própria revela não acreditar em uma literatura de blog ou em escritores de blogs:

> "Não existe literatura de blog. Não existe escritor de blog. Blogueiro não é escritor. Escritor não é blogueiro. Não existe escritor de blog. Existe blog enquanto meio de publicação para um escritor. Escritor é escritor. Escritor não é blogueiro. Não sei nada sobre o fenômeno blog. Sequer acho que seja um fenômeno. Nunca mais respondo nenhuma pergunta sobre blog. Por favor, não me incomodem com essas coisas. Sou uma grávida tensa, isso não faz bem. Sem mais," (Trecho de 09 de junho de 2003 retirado do blog *Brazileira!preta* - www.brazileirapreta.blogspot.com, acesso em 20 de agosto de 2005)

Embora Clarah não acredite em literatura de blog, em escritor de blog ou no blogueiro como escritor, a mídia e a crítica literária têm nos mostrado um quadro bem diferente. O jornal *Zero Hora* de Porto Alegre publicou uma matéria em 17 de agosto de 2005, na qual chamava o blog de 'ferramenta para formar leitores'. Vejamos o que diz:

> "Escritores usam blogs como espaço literário:
> Mais que um diário, o blog também pode ser um espaço literário, principalmente se o blogueiro é um escritor conhecido, como o poeta gaúcho Fabrício Carpinejar. - O blog não é uma literatura menor. Hoje, as editoras estão visitando os sites, reconhecendo esse território legítimo da língua, não o vendo apenas como terreno baldio - afirma.
> O escritor considera as páginas virtuais ferramentas de formação de leitores.

[13] O termo escritor(a)/blogueiro(a) será usado nesta investigação para se referir aos escritores que mantenham blogs na Internet para publicação e divulgação de seus textos literários.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

> - O leitor do blog acaba se tornando leitor do livro. Também é interessante porque posso ler os leitores, algo que tu não tens no livro - completa." (Trecho de 17 de agosto de 2005 retirado do caderno *ZH Digital* do jornal *Zero Hora*)

Em outras palavras, a matéria do jornal *Zero Hora* e o escritor/blogueiro Fabrício Carpinejar encaram os blogs como territórios legítimos, nos quais é possível encontrar literatura e escritores. O escritor/blogueiro afirma que algumas editoras já freqüentam os blogs de outros escritores/blogueiros em busca de talentos. O blog parece desempenhar para os escritores/blogueiros um espaço de encontro com o texto e, principalmente, com os leitores. Através desses blogs literários, parece que as relações entre escritores e seus textos e entre os escritores e seus leitores vêm se modificando consideravelmente. Quais seriam, portanto, essas mudanças? Diários, jornalismo, literatura, qual o papel dos blogs da Internet na vida daqueles que os escrevem? Quem são esses diaristas virtuais, jornalistas, escritores, poetas, ou simplesmente, blogueiros que escrevem blogs?

O próximo capítulo desta dissertação será dedicado à descrição do início do meu relacionamento com os blogs da Internet. Discutirei o que me levou a investigar esse mundo tão instigante, diversificado e recente. Além disso, apresentarei minha pesquisa feita com blogueiros, na qual, juntamente com estes, pude interagir e refletir a respeito das questões surgidas ao longo desta investigação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

4.
Os primeiros passos no mundo dos blogs

"These words I write keep me from total madness." (Charles Bukowski)

Como mencionado anteriormente, meu interesse pela escrita no mundo digital começou no início de 2003 após uma apresentação oral feita por uma aluna minha em uma aula de inglês como língua estrangeira. Para a apresentação, que fazia parte da avaliação semestral, a aluna escolheu como tema o seu blog pessoal e o seu blog favorito. Sabendo que eu e os colegas de turma nunca tínhamos visitado um blog, ela colocou alguns endereços no quadro e sugeriu que visitássemos os blogs mencionados para que pudéssemos entender melhor tudo aquilo que tinha explicado. E assim o fiz. Nos blogs encontrei um espaço textual, repleto de novos escritores e leitores, com uma linguagem peculiar, com temas, na maioria das vezes, interessantes e que permitia a interação quase que imediata entre escritores e leitores. Desde o início de 2003 e a partir do blog da minha aluna, não deixei mais de freqüentar e investigar esse mundo tão intrigante e atraente.

Minha pesquisa *Blogs: um novo fenômeno lingüístico e a construção de novas identidades*, realizada em 2003, levantou alguns questionamentos sobre a ferramenta blog e sobre os impactos que esta estaria exercendo nos blogueiros. Estes questionamentos e reflexões surgiram principalmente a partir de alguns depoimentos coletados em uma entrevista feita com uma blogueira durante minha investigação em 2003. A blogueira Patrícia[14], que tinha 19 anos e era estudante, me concedeu a entrevista por e-mail em outubro de 2003. Observamos a seguir como a blogueira definia seu blog:

[14] Os nomes de todos os entrevistados desta pesquisa são fictícios e todos os depoimentos apresentados neste estudo foram reproduzidos com todas as suas características lingüísticas originais, desta forma, erros de digitação, equívocos lingüísticos e abreviações poderão se encontrados.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

> "...o blog é espaço que eu uso para pensar uma determinada questão, contar alguma coisa que aconteceu, expressar uma opinião. O que eu boto ali é o que eu penso e sinto de verdade, nem que seja na hora que estou postando.

Patrícia ainda falou a respeito de como se sentia escrevendo seu blog e do que pensava sobre a possível popularidade adquirida na Rede a partir de seu blog:

> "...eu gosto de receber um retorno, seja elogio ou crítica (construtiva é claro), das paginas que eu monto, dos *layers* (visual do *blog*) diferentes... Ser público atrai um pouco, mas incomoda *tbém*, incomoda ver pessoas deturpando o que *vc* fala, azucrinado. A população mundial não está preparada para sinceridade."

Parece que para Patrícia, seu blog exercia a função de um espaço para reflexão e para interação. No entanto, o que me chamou mais a atenção em seus depoimentos foi o fato de a blogueira considerar o blog não somente como um espaço interativo e propício para discussões entre blogueiros e leitores. Ao mencionar que a humanidade não estaria preparada para a sinceridade, Patrícia deixou claro que seu blog desempenhava o papel de um espaço no qual ela poderia ter liberdade de expor suas questões de forma autêntica e de fazer delas temas de debates coletivos. No entanto, pude perceber que, para Patrícia, existia uma característica negativa nos blogs: a crítica feita pelos leitores na seção dos comentários. O fato de ser julgada ou criticada a respeito das questões abordadas por ela no blog, assim como o fato de os leitores não concordarem com suas opiniões, perturbava Patrícia. Parecia que para ela, os elogios e as críticas construtivas eram mais importantes do que as críticas e opiniões que divergissem das suas. Além disso, como ela mencionou, a popularidade adquirida através do blog era um grande atrativo. Esses depoimentos me fizeram questionar a relação dos blogueiros com seus leitores e com as críticas publicadas pelos leitores e por outros blogueiros na seção dos comentários.

A partir da apresentação oral da minha aluna e da minha pesquisa em 2003 entrei no mundo dos blogs e não parei de investigá-los e questioná-los. A pesquisa feita em 2003 trouxe vários novos questionamentos. Por isso, decidi continuar minha investigação e reflexão sobre os blogs e os blogueiros no curso de mestrado em Psicologia Clínica no departamento de Psicologia da PUC-Rio. Não esperava obter respostas para todas as minhas indagações na psicologia. Sabia, no entanto, que ali teria espaço para reflexões profundas e amplas que possivelmente iriam além das questões lingüísticas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

4.1.
Conversando com um blogueiro peculiar

A disciplina Análise do Discurso faz parte da lista de disciplinas eletivas do curso de mestrado em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Enquanto cursava esta disciplina, ministrada pela professora Ana Maria Nicolaci-da-Costa no primeiro semestre de 2004, tive a chance de realizar uma breve pesquisa e uma entrevista-piloto com um blogueiro. Esta entrevista me trouxe uma nova forma de olhar os blogs e os blogueiros e aguçou minha curiosidade.

Ao longo do mês de junho de 2004, selecionei um blog entre aqueles que eu freqüentemente lia. Para tal seleção, além do meu gosto pessoal, segui alguns critérios pré-estabelecidos. Meus critérios para a entrevista-piloto não foram muito rigorosos. As únicas exigências foram: o blog deveria ser brasileiro e estar há mais de um ano no ar, o blogueiro deveria atualizá-lo no mínimo quatro vezes por semana e o blog deveria disponibilizar a seção de comentários. Os três primeiros critérios visavam apreender os impactos do blog na vida de um blogueiro brasileiro que utilizasse a ferramenta com freqüência e por um período relativamente longo. O último critério foi escolhido visando investigar a questão da interação entre leitores e escritores possibilitada pelos blogs. Não fiz nenhuma restrição em relação ao sexo, faixa etária ou profissão do entrevistado. Desta forma, procurei na lista de meus blogs favoritos e não foi muito difícil encontrar um blog que eu freqüentasse como leitora e que se adequasse aos meus critérios estabelecidos.

Enviei uma mensagem de e-mail para o blogueiro escolhido que prontamente a respondeu e se colocou a disposição para uma conversa. Na mensagem, me apresentei e falei brevemente sobre a pesquisa e sobre o meu interesse em fazer uma entrevista com ele, na qual ele falaria sobre seu blog e sobre tudo que estivesse relacionado com este. Além disso, acredito que um dos grandes estímulos que o blogueiro teve para conceder a entrevista foi saber que eu era sua leitora freqüente e que estava ciente dos assuntos tratados por ele em seu blog. Desta forma, combinamos uma conversa informal, on-line e utilizando o programa ICQ[15]. A decisão por uma conversa on-line e em tempo real se deu pela

[15] Este programa de conversação on-line e em tempo real era muito utilizado na época em que esta entrevista foi realizada (06 de junho de 2004). Atualmente (setembro de 2005), ele não é mais usado com freqüência e foi substituído pelo programa MSN, citado anteriormente nesta pesquisa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

facilidade no contato e na realização da entrevista, já que não precisaríamos nos encontrar pessoalmente para gravar os depoimentos. Além disso, o domínio que ambos tínhamos do programa certamente faria com que a conversa fluísse naturalmente e de forma dinâmica. Combinamos um horário e em 06 de junho de 2004 me encontrei com Rubem na Rede e iniciamos nosso bate-papo informal.

Rubem, 30 anos, carioca, formado em história e pós-graduado em jornalismo, mantinha seu blog desde março de 2003 e utilizava a Internet desde 1994. De acordo com ele, não tinha uma profissão definida no momento em que me concedeu a entrevista. Para pagar suas contas atualizava *sites* e ensinava inglês. Para ele, essas duas atividades estavam abaixo de suas reais habilidades, mas o deixava mais disponível para poder fazer o que mais gostava, que era escrever em seu blog. Para a entrevista-piloto, não elaborei um roteiro com a intenção de deixar a conversa fluir naturalmente. No entanto, tinha uma questão com a qual iniciei a conversa: "fale sobre sua decisão de montar seu blog". A partir desta questão a conversa durou quase uma hora e meia e desencadeou uma série de 9 entrevistas com blogueiros que foram feitas logo em seguida. Desta forma, esta investigação é composta de 10 entrevistas, sendo que uma delas é a entrevista-piloto, e esta, será apresentada a seguir.

A entrevista-piloto feita com Rubem me mostrou algumas peculiaridades no mundo dos blogs. O prazer, o conteúdo das publicações e o relacionamento com os leitores parecem ser fatores imprescindíveis na vida do blogueiro. Podemos observar a seguir porque Rubem decidiu criar seu blog:

> "escrevo. queria ser lido."

Além disso, ele menciona as contribuições do blog em sua vida:

> "... estava passando por uma dificuldade pessoal, e fazer o blog me ajudou a pensar em outras coisas"

Rubem nos mostra em seus depoimentos que seu blog representa um local de reflexão constante. No entanto, esta reflexão não é solitária, ela está diretamente ligada aos leitores, que desempenham um papel muito importante para ele:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

> "... sem leitores, um escritor não é ninguém... escrever me ajuda a refletir ter leitores me ajuda a existir... um escritor nao existe sem leitores. é simbiótico. é como um ator sem platéia. não dá. é muito abstrato."

Pude perceber que Rubem não existe sem leitores, como ele mesmo diz: "um escritor não é ninguém sem um leitor". Ele considera os blogueiros escritores e compara as relações destes com os leitores com uma relação simbiótica e dependente, onde um não sobrevive sem o outro. Sendo assim, Rubem se considera um escritor, um escritor que escreve em blogs. Ainda nos depoimentos de Rubem, pude perceber uma contradição. Quando ele diz que seus leitores desempenham um papel essencial em seu blog, inclusive ajudando-o em sua própria existência, imaginei que ele fosse dizer que os depoimentos deixados por eles na caixa de comentários também seriam imprescindíveis. Em contraposição com seu depoimento anterior, ele diz que os comentários não são essenciais:

> "... os comentarios sao importantes pois sao o feedback dos leitores. mas nao sao essenciais. é meio patetico autor ficar mendigando comentario. comentario nao quer dizer tanto assim... o importante é o leitor ler. comentar é um plus simpatico, mas nao é o fundamental... os comentarios nao decidem nada, mas sugerem. muitas vezes, uma resposta minha a um comentario fica tao grande que vira um post."

Podemos notar no trecho acima uma certa contradição em relação à importância dos comentários para Rubem. Inicialmente ele diz que os comentários são importantes, mas não essenciais e posteriormente ele diz que a reposta dada por ele a um comentário pode virar um *post*, decidindo assim, o curso de seu blog. Ao dizer que uma resposta a um comentário pode ficar tão grande e virar um *post*, notamos a explícita importância dos comentários dos leitores na medida em que o escritor tem a chance de utilizá-los para criar um *post* novo. No entanto, na mesma entrevista ele afirma que sem leitores ele não é ninguém, não existe. Como é possível, então, esse relacionamento entre um escritor que não vive sem os leitores e ao mesmo tempo, não considera as opiniões dos mesmos leitores tão relevantes assim? Seria esta uma relação de mão única, onde o blogueiro quer um público que o leia, mas não emita opiniões ou dê sugestões? O que seria o 'fundamental' para Rubem como blogueiro: ser lido ou interagir com os leitores? Rubem mantém o tom contraditório em seu discurso ao mencionar que o diálogo que estabelece em seu blog é entes de tudo com ele mesmo. Como podemos observar a seguir:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

> “meu dialogo é antes de tudo comigo mesmo e eu só preciso, SÓ devo ser fiel a mim mesmo por outro lado, sem leitores, nada faz sentido, mas nao é com eles que estou falando. minha conversa é comigo mesmo, mas eu os convido para participarem.”

Parece complicado compreender a relação que Rubem mantém com os leitores de seu blog. Em um primeiro momento a relação é descrita como simbiótica e fundamental para a sobrevivência dele e de seu blog. No entanto, em um segundo momento da entrevista, seu relacionamento com seus leitores é descrito como um relacionamento pouco estreito e pouco interativo. Ele chega a mencionar que seu diálogo no blog é com ele mesmo e que ele não está falando com os leitores. Os leitores, que inicialmente desempenhavam um papel importante em seu blog, tornaram-se coadjuvantes a partir da metade da entrevista-piloto.

Rubem também me intrigou ao falar sobre a dimensão e o papel negativo que seu blog estava tendo em sua vida e ao afirmar suas intenções futuras. Ele afirma:

> “o blog tornou-se o centro da minha vida o que é péssimo estou observando ele com cuidado, para talvez matá-lo, ou anestesiá-lo se começar a interferir muito... o blog passou a ocupar um espaço grande demais em minha vida e atividades, uma coisa potencialmente nao boa"

No final de sua entrevista, Rubem faz a declaração mais inesperada e que foi responsável por uma das perguntas principais desta dissertação. Ao analisar e comentar a respeito da palavra ‘blogueiro’ e sobre ter um blog, ele diz:

> “... o que escrevo nao tem nada a ver com linguagem de blog. escrevo coisas longas, articuladas, em varias partes. a linguagem da internet é curta, concisa, entrecortada... escrevo na contramão da linguagem internet... o blog é apenas um meio, como livros tb sao um meio, e nao é por isso que rubem fonseca é livreiro: ele é escritor.”

Rubem não se considera um blogueiro, mas um escritor de blogs. O que seria ser um blogueiro então? Seria aquele que usa a linguagem curta, concisa e cheia de abreviações, como ele próprio menciona? Ele faz menção ao fato de que a linguagem dos blogueiros é entrecortada. Faz também uma diferenciação entre os blogueiros e os escritores de blogs, na qual aqueles seriam considerados inferiores em relação a estes. Desta forma, Rubem fez surgir alguns questionamentos que guiarão esta pesquisa. Questionamentos como: quem é esse sujeito que está por trás de um blog? O que significa ter um blog para um blogueiro? O que significa ser um blogueiro?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

4.2.
Ouvindo os blogueiros

Tendo como foco principal as questões surgidas na entrevista-piloto com Rubem, apresentarei, a partir desta seção, todo o desenvolvimento da pesquisa realizada com 9 blogueiros. Para tal, o atual estudo foi feito com base na metodologia de análise do discurso desenvolvida por Nicolaci-da-Costa (1989,1994).

4.2.1.
Objetivos

O principal objetivo deste trabalho foi o de investigar os impactos que o blog, como uma recente ferramenta textual, está exercendo na vida daqueles que o confeccionam. Mais especificamente, meu foco de estudo estava direcionado aos blogueiros brasileiros que mantivessem e, principalmente, atualizassem seus blogs freqüentemente. Em outras palavras, procurei investigar o que representava, para o próprio blogueiro, ter um blog e ser blogueiro.

Busquei, então, desenvolver uma pesquisa qualitativa com objetivo de ouvir a voz dos blogueiros e tentar compreender o que estão pensando e sentindo a respeito desse recente espaço textual que são os blogs.

4.2.2.
Participantes

Além da entrevista-piloto, foram realizadas mais 9 entrevistas individuais com blogueiros, ao longo do primeiro semestre de 2004. Para selecionar os entrevistados, foram estabelecidos alguns critérios de recrutamento: (a) Os participantes deveriam ser brasileiros. Esta exigência se deu por conta dos aspectos culturais, já que me propus a investigar os blogs e os blogueiros

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

brasileiros. Além disso, julguei que uma amostra composta por blogs e blogueiros brasileiros e estrangeiros poderia resultar em uma heterogeneidade muito grande, o que considerei inadequado para este estudo. (b) Para que fosse possível apreender os impactos dos blogs na vida dos blogueiros, estes deveriam ter seus blogs há no mínimo um ano. (c) Os participantes selecionados deveriam manter seus blogs atualizados, renovando seus *posts* e imagens, no mínimo, quatro vezes por semana. Desta forma seria possível entrevistar blogueiros que fizessem uso freqüente da ferramenta. (d) Os blogueiros deveriam ter idades que variassem entre 27 e 42 anos. Tal critério tinha com objetivo investigar como se dava o uso dos blogs em uma determinada faixa etária relativamente distante da adolescência e do diarismo, abordado por alguns pesquisadores e comentado no terceiro capítulo desta pesquisa. (e) Como último critério, os blogs dos entrevistados selecionados deveriam apresentar a seção *comments*, possibilitando assim a interação entre leitores e escritores ou vice-versa e também entre leitores e leitores. Não foram feitas quaisquer restrições quanto ao sexo ou profissão.

Com base nesses critérios, foram recrutados 9 participantes – 6 homens e 3 mulheres – que responderam a mensagens enviadas por e-mail. Tais mensagens, que foram por mim enviadas, convidavam 20 blogueiros, individualmente, a participarem desta pesquisa. Recebi respostas de 16 blogueiros convidados, mas de fato somente 9 me concederam entrevistas. Dos participantes recrutados, um tinha 30 anos, era formado em jornalismo, mas trabalhava como bancário e *webwriter*. De acordo com ele, um *webwriter* é um produtor de conteúdo para *web*, ou seja, além de escrever textos, um *webwriter* necessita dominar linguagens de programação e saber diagramar páginas para a *web*. Dois entrevistados tinham 37 anos, sendo que um era funcionário público (oficial de justiça), com curso superior incompleto e o outro era bancário e formado em direito. Dois eram jornalistas, um com 27 anos e o outro com 42 anos, ambos eram formados em jornalismo e um tinha pós-graduação em Arte e Filosofia. Dois eram advogados, ambos com 27 anos, sendo que um com pós-graduação em direito do consumidor e o outro com pós-graduação em direito empresarial. O oitavo entrevistado tinha 28 anos, era formado em gestão de negócios internacionais e era editor chefe de um portal. O nono e último entrevistado tinha 40 anos era um diretor de conteúdo *web* com ensino médio completo e sem formação superior. Dos 9 entrevistados citados, 3 eram do Rio de Janeiro (RJ), 4 de São Paulo (SP), 1 de Juiz de Fora (MG) e 1 de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Brasília (DF). Todos os entrevistados tinham seus blogs há pelo menos um ano. A todos foram atribuídos nomes fictícios para a preservação de seu anonimato. No entanto, este fato não foi relevante para os participantes desta pesquisa, já que, quando mencionei o anonimato, a maioria disse que estar constantemente exposto fazia parte da rotina de um blogueiro.

4.2.3.
Coleta de dados

Os dados foram coletados por meio de 9 entrevistas individuais de cerca de uma hora e meia de duração cada. Todas as entrevistas foram realizadas pela Internet e os programas escolhidos pelos entrevistados foram o ICQ (*I seek you*) ou MSN (*Messenger*). Ambos são programas de bate-papo on-line e em tempo real. A realização das entrevistas via Internet se deu devido à facilidade no contato com os entrevistados, já que os primeiros contatos com alguns dos participantes foram feitos pelos blogs dos entrevistados através da seção de *comments* ou por e-mails individuais. Além disso, o ICQ e o MSN também me aproximaram dos entrevistados e possibilitaram a realização das entrevistas, já que a maioria dos participantes não morava na mesma cidade que eu. Um outro fator interessante no uso do ICQ e do MSN, foi que todos, entrevistados e entrevistadora, estavam muito à vontade devido ao domínio e familiaridade com os programas de bate-papo, assim como ao uso constante que faziam destes.

Como instrumento de coleta de dados escolhi fazer as entrevistas com roteiro semi-estruturado, construído de acordo com as propostas de Nicolaci-da-Costa (1989). Este roteiro era composto de 11 itens principais a partir dos quais eram geradas perguntas durante a entrevista. Este procedimento tinha como objetivo tornar a entrevista o mais semelhante possível a um bate-papo, ou seja, o mais natural possível. Os 11 itens da entrevista poderiam ser desmembrados em outros para aprofundamento como: “por quê?”, “como?” ou “onde?”. É importante ressaltar que o roteiro era composto de itens/perguntas abertas, sendo assim, poderiam gerar qualquer tipo de resposta.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

O roteiro semi-estruturado era dividido em duas partes. A primeira era composta de perguntas bem delimitadas sobre os dados de identificação dos participantes. Já a segunda parte era composta de itens/perguntas a serem abordados na entrevista. Os tópicos abordados foram os seguintes: a decisão de criar um blog, freqüência de atualização dos *posts*, a importância dos *comments* recebidos, a reação às críticas nos *comments,* a falta de *comments*, o que achava atraente em um blog como leitor, o que achava que atraía seus leitores, como era o entrevistado no blog e fora dele, se ele se considerava blogueiro, o papel do blog na vida do entrevistado e as mudanças que ocorreram após a criação do blog (Neste caso, o entrevistado era primeiramente questionado se havia ocorrido mudanças em sua vida após ter feito o blog. No caso de mudanças terem ocorrido, ele era orientado a falar mais a respeito.)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

4.2.4.
Análise dos Dados

Todo o material coletado foi analisado com base nas técnicas de análise do discurso desenvolvidas por Nicolaci-da-Costa (1989, 1994). De acordo com esta técnica de análise, a primeira etapa é composta pela transcrição das entrevistas feitas, no caso de entrevistas tradicionais (gravadas em áudio). Como no caso das minhas entrevistas, feitas pelo ICQ e pelo MSN, o material já se apresentava por escrito, a análise propriamente dita pode ser iniciada.

Tal análise foi dividida em duas etapas. A primeira foi chamada de análise inter-sujeitos. Nesta todas as respostas de todos os participantes foram reunidas a partir dos itens/perguntas feitos. Sendo assim, todas as respostas dos entrevistados ao primeiro item/pergunta foram analisadas como um bloco. Este procedimento foi adotado com todos os itens/perguntas, até que todos os depoimentos de todos os participantes fossem analisados. Desta forma, pude ter uma visão panorâmica dos depoimentos e as respostas recorrentes nos discursos analisados já indicavam os primeiros resultados. Durante a segunda etapa da análise, chamada de intra-sujeitos, cada entrevista foi analisada individualmente. Nesta etapa, pude procurar

possíveis inconsistências ou contradições nos discursos de cada participante, fornecendo assim, informações essenciais à pesquisa.

4.3.
Resultados

Esta pesquisa mostrou-se bastante produtiva e reveladora de fatos interessantes e inesperados a respeito da relação entre os blogueiros e os blogs. Farei, a seguir, uma divisão por categorias baseada nas colocações reincidentes encontradas nos depoimentos dos blogueiros e apresentarei alguns trechos considerados por mim mais relevantes e interessantes para o presente estudo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

4.3.1.
Boas razões para se criar um blog

Ao refletir sobre os blogueiros parece difícil para mim, que não sou blogueira (apesar de ter confeccionado dois blogs no primeiro semestre de 2004 para me familiarizar com tal ferramenta), imaginar e detectar as possíveis razões que fazem com que uma pessoa decida criar um blog na Internet. Em 2000 e 2001 os blogs que se popularizaram no Brasil eram chamados de diários, no entanto, os blogs desta pesquisa não se caracterizam como tal. Os blogueiros que participaram desta investigação não parecem estar escrevendo exclusivamente sobre si e principalmente para si em seus blogs, como nos diários íntimos. Após a análise dos depoimentos coletados, pude perceber que as palavras diário, diarismo, escrita de si ou segredo não foram mencionadas como características ou definições de seus blogs por nenhum dos sujeitos entrevistados. Os 9 blogueiros entrevistados para este estudo nos mostram que os principais motivos que os levaram a criar seus blogs foram: publicar textos livre e despretensiosamente e, principalmente, saber as opiniões dos leitores sobre os textos publicados. O blog é por eles considerado uma ferramenta propícia para interagir e se comunicar com os leitores, assim como para conhecer pessoas. Isso pode ser observado nos depoimentos a seguir, nos quais os

sujeitos expõem claramente suas razões para terem criado seus blogs. Ítalo, que é funcionário público e tem 37 anos, fala sobre seu principal interesse ao criar seu blog:

> "[me atraiu no blog] o fato de começar a ter contato com pessoas de todos os lugares..." (Ítalo, 37 anos, funcionário público)

O blogueiro Fox, que tem 30 anos e é bancário e *webwriter*, diz que criou seu blog para publicar textos, expor suas idéias e interagir com outras pessoas. Para ele, seu blog funciona como um 'recanto virtual', nos dando assim, a idéia de um lugar agradável e prazeroso:

> "[o blog é] um recanto virtual no qual exponho minhas idéias pessoais, divulgo links e obras... publico algumas experimentações literárias e interajo com outras pessoas." (Fox, 30 anos, bancário e *webwriter*)

Franco, advogado de 27 anos, também fala sobre a exposição de idéias como um dos principais atrativos nos blogs:

> "... vi, logo no começo, que [o blog] era uma ferramenta ótima para divulgar idéias..." (Franco, 27 anos, advogado)

Dois entrevistados mencionam a liberdade de expressão como um dos fatores fundamentais para a confecção e manutenção de seus blogs:

> "... senti que poderia usar o blog como uma ferramenta para descobrir possibilidades de comunicação com outras pessoas - além de exercitar a escrita... [no blog] tenho... liberdade para jogar minhas idéias." (Mota, 27 anos, jornalista)

> "o principal objetivo era e ainda e' ter um espaco de liberdade para publicação. somos jornalistas, estamos acostumadas a publicar, mas nao com a liberdade de escrever o que quisermos." (Dora, 42 anos, jornalista)

Parece que tanto para Mota quanto para Dora, que mantém seu blog com uma amiga que também é jornalista, o blog é uma ótima ferramenta de comunicação, onde eles podem ter total liberdade de expressão. Desta forma, o blog permite que eles escrevam o que quiserem e como quiserem.

Além disso, o blog pode funcionar como um espaço para publicação de textos, possibilitando assim, que escritores, profissionais ou amadores, apresentem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

seus trabalhos para um público de leitores. Eros, diretora de conteúdo *web* de 40 anos, diz o que pensava a respeito dos blogs inicialmente:

> "... achei que [o blog] era uma ferramenta que só adolescentes iriam gostar e jamais pensei que eu ia engrenar nisso... na época, o blog foi criado para a faixa etária, em formato de 'querido diário'. um formato alias, que foi se modificando com a entrada de gente (como eu) que viu no blog uma alternativa de mostrar seus textos despretensiosamente... com o blog, também faço amizades, trocas, leio gente interessante, procuro conhecê-las." (Eros, 40 anos, diretora de conteúdo *web*)

Eros nos deixa claro que os blogs sofreram modificações ao longo do tempo. Para ela, os blogs vêm se desvencilhando do rótulo de 'diários virtuais de adolescentes' a partir do uso da ferramenta por pessoas que estão longe da faixa etária dos adolescentes e que têm uma profissão já estabelecida. Franco parece concordar com Eros ao dizer que o diário íntimo e virtual não é seu principal foco em seu blog. Ele afirma que faz o possível para que seu blog não se assemelhe a um diário:

> "... tento transformar o que seria um diarinho num outro formato - seja ele qual for - que difira do diário puro e simples... gosto de criar" (Franco, 27 anos, advogado)

Ainda sobre a possibilidade de escritores, profissionais ou amadores, divulgarem rapidamente seus trabalhos e sem custos, Maíra, advogada de 27 anos, explica porque criou seu blog:

> "... achei [o blog] uma ferramenta incrível, com grandes possibilidades... e principalmente porque eu dei a sorte de cair em vários blogs de escritores ou pessoas que gostavam muito de literatura, como eu, e me senti 'em casa'... o blog é um veículo onde eu publico textos" (sejam eles literários ou não)." (Maíra, 27 anos, advogada)

Podemos perceber que para Maíra, a principal razão para manter seu blog é a possibilidade de publicar seus textos e ter contato com pessoas que tenham interesse em literatura, como ela. Alguns blogueiros que tinham alguns textos guardados e, possivelmente, não esperavam vê-los publicados (devido à burocracia e aos altos custos necessários para publicação no Brasil), encontraram nos blogs a grande chance de tornar suas produções textuais públicas. Julio, bancário de 37 anos, fala sobre as facilidades de publicação oferecidas pelo blog:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

> "O blog é gratuito, não exige uma assiduidade, o seu público no começo é só você mesmo. Tudo isto me animou a experimentar, Tinha muito excesso de material para publicar e quis ver o que as pessoas que eu admirava achava de tudo aquilo" (Júlio, 37 anos, bancário)

Parece claro que o blog não desempenha a função de diário para os entrevistados desta pesquisa, mas sim, de um grande 'recanto virtual', como nos diz o blogueiro Fox. Este 'recanto virtual' traz a possibilidade para os blogueiros de exporem suas idéias e textos, publicarem e se expressarem livremente, e, acima de tudo, se comunicarem com seus leitores. A exposição de idéias e de textos relevantes será discutida a seguir.

4.3.2.
Postar é ter o que dizer

A grande maioria dos entrevistados enfatiza o fato de não postar (publicar textos) por postar ou publicar por publicar. Eles não querem se manter atualizados para atrair os leitores, eles querem publicar textos interessantes e com um conteúdo que eles consideram relevante. Publicar um *post* novo para os participantes parece estar intimamente ligado a algo prazeroso e muito longe de uma obrigação. Para os participantes, publicar é ter o que dizer, é ter opinião e atitude. Sendo assim, parece que a freqüência com que as publicações são feitas fica em segundo plano em relação à qualidade dos *posts*. Ítalo fala claramente sobre a sua relação com um conteúdo interessante:

> "... tenho atualizado só qdo dá vontade mesmo... pq não quero ficar postando qualquer coisa..." (Ítalo, 37 anos, funcionário público)

Mota, que é jornalista e tem 27 anos, revela o quanto valoriza publicações interessantes e principalmente originais:

> "Abomino coisas 'copiadas', ou quando temos a impressão de que [o blogueiro] 'fez só por fazer', sabe?" (Mota, 27 anos, jornalista)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Fox vai mais longe ao explicitar claramente a diferença entre postar com qualidade e postar para manter-se atualizado para o público de leitores. Ele compara seus *posts* a colunas de jornais:

> "Eu não publico um post apenas por publicar. Se for para dar um "copy-and-paste", publicar uma piada recebida por e-mail ou o resultado de um teste, prefiro deixar meu blog desatualizado. Pensar Enlouquece é como uma espécie de coluna assinada por mim. Meus *posts* têm a forma de artigos, tal qual a coluna do Arthur Dapieve no Globo ou o Mário Prata no Estadão." (Fox, 30 anos, bancário e *webwriter*)

Além do fato de publicarem seus textos quando têm algo relevante a dizer, os entrevistados fazem questão de ressaltar o fato de publicarem textos e atualizarem seus blogs como atividades muito distintas e distantes de uma obrigação em estarem sempre atualizados para os leitores. Parece existir uma preocupação, não somente com o prazer pessoal que o ato de postar os proporciona, mas também com os leitores, que merecem ler algo relevante e interessante e não somente uma cópia de um texto já existente ou um texto criado por pressão de uma instituição à qual se está subordinado. Os blogueiros não estão preocupados com a quantidade de publicações, mas com a qualidade destas. Para eles, a freqüência com que seus textos são publicados não é uma questão relevante. Os blogueiros têm a liberdade para decidir a quantidade e, principalmente, os tópicos que serão abordados em seus blogs. Surge assim, a questão: o que dizem os blogueiros sobre essa liberdade?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

4.3.3.
Prazer e liberdade de expressão

Um outro fator interessante, mencionado pelos blogueiros, que também me chamou muito a atenção foi a questão de postar (publicar textos) por prazer. O fato de estarem publicando seus textos livremente, de escolherem seus temas e principalmente de não se sentirem pressionados a publicar com uma determinada freqüência sobre um tema pré-estabelecido traz uma intensa sensação de prazer e poder para os blogueiros, poder por se sentirem livres para publicar o quê, como,

quando e com a freqüência que quiserem. Sobre publicação com prazer a blogueira Eros afirma:

> "... mas é porque [postar] realmente é meu horario de prazer, escrever e postar, não rola todo dia isso..." (Eros, 40 anos, diretora de conteúdo *web*)

Publicar textos por prazer e não como uma atividade relacionada a uma obrigação constante também foi mencionado por Maíra, que somente publica textos em seu blog quando sente vontade. Como ela mesma diz:

> "... não faço disso [publicar textos no blog] uma obrigação pra mim até pra não perder a graça... o blog é uma coisa que eu atualizo por prazer, não sou remunerada por ninguém pra isso eu nunca me obrigaria (nem que fosse de mim para mim) a fazer algo sem estar com vontade a não ser que fosse trabalho e não é trabalho..." (Maíra, 27 anos, advogada)

Uma outra questão que me parece intrigante é a liberdade de expressão. Os blogueiros disseram encontrar em seus blogs a tão buscada liberdade de expressão, tolhida em grande parte das vezes pelos meios de comunicação e pelos editores. Mota revela isso claramente ao afirmar:

> "... ali [no blog] tenho total liberdade para jogar minhas idéias." (Mota, 27 anos, jornalista)

Dora, que é jornalista e tem 42 anos, também fala a respeito da liberdade de expressão possibilitada pelo blog:

> "... [o blog é um] espaco de liberdade de expressão..." (Dora, 42 anos, jornalista)

Escrever sem regras pré-estabelecidas é o maior atrativo para os blogueiros, como afirma Eros:

> "o blog é uma ferramenta fantástica: vc escreve o que quer, como e quando quer escrever... se vc trabalha num jornal e quer escrever sobre um determinado assunto... um assunto interessante, mas num veiculo de comunicação, voce precisa obedecer uma pauta, uma linha editorial... o blog permite que você simplesmente escreva, sem obeceder nenhuma regra pré-estabelecida." (Eros, 40 anos, diretora de conteúdo *web*)

Para alguns blogueiros, a liberdade de expressão é uma realidade nos blogs, uma realidade buscada e desejada. Os blogueiros estão interessados em

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

publicações livres para um grupo de leitores com o qual podem interagir. Os blogueiros desta pesquisa escrevem e querem ser lidos, e é através da seção dos cometários que os blogueiros e os leitores se encontram. Seria essa interação entre os blogueiros e os leitores realmente possível a partir da seção dos comentários? Como esta seção é vista pelos blogueiros?

4.3.4.
O papel dos comentários

A partir dos depoimentos coletados nas entrevistas pude perceber que os leitores são considerados imprescindíveis para os blogueiros. Os sujeitos falam da importância que dão à seção *comments* e como lidam com críticas, elogios e até com a ausência de comentários por parte de seus leitores. Todos os entrevistados disseram nunca terem tido um *post* que não tivesse sido comentado pelos leitores. Os participantes são sempre lidos e comentados e a seção dos comentários desempenha um papel fundamental par eles. Ítalo, por exemplo, afirma que os comentários podem funcionar como termômetro para ele:

> "[o comment] serve como termômetro pra saber se estou sendo abusado, se estou indo em direção errada, se devia mudar algo" (Ítalo, 37 anos, funcionário público)

Fox compartilha com Ítalo a idéia dos comentários como termômetro, seja de aceitação ou de popularidade. Ele diz que os comentários desempenham um papel relevante nos blogs:

> "Um dos grandes diferenciais na publicação de textos na Web está na imediata repercussão que eles ganham ao entrar no ar. Os primeiros feedbacks chegam poucos minutos após a publicação de um novo texto. Comentários complementam os textos com novos dados, novos pontos de vista, novas argumentações. Além disso, a quantidade de comments recebidos serve para que eu saiba qual foi a aceitação do que eu escrevi, se o texto agradou ou não." (Fox, 30 anos, bancário e *webwriter*)

Júlio também afirma que os comentários funcionam para que ele saiba o efeito que seus textos provocam nos leitores:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

> "Eu adoro [os comments]... Gosto de saber o que as pessoas acharam. Gosto de aprender com o que digo." (Júlio, 37 anos, bancário)

Como mencionado anteriormente, é através da seção de comentários que blogueiros e leitores se encontram. Mota fala sobre a importância dos comentários para a interação que mantém com os leitores:

> "A importância [dos comentários] é total. É a forma mais simples de estabelecer um" elo "com as pessoas que se identificam com o tema... O que faz a diferença é a "rede" de contatos onde o blog se insere. E entre todas as formas em estabelece-los (links, e-mails e afins), a caixinha de comentários é a mais eficiente." (Mota, 27 anos, jornalista)

Dora também menciona a relação que é possível se estabelecer com os leitores através dos blogs. Para ela, esta relação, significa o grande diferencial dos blogs. Dora diz que a seção dos comentários é:

> "fundamental. sem os comments, nao haveria blog. a grande graca e' conversar com os leitores" (Dora, 42 anos, jornalista)

Parece que para os participantes, a seção dos comentários é imprescindível em seus blogs. Os comentários permitem que os blogueiros avaliem o grau de aceitação de seus textos e, principalmente, estabeleçam contato com os leitores. Os entrevistados também se pronunciam sobre os conteúdos dos *comments* que podem ser críticas, elogios, sugestões ou comentários nem sempre tão agradáveis. Estes serão discutidos a seguir.

4.3.5.
A relação dos blogueiros com as críticas e com os elogios dos leitores

Como discutido anteriormente, os blogueiros querem ser lidos e comentados, no entanto, os comentários são muito bem-vindos se forem constituídos preferencialmente por elogios. Ítalo diz que não responde as críticas, que ele chama de 'detonação'. Além disso, ele diz que é raramente criticado:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

> "... nao retruco mensagens de detonação [críticas], se bem que acho que nunca rolou...e não me lembro agora de ter recebido alguma critica que me fizesse pensar mais em alguma coisa." (Ítalo, 37 anos, funcionário público)

Já de acordo com Ricardo a maioria de seus comentários é composta por elogios. Ele diz que também recebe algumas críticas, que analisa e respeita, mas não gosta de ser criticado. Parece que os comentários com elogios são mais valorizados e vistos como mais relevantes:

> "[os comentários são] super importantes... na maioria são elogios, outros são temas que gostaria de ser discutidos e uns pouco de reclamações... vc pode receber mil elogios, mas os que marcam são as criticas... afinal, ninguém gosta de ser criticado..." (Ricardo, 28 anos, editor chefe de um portal na Internet)

Os blogueiros que participaram desta pesquisa querem ser lidos e comentados. No entanto, as críticas recebidas, muitas vezes, não são levadas em consideração e as respostas aos comentários não ocorrem com freqüência.

Maíra, por exemplo, diz que ignora as críticas e que seleciona os *posts* que irá responder:

> "não ligo se alguém disser que não gostou de um texto meu, ou coisa parecida... respondo quando eu acho que merece uma resposta quando há alguma injustiça ou equivoco, um mal entendido que eu quero solucionar..." (Maíra, 27 anos, advogada)

Os participantes dizem que os comentários são importantes, no entanto, os comentários que parecem ser realmente importantes são os elogios. As críticas não são muito bem vindas. Júlio deixa bem claro o papel dos comentários dos leitores em seu depoimento e diz que não faz adaptações com base nas críticas, sendo assim, elas não são levadas em consideração:

> "Mas se não gostar [do que eu escrevo], jamais me moldarei ao gosto de ninguém..." (Júlio, 37 anos, bancário)

Franco afirma que apesar de alguns blogueiros dizerem lidar bem com as críticas, os elogios são mais representativos. Franco é mais explícito em relação aos outros blogueiros quando diz que fica envaidecido quando os leitores comentam seus textos. No entanto, ao receber uma crítica ou um comentário discordando de um texto ou apontando alguma falha, Franco chama os leitores de 'detratores' e diz odiar dar razão a estes.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

> "...eu fico envaidecido [com os comentários]... acho muito legal quando ENTENDEM a piada, acrescentam algo também engraçado etc... isso é uma coisa boa. esse é o tipo de elogio que eu gosto... quando falam mal porque eu errei, e eu vejo que errei mesmo, aí fico putaço... odeio dar razão aos meus detratores - e não acho que sou tão esquisito por isso, né?" (Franco, 27 anos, advogado)

O fato é que a seção de comentários é importante e muito relevante para os blogueiros que querem ser lidos e receber um feedback, preferencialmente positivo, dos leitores. E quando não há comentários sobre algum *post*? Como os blogueiros reagem à falta de *comments* em seus blogs? É sobre esta ausência de comentários nos blogs dos entrevistados que falarei a seguir.

4.3.6.
Onde o silêncio é inexistente

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Ainda em relação aos *comments*, o que me chamou muito a atenção foi o fato de que, para a maioria dos entrevistados, nenhum *post* de seus blogs fica sem comentários, ou seja, jamais ocorreu o silêncio por parte dos leitores em seus blogs. Suas publicações são sempre lidas e comentadas. Fox faz referência até a um número mínimo de comentários:

> "... o caso é que nenhum post do Pensar Enlouquece fica sem pelo menos uma dúzia de comentários." (Fox, 30 anos, bancário e *webwriter*)

Já Ítalo diz o que faria no caso de ausência de *comments* em seu blog:

> "... acho que ia ficar bem chateado [com a falta de *comments*]... talvez nem quisesse atualizarnovamente...pq parece que ninguem te deu atençao naquele momento..." (Ítalo, 37 anos, funcionário público)

Dora também afirma que a ausência de comentários é rara em seu blog. Além de sempre ter comentários, estes são interessantes e com bom conteúdo:

> "olha, eh muito raro o silencio [falta de comentários]. a gente ficou conhecida logo no comeco, e sempre teve comments...mas somos privilegiadas por 2 razoes: sempre tivemos muitos comments e sempre foram de altissimo nível" (Dora,42 anos, jornalista)

Eros também nos fala da sua relação com o silêncio e dos possíveis significados deste:

> "bom... eu não sei... mas pode ser qualquer coisa... pode ser que ninguem tenha gostado...mas isso tambem é um "comentário", não é? não deixa de ser um feed back... eu to aqui tentando me lembrar de algum post sem comment...acho que nunca tive um... todos meus post tem comentarios, nem que sejam um ou dois" (Eros 40 anos, diretora de conteúdo *web*)

Júlio encara o silêncio como algo positivo, ou seja, como se os leitores não tivessem palavras para expressar o quanto gostaram de seu texto:

> "A ausência é sempre um incógnita. Nessas horas me ponho como um leitor e imagino, otimistamente, que gostaram tanto que ficaram sem palavras" (Júlio, 37 anos, bancário)

A relação desses escritores de blog com os comentários positivos parece ser fundamental. Ser comentado e lido são questões fundamentais para os entrevistados desta pesquisa, para os quais o silêncio e a falta de comentários por parte de seus leitores não fazem parte de suas realidades.

Nas seções anteriores vimos que, para alguns blogueiros, publicar textos livremente, ter um espaço para a liberdade de expressão e interagir com os leitores são os principais atrativos dos blogs. É importante então, questionar e investigar esta interação, mencionada pelos participantes. Seria esta interação realmente possível nos blogs?

4.3.7.
Interação nos blogs

Como discutido anteriormente, a seção *comments* é descrita pelos participantes como fundamental e imprescindível para que eles possam se comunicar e interagir com seus leitores. No entanto, curiosamente, a maioria dos blogueiros que participaram deste estudo disse que não responde os comentários. Como pode haver um diálogo entre os blogueiros e os leitores se os comentários

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

destes não são respondidos? Que tipo de relação existe entre os blogueiros e os seus leitores?

Dora diz que não acredita que os leitores estejam no blog para conversar com os blogueiros, mas sim, para conversar entre eles mesmos. Desta forma, ela justifica a ausências de suas respostas aos comentários dos leitores:

> "**[vc responde os comentários?]** nao necessariamente a todos. as pessoas nao estao la [na seção *comments* do blog] para conversar com a gente, mas principalmente para conversar entre si. a nossa participacao e' importante, mas nao determinante. rola muita conversa da qual nao participamos e tudo bem..." (Dora, 42 anos, jornalista)

Fox responde quando possível, pois como diz, seu blogs recebe muitos comentários:

> "[respondo] Quando possível. Tenho sérios problemas com falta de tempo para responder todos os e-mails que recebo. Imagine, então, se eu começar a responder a todos os comentários, um por um, sendo que há... posts que receberam mais 70 comentários." (Fox, 30 anos, bancário e *webwriter*)

Devido à grande popularidade adquirida com seus blogs e ao grande número de leitores, alguns participantes dizem que responder os comentários é uma tarefa inviável. Eros conta porque não responde mais os comentários dos leitores:

> "... eu já respondi muito até dois anos atras eu fazia questão hoje não consigo mais, é inviavel... agora por ex [exemplo], tenho exatos 345 comments acumulados... PURA falta de tempo, mas eu nunca tive mesmo este tempo, é que hoje... os comments quadriplicaram de volume" (Eros, 40 anos, diretora de conteúdo *web*)

Assim como Eros, Maíra costumava responder os comentários no início. Atualmente, ela não os considera indispensáveis:

> "no começo, lá atrás, era muito legal, tinha muito comentário e os próprios comentaristas acabavam ficando amigos e tal. Atualmente, eu gosto mas não é nada imprescindível." (Maíra, 27 anos, advogada)

Franco surpreende ao afirmar que além da falta de tempo, a falta de paciência contribui muito para que ele não responda os comentários:

> "houve época que sim respondia todos [comentários] agora falta tempo e um pouco de saco, confesso" (Franco, 27 anos, advogado)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Na discussão anterior, os participantes deixam claro que a seção dos comentários é o espaço no qual a interação com os leitores ocorre. Em contraposição, os depoimentos desta discussão mostram que a maioria dos participantes não responde os comentários e que estes parecem não desempenhar um papel tão relevante em seus blogs. Como seria possível, então, um diálogo entre os blogueiros e os leitores na seção dos comentários se estes não são respondidos? Podemos dizer que a seção dos comentários nos blogs possibilita realmente uma troca entre escritores e leitores de blogs? Júlio deixa bem claro o papel dos leitores em seu blog em seu depoimento:

> "Não me vejo escrevendo para um público. Com o público, tenho o respeito que tenho pelo cara que senta na cadeira ao lado da minha no cinema Escreverei o público queira ou não, assim como verei o filme, meu vizinho queira ou não... Escrevo apesar do público." (Júlio, 37 anos, bancário)

Parece intrigante e contraditório que a seção dos comentários que, inicialmente, foi descrita como um espaço propícia para a interação, ser descrita como um espaço no qual os blogueiros recebem os comentários somente, sem respondê-los, na maioria das vezes. Enfim, o que realmente significa ter um blog para os sujeitos desta pesquisa? Qual o real significado de blogar[16]?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

4.3.8.
O real significado de blogar

Uma das questões mais interessantes desta pesquisa foi observar o espaço que os blogs têm ocupado na vida desses blogueiros e as mudanças acarretadas em suas vidas após a confecção de seus blogs. O blog parece ser um espaço real, constante e muito presente na vida dos entrevistados. Assim como Rubem, que participou da entrevista piloto e disse que seu blog tinha se tornado o centro de sua vida, os blogueiros entrevistados para esta pesquisa também falam a respeito da importância de seus blogs. Alguns participantes encaram o papel dos blogs em suas vidas de forma mais positiva, outros têm uma visão mais negativa. Todos, no

[16] Blogar é um verbo criado por blogueiros e utilizado no mundo dos blogs. Este verbo se refere àqueles que confeccionam e mantêm blogs, ou seja, aos blogueiros.

entanto, mencionam sua importância. Ítalo é um dos que vêem o blog positivamente:

> "[o blog] é legal, ainda que não converse com todos... eles continuarm sabendo o que estou fazendo, mesmo que tb nao falem comigo, uma coisa meio voyeur... além de ter a coisa da exposição, rola uma brincadeira no meio a respeito de ser meio a sua coluna social pessoal... exposição da sua figura..." (Ítalo, 37 anos, funcionário público)

A questão da popularidade parece ser bem atraente para Ítalo. Ele criou uma expressão que define muito bem o papel que o blog tem para ele: 'coluna social pessoal'. No blog, ele mantém contatos, conhece muitas pessoas, observa, é observado e se expõe. Ele menciona o voyeurismo como uma das características presentes no blog. Este, no entanto, é um voyeurismo que parece atrair os blogueiros e proporcioná-lhes uma certa popularidade.

Ricardo nos conta que com a popularidade adquirida a partir de seu blog, acabou virando um formador de opinião. O reconhecimento e a aceitação são muito valorizados por este blogueiro. Para ele, ser blogueiro significa ser popular e ser referência para seus leitores:

> "[o blog] é ótimo! fiz amigos, sou convidado para eventos acabei virando um formador de opinião sabe... muita gente acessa o meu blog... a popularidade é bacana... eu sempre sou parado em festas, em viagens e etc.Já me reconheceram em varios estados e nos lugares mais diferentes possiveis, mostrando que o meu blog tem um acesso não só de amigos de sao paulo, mas sim de toda uma galera que esta perdida por este mundão e que gosta do meu humor" (Ricardo , 28 anos, editor chefe de um portal na Internet)

Já para Fox, o blog funciona como um canal de vazão de idéias. É uma importante ferramenta para ele, que se define como uma pessoa muito tímida, se relacionar com outras pessoas, se expressar melhor e expor seus textos. É ainda, uma fonte de prazer e liberdade. Assim como Ítalo, Fox criou uma expressão positiva para o seu blog: 'recanto virtual'. Este funciona como local de exposição de idéias, de interação com outras pessoas e também como um local de exposição de seu trabalho, como o próprio blogueiro define, um 'portfólio virtual'. Fox diz:

> "[o blog é] um recanto virtual no qual exponho minhas idéias pessoais, divulgo links e obras que eu julgo que mereçam ser melhor conhecidas, publico algumas experimentações literárias e interajo com outras pessoas...um recanto virtual... serve para que nós possamos expor nossas idéias, interagir com outras pessoas,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

> discordando ou não do que escrevemos. E, ah sim, também serve como uma espécie de portfolio virtual.” (Fox, 30 anos, bancário e *webwriter*)

Além de ser o seu ‘recanto virtual’ ou o seu ‘portfólio virtual’, Fox diz que seu blog funciona como um instrumento para vencer sua timidez e se aproximar das pessoas e fazer novas amizades e contatos. Como ele mesmo diz, ele se expressa melhor escrevendo do que falando. Desta forma, o blog tem sido um grande companheiro em sua vida:

> “Eu sou um cara muito tímido, que possui bem mais facilidade em se expressar escrevendo do que falando... Fiz várias amizades, não apenas virtuais como também "in loco", graças ao meu blog. Também foi ótimo para o meu "networking": já recebi algumas propostas de trabalho graças ao Pensar Enlouquece, principalmente depois que ele foi finalista dos prêmios iBest em 2003 e 2004.Quanto ao papel em minha vida... Sei lá, o blog é meu canal de vazão das idéias que possuo. Gosto de me expressar, e de saber o que as pessoas pensam a respeito do que digo. Mas, se eu decidisse "fechar as portas" de meu blog, minha vida não mudaria nem um pouco, uma vez que ao contrário de certos "diários virtuais", não uso o meu blog como terapia dos meus problemas pessoais.” (Fox, 30 anos, bancário e *webwriter*)

Podemos perceber que, para Fox, seu blog desempenha um papel importante em sua vida profissional e pessoal, trazendo transformações positivas para as duas. Além de chamar o blog de ‘recanto virtual’ e ‘portfólio virtual’, Fox cria um terceiro termo para se referir ao seu blog: ‘canal de vazão de idéias’. Seus depoimentos mostram que o blog trouxe alterações positivas em sua vida, que talvez, não tivessem ocorrido sem a contribuição do seu ‘recanto virtual’ ou de seu ‘canal de vazão de idéias’. No entanto, ele faz questão de enfatizar que não considera seu blog um diário virtual no qual faz um tipo de terapia coletiva.

Maíra concorda com Fox e diz que não considera seu blog um diário virtual, mas sim um espaço para comunicação e publicação:

> “hoje em dia é um espaço que eu tenho pra me comunicar com os leitores, pra publicar bobagens sem valor literário ou sem pretensão, pra publicar às vezes algum conto ou crônica que eu não tenho onde publicar, pra saber a opinião das pessoas sobre algumas coisas (via comments), e por aí vai... [meu blog] é um espaço mutante...” (Maíra, 27 anos, advogada)

Maíra prossegue dizendo que seu blog é responsável por transformações relevantes em sua vida:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

> "a principal [transformação] ... eu diria que foi encontrar muita gente que tinha os mesmos gostos que eu... fiz muitos amigos comecei a escrever mais, ler mais, ter prazer em conversar sobre isso com os amigos novos, coisa que eu não tinha com os antigos...e bem, me separei de um casamento/relacionamento de 8 anos... e arrumei um namorado novo também blogueiro" (Maíra, 27 anos, advogada)

Dora também menciona as transformações causadas pelo blog:

> "... eu passei a direcionar mais o meu interesse ao tema [discutido no blog], eu experimentei outros pontos de vista sobre os assuntos de relacionamento que discutimos, eu conheci outras pessoas, fiz uma boa amiga, me aproximei de gente que nao conviveria comigo offline, escrevi um livro..." (Dora, 42 anos, jornalista)

Mota nos fala que blogar é como ter uma 'válvula de escape', ou seja, um local onde ele relaxa, esquece as pressões do dia-a-dia e tem muito prazer:

> "... o blog funciona como uma "válvula de escape". Sempre que eu me vejo em uma situação complexa demais, por exemplo, recorro a ele... Funciona como 'levantar da cadeira e tomar um café' " (Mota, 27 anos, jornalista)

A partir do depoimento de Mota, temos mais um indício do prazer que os blogs proporcionam aos seus escritores, prazer este, comparado por Mota a levantar e tomar um café. Tal metáfora é interessante, pois, levantar e tomar um café equivale a sentar e escrever um *post* para Mota. Eros também fala sobre o prazer que o blog proporciona para ela, blogar é um momento de prazer em sua vida. Ela complementa mencionando sua preocupação em agradar seus leitores:

> "blog é lazer, prazer, faço com responsabilidade porque quero quero que as pessoas gostem, acho fundamental respeitar o leitor..." (Eros, 40 anos, diretora de conteúdo *web*)

Sobre o prazer e o papel do blog em sua vida, Dora propõe uma equação interessante:

> "paixão pela escrita + liberdade + interação + debate... debate sobre relacionamentos..." (Dora, 42 anos, jornalista)

Franco descreve uma peculiaridade em seu blog, que não foi mencionada por nenhum outro entrevistado: seu blog é um espaço onde ele faz sua própria imagem. Curiosamente, a imagem projetada no blog é bem diferente da real. Ele diz:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

> "no blog sou arrogante sou sabichão acerto sempre na vida real eu sou normal quando eu erro, faço meia dúzia de piadas e transformo o erro em acerto no blog to sempre certo sempre é bom me apoiar...na vida real não... é como eu me projeto... como eu faço minha própria imagem, mas de forma a me tornar mais atraente para o leitor..." (Franco, 27 anos, advogado)

Diferentemente dos outros entrevistados, Franco parece estar escrevendo para um público específico e tentando atraí-lo assumindo uma postura diferente da sua fora do blog. Em seu blog ele quer se mostrar sempre superior, arrogante e agressivo para atrair reações dos leitores e possivelmente um debate.

Coluna social particular, canal de vazão, recanto virtual, válvula de escape, formador de opinião, espaço mutante pessoal ou projeção pessoal, o fato é que o blog desempenha um papel importante e relevante na vida dos blogueiros entrevistados. As escolhas lexicais feitas pelos blogueiros, durante as entrevistas, nos comprovam, que mais do que um espaço de comunicação, publicação e interação, o blog é um espaço de imenso prazer pessoal. Quem é, então, esse sujeito que sente prazer em escrever blogs?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

4.3.9.
Tenho um blog, não sou blogueiro?

Inegavelmente, o blog é um prazer pessoal para aqueles que o escrevem. Porém, o fato mais surpreendente e inesperado das entrevistas foram os depoimentos relacionados ao rótulo blogueiro. Aqueles que possuem blogs e os mantêm atualizados constantemente são conhecidos na Rede como blogueiros. Mas, no decorrer das entrevistas, a palavra blogueiro foi caracterizada como um termo inadequado para defini-los. Durante a entrevista-piloto com Rubem, pude perceber que ser chamado de blogueiro por ter um blog era algo que não lhe agradava, assim como, de acordo com ele, não o descrevia. Rubem se considera escritor de blogs e não blogueiro, um escritor que escreve em blogs. Este depoimento me intrigou e me fez questionar a respeito do que os outros blogueiros pensavam do rótulo blogueiro. O que é ser blogueiro no mundo dos blogs? Assim como na entrevista-piloto com Rubem, tive algumas surpresas ao ouvir as opiniões dos 9 participantes a respeito do rótulo blogueiro. Como podemos observar em

alguns trechos, a maioria dos entrevistados desta pesquisa também não se considera blogueiro. Dora afirma que o termo não explica o que ela faz em seu blog:

> "o conceito de blogueiro é o de uma comunidade que, a meu ver, não existe... a ferramenta blog permite inúmeros tipos de uso. eu posso fazer um blog entre uma equipe de trabalho que esteja desenvolvendo juntos um projeto, por ex. [exemplo] isso é um blog, e ao mesmo tempo não tem nada a ver com ser 'blogueiro'... eu nao posso ser considerada "blogueira" como um jornalista nos EUA que cobre as eleicoes, e tb nao sou "blogueira" como uma menina de 17 anos que vai pra web contar suas desilusoes amorosas.. .[o termo blogueiro] não me incomoda, só não me explica..." (Dora, 42 anos, jornalista)

Eros acredita que o rótulo reduz o real sentido de blogar, diz se considerar blogueira, apesar da idade, mas também cronista. No entanto, ela afirma que não relaciona mais os blogs apenas com adolescentes, como fazia inicialmente, e acredita que esse vínculo entre os blogs e adolescentes não existe mais atualmente:

> "acho que sou uma blogueira sim, uma cronista também... eu acho que se escrevo num blog e interajo com outro blogs, posso dizer que sou uma blogueira...só acho engraçado...porque reduz um pouco o sentido de "blogar"... que para mim é escrever, pra você pode ser contar sua nota na prova de matemática mas sim, eu sou uma blogueira - talvez eu ace engraçado em função da minha idade... não relaciono mais o blog apenas com adolescentes... eu até acho que os adolescentes não estão mais nessa, já descobriram outras coisas" (Eros, 40 anos, diretora de conteúdo *web*)

Para Júlio, a liberdade encontrada no blog pode fazer com que qualquer um possa ser blogueiro. O termo para ele também não explica a atividade que exerce:

> "Sim, quem tem blog é blogueiro. Assim como quem tem uma coluna é colunista. O fato do blog nos dá uma liberdade muito grande, torna o termo blogueiro muito sem significado" (Júlio, 37 anos, bancário)

Maíra se considera uma escritora que tem um blog ou uma advogada que tem um blog:

> "... o blog é um veículo onde eu publico textos (sejam eles literários ou não). Além do blog, eu também escrevo em caderno e ninguém me chama de "caderneira" ou coisa parecida... acho que é esse o ponto que as pessoas não gostam ou implicam...eu tenho um blog, sim, mas eu sou uma escritora que tem um blog, ou uma advogada que tem um blog, como queira" (Maíra, 27 anos, advogada)

Diferentemente da maioria dos entrevistados, Franco se considera um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

blogueiro, mas tem uma opinião bem peculiar a respeito daqueles que se consideram escritores de blogs, que para ele, ainda são mais blogueiros do que escritores:

> "... eu atualizo meu blog diariamente... eu sou, além de outras coisas, também um blogueiro... mesmo os escritores... que usam o blog pra se projetar sáo na verdade uma piada... porque eles na verdade são mais blogueiros que escritores...é não ter uma história pra contar num livro, não conseguir criar um enredo decente, então simplesmente encaderna-se o blog sob pretexto de fazer uma 'nova literatura'... não é por isso que a pessoa está autorizada a dizer que seja um escritor e cometer o ATREVIMENTO de publicar um 'romance'... " (Franco, 27 anos, advogado)

Existe, portanto uma diferença entre blogueiros e escritores de blogs? Para a maioria dos sujeitos desta pesquisa a diferença é significante. No entanto, Franco critica duramente os blogueiros que se consideram escritores e diz que o que eles escrevem não tem qualidade suficiente para ser considerado um texto literário. Ele complementa dizendo que ainda não encontrou nos blogs textos com qualidades suficientes para serem considerados literários ou exemplares de uma nova literatura. Podemos dizer que existe uma 'nova literatura' feita por 'novos escritores', que interagem com os leitores a partir dos blogs?

Talvez ainda seja um pouco prematuro tentar encontrar respostas para todas as questões levantadas a partir dos depoimentos dos sujeitos desta pesquisa. No entanto, os depoimentos deixaram transparecer que os blogs vêm desempenhando papéis importantes na vida daqueles que os escrevem, tanto no âmbito pessoal, quanto no âmbito profissional. Desta forma, os ricos e variados resultados acima apresentados serão discutidos no próximo capítulo. Neste, procurarei relacionar os capítulos teóricos com os resultados desta pesquisa, ou seja, com a voz dos blogueiros.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

5.
Várias possibilidades, mas ainda um sonho

"Mas então, o que é escrever? Designo por escritura a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado." (Certeau, 1994, p.225)

No capítulo anterior apresentei, em detalhes, os principais resultados da pesquisa de campo que realizei com blogueiros. No presente capítulo, cabe discutir tais resultados e relacioná-los aos capítulos teóricos desta pesquisa.

5.1.
Um espaço mutante

Como vimos no segundo capítulo, alguns pesquisadores como Lemos (2002), Recuero (2002a, 2002b), Prange (2002), Silva (2003), Oliveira (2002, 2003) e Schittine (2004), caracterizam os blogs como diários virtuais. Além disso, alguns blogueiros e a mídia on-line e off-line reforçam esta idéia do blog como um espaço para a 'escrita de si'. No entanto, ao analisar o discurso dos blogueiros que participaram desta pesquisa pude perceber que eles não parecem estar escrevendo exclusivamente sobre si e, principalmente, para si.

Retomemos duas falas representativas nas quais os entrevistados enfatizam a distinção entre seus blogs e os diários virtuais:

> "... tento transformar o que seria um diarinho num outro formato - seja ele qual for - que difira do diário puro e simples..." (Franco, 27 anos, advogado)

> "... não uso o meu blog como terapia dos meus problemas pessoais." (Fox, 30 anos, bancário e *webwriter*)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

Ao contrário do que é afirmado pela maioria dos pesquisadores, os blogueiros desta pesquisa parecem querer se desvencilhar do rótulo de diaristas virtuais. Seu discurso indica que, para eles, este rótulo diminui, reduz, simplifica e minimiza o real valor do blog em suas vidas. Além disso, eles afirmam que não relatam experiências confessionais ou usam seus blogs como um espaço para terapia. Os entrevistados querem criar, ser diferentes e inovadores acima de tudo. Eles mostram que existem várias possibilidades nos blogs que diferem do simples diarismo. Uma das entrevistadas, Eros, inclusive afirma que o formato do blog como 'querido diário' vem se modificando a partir da entrada de blogueiros, como aqueles entrevistados nesta pesquisa, que vêem no blog um excelente espaço para a livre publicação de seus textos e para a interação com leitores e outros blogueiros.

De acordo com os participantes desta investigação, 'diário', 'diarismo', 'escrita de si', 'confissões', 'divã' e 'terapia' são termos inadequados para definir seus blogs, assim como os seus objetivos ao escrevê-los. Por oposição a esses termos, pude perceber que os termos 'prazer', 'liberdade', 'interação' e 'publicação' foram constantemente usados nos depoimentos. Os blogs representam para esses blogueiros uma imensa fonte de prazer e de liberdade de expressão. É um espaço no qual eles podem publicar seus textos livremente, interagir com os leitores, conhecer pessoas, expor seus trabalhos, fazer contatos, etc. Os termos usados pelos blogueiros ao se referirem aos seus blogs deixam clara essa relação de prazer mencionada e o importante papel que os blogs desempenham em suas vidas.

Fox se refere ao seu blog como um 'recanto virtual', 'canal de vazão de idéias' ou 'portfólio virtual', no qual ele expõe idéias, textos, trabalhos, interage com muitas pessoas e faz novos contatos. Para Ítalo, seu blog é sua 'coluna social pessoal' que permite que ele se exponha, conheça pessoas novas e interessantes e se torne popular e até mesmo uma referência para os leitores. Um outro termo interessante para se referir ao próprio blog que me chamou muito a atenção foi usado por Mota. Ele chama seu blog de 'válvula de escape', por meio da qual ele relaxa das pressões diárias. Como ele mesmo diz, blogar significa levantar e tomar um cafezinho, ou seja, desviar-se das preocupações. No entanto, um termo resume todos esses papéis dos blogs: 'espaço mutante'. Este 'espaço mutante' oferece uma infinidade de possibilidades aos blogueiros. Eles podem se comunicar com leitores, publicar, encontrar e conhecer pessoas, etc. Neste leque de possibilidades, pelo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

menos na opinião dos blogueiros entrevistados, não há, contudo, espaço para os diários.

A liberdade de publicar qualquer tipo de texto, sobre os mais variados assuntos, sem uma freqüência pré-determinada e com uma linguagem livre, provoca nos entrevistados essa sensação de prazer. A possibilidade de interagir com os leitores, sem intermediários, também é por eles apontada como um dos principais atrativos dos blogs. Desta forma, ao menos em princípio, o blog permite que a liberdade de expressão e a livre comunicação e interação ocorram.

Seria, assim, a comunicação universal, tão desejada por Kant e discutida no primeiro capítulo, possível de se concretizar nos blogs? Os blogueiros afirmam que os blogs lhes possibilitam um contato direto com os leitores. No entanto, estaria a comunicação livre e universal entre escritores e leitores realmente ocorrendo por meio dos blogs? O sonho de Kant finalmente se concretiza na contemporaneidade?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

5.2.
Sensações ou realidades?

Uma das questões mais interessantes surgidas nos depoimentos dos entrevistados foi a liberdade de expressão que eles conquistaram em seus blogs. Esta liberdade de expressão está diretamente relacionada à eliminação dos intermediários que existiam nas eras do rolo e do códice. Nestas eras, como discutido no segundo capítulo, Chartier afirma que os escritores dependiam da ajuda de outros profissionais da escrita como escribas, tipógrafos, impressores, corretores ou editores. Os blogs dispensam estes profissionais, assim como também dispensam uma pauta pré-determinada. Os blogueiros têm a liberdade e a autonomia de exercer a função de todos esses profissionais da escrita ao mesmo tempo. Eles podem lançar suas idéias e escrever o que, como e quando quiserem sem precisar obedecer a uma pauta ou linha editorial, ou seja, sem precisar obedecer a nenhuma regra pré-estabelecida.

Os blogs constituem espaços de libertação, onde os escritores se expressam sem a preocupação em enfrentar obstáculos ou resistências antes da publicação de um texto, obstáculos estes que podem se manifestar através de críticas ou censuras feitas por revisores, editores, redatores, críticos literários ou por alguma

instituição legitimada para tal.

Não ser tolhido: parece estar aqui a grande liberdade e conseqüentemente um dos grandes prazeres do ato de escrever blogs. Nestes, os blogueiros se vêem livres das relações hierárquicas que constituem os processos de publicação de textos e descobrem o poder, além da liberdade e do prazer. No entanto, devemos nos questionar a respeito dessa liberdade de expressão e de sua consolidação nos blogs.

Publicar sem julgamentos e avaliações de especialistas traz a tão almejada liberdade de expressão para aqueles que escrevem. Com esta vem o prazer constante em escrever. Porém, seria essa liberdade de expressão uma realidade ou simplesmente uma sensação de que se pode publicar sem necessitar do crivo de pessoas ou instituições especializadas e sem correr os riscos da rejeição? Creio que essa liberdade pode ser uma sensação que os blogueiros têm, devido ao fato de não serem julgados por profissionais do texto antes de terem suas produções publicadas. A liberdade de expressão é conquistada por conta da inexistência da crítica de profissionais do texto. E as críticas dos leitores?

A seção dos comentários abre espaço para os julgamentos e para as críticas dos leitores. Para os blogueiros, os julgamentos ou avaliações provenientes do público de leitores não chegam a ameaçar a liberdade obtida no blog. Isso porque a maioria dos entrevistados revela não considerar as críticas feitas pelos leitores nem tampouco responder aos seus comentários, principalmente quando se tratam de críticas. Os entrevistados dizem que escreverão sempre, independentemente dos julgamentos dos leitores. Passar ou não pelo crivo dos leitores, não tolhe os escritores. Também não faz com que estes deixem de se expressar livremente ou que percam a sensação de liberdade aparentemente conquistada nos blogs. Os blogueiros mostram que trilhar o caminho dos blogs pode levá-los a se projetarem como escritores em um meio aparentemente democrático.

Pode-se argumentar, no entanto, que o excesso de liberdade e autonomia que esse espaço de publicação proporciona aos blogueiros pode levá-los a um caminho diferente. Um caminho no qual seus textos só fazem sentido para eles mesmos, onde o leitor não é levado em consideração como crítico e onde a relação dialógica é inexistente. Como mencionado no segundo capítulo, Chartier (1998, p.11) afirma: "... um texto só existe se houver um leitor para lhe dar significado." Os blogs dispensam os profissionais do texto e abrem um relevante espaço para os

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

leitores se manifestarem, darem suas opiniões e fazerem suas críticas em relação aos textos dos blogueiros. Os depoimentos coletados nesta pesquisa, contudo, nos mostram que os blogueiros não estão realmente ouvindo os leitores através da seção dos comentários. Sendo assim, o que os blogueiros ouvem na seção dos comentários? Que tipo de relação eles estão tendo com esta seção?

5.3.
Ouvindo ecos

Os blogueiros investigados afirmaram que a seção dos comentários é imprescindível. Seus depoimentos revelam que os comentários dos leitores, muitas vezes, complementam um post e possibilitam que o blogueiro conheça a aceitação que seus textos estão tendo e o impacto destes sobre os leitores. Desta forma, alguns mostraram que os comentários dos leitores podem direcionar o blog, virar tema de um *post* futuro e, certamente, contribuir para a evolução do blogueiro como escritor.

A seção dos comentários é descrita como um elo eficiente entre os blogueiros e os leitores. Alguns blogueiros chegam até a afirmar que, sem essa seção, seus blogs não existiriam. Ter comentários a respeito de um *post* significa aceitação, popularidade e interação com os leitores. Para alguns, os comentários são alimento para a vaidade. A seção dos comentários pode, portanto, desempenhar, nos blogs, o papel do espaço de concretização da comunicação universal.

No entanto, apesar do espaço dos comentários ter sido descrito pelos blogueiros entrevistados como o grande diferencial dos blogs e ser considerado imprescindível por alguns deles, esse mesmo espaço parece se tornar dispensável quando seu conteúdo é constituído por críticas. Como podemos observar na fala a seguir:

> "... não ligo se alguém disser que não gostou de um texto meu, ou coisa parecida... respondo quando eu acho que merece uma resposta..." (Maíra, 27 anos, advogada)

A maioria dos entrevistados revelou não gostar de receber críticas, o que é compreensível, pois o ser humano normalmente não lida bem com as críticas que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

recebe. No entanto, as falas dos blogueiros investigados mostram que eles geralmente sequer respondem aos comentários e, quando o fazem, selecionam alguns poucos. Alguns entrevistados assim procedem por falta de tempo, outros por terem um volume muito grande de comentários e não terem 'saco' para responder, como diz Franco, e outros pela conveniência de ignorar os julgamentos dos leitores. Enfim, o fato é que os depoimentos a respeito da seção dos comentários se mostram extremamente contraditórios. Os depoimentos de Dora são um bom exemplo disso:

> "... sem os comments, nao haveria blog. a grande graca e' conversar com os leitores" (Dora, 42 anos, jornalista)

> "... as pessoas nao estao la para conversar com a gente, mas principalmente para conversar entre si..." (Dora, 42 anos, jornalista)

Primeiramente ela afirma que os comentários são essenciais e que um dos grandes atrativos dos blogs é a possibilidade de interagir com os leitores. Mas, na mesma entrevista, ela afirma que os leitores estão nos blogs para conversar entre si e que a participação dos blogueiros nas conversas mantidas na seção dos *comments* não é tão relevante. Como Dora, outros blogueiros caem em contradição dizendo que os comentários são imprescindíveis, mas não são respondidos, ou então, somente são respondidos aqueles comentários "merecedores" de resposta. O que é um comentário merecedor de resposta? Os blogueiros dizem que não gostam de críticas, que não respondem à maioria delas e que preferem os elogios. Desta forma, pode-se imaginar que os comentários merecedores de respostas são os comentários positivos.

Ao que os dados coletados indicam, a seção dos *comments*, que em princípio poderia funcionar como um espaço de interação entre escritores e leitores, representa para os entrevistados somente um eco de suas próprias vozes. Os elogios exercem a função de confirmar e aumentar o poder discursivo dos escritores de blogs, fazendo com que estes continuem a escrever, motivados, muitas vezes, pela força de suas próprias vozes ouvidas no discurso dos outros, que são os leitores. As críticas podem incomodar alguns blogueiros, mas não são suficientes para incitar um debate a respeito de um tema abordado em um *post*. Conseqüentemente, estaria realmente ocorrendo um diálogo entre escritores e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

leitores através da seção dos *comments*? Ou estariam os blogueiros ouvindo somente seus próprios ecos nesta seção?

Franco nos deixa claro que sua vaidade é aguçada pelos elogios recebidos. Para este blogueiro, os *leitores* de blogs não estão em uma posição de igualdade em relação aos *escritores* de blogs no discurso. Sendo assim, o diálogo torna-se inviável e pouco provável. Franco chama os leitores de 'detratores' e diz odiar dar razão a eles, principalmente quando eles realmente têm razão. O leitor é bem-vindo e admirado caso não abale a reputação do escritor ou deprecie seu mérito. A seção dos *comments* pode facilmente deixar de ser uma possibilidade de relação dialógica e democrática entre escritores e leitores para tornar-se simplesmente um instrumento de expressão de poder por parte do escritor que decide ignorar os comentários e sugestões que divergem de suas opiniões ou reflexões.

Outro ponto interessante e bastante mencionado durante os depoimentos que falam especificamente sobre a interação nos blogs, é o fato de todos os blogueiros entrevistados afirmarem que seus *posts* são sempre comentados. Os blogueiros afirmam que nunca ocorreu o silêncio por parte dos leitores em seus blogs. Ser comentado sempre é um fato que envaidece e faz com que o blogueiro se sinta em uma posição de poder e superioridade em relação aos leitores. Não ter um público de leitores parece ser uma possibilidade inviável no mundo dos blogs. Os depoimentos dos participantes desta pesquisa nos revelam claramente a relação hierárquica que existe entre escritores e leitores. Como já mencionado, estes são considerados inferiores em relação aos blogueiros, que possuem o status e o poder por serem aqueles que dominam e detêm o espaço textual.

A pouca tolerância às críticas e ao silêncio em contraste com o desejo de ser lido parece indicar que, para o blogueiro, seu status é intocável na medida em que se considera "livre" de julgamentos e avaliações. Serem lidos, acessados e comentados parecem ser os principais objetivos dos escritores de blogs, que assim, reforçam e confirmam a condição e o status de escritores que consideram ter adquirido a partir de seus blogs. Enfim, mais do que a realização do sonho de Kant, os resultados desta pesquisa sugerem que o blog faculta aos blogueiros a ilusão de que adquiriram o status de escritor sem os ônus de tal atividade, ou seja, sem as críticas, sem os editores.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

5.4.
A multiplicidade de um termo

Provavelmente, o fato da palavra 'blogueiro' ainda estar relacionada aos diários íntimos faz com que os sujeitos desta pesquisa considerem tal termo pejorativo e impróprio para caracterizá-los. Ser um escritor, sempre foi uma atividade muito glamorosa e de alto status no Brasil, uma atividade definitivamente cheia de encantos e mistérios que exerce um certo magnetismo nos leitores e no público em geral. Além disso, o escritor é aquele que domina e controla o discurso. Ser comparado a um diarista virtual que narra suas experiências confessionais não parece uma opção muito atraente para os participantes. Porém, como os entrevistados não consideram seus blogs espaços confessionais, onde escrevem sobre si, também não se consideram blogueiros. Ser um escritor que publica textos em um blog parece mais atraente e caracteriza, para alguns blogueiros, as atividades que exercem em seus blogs.

Rubem, que participou da entrevista piloto, foi o primeiro a mencionar o fato de não se considerar blogueiro. Ele manifestou sua objeção à palavra 'blogueiro' durante a entrevista e em um *post* publicado em seu blog poucos minutos após ter me concedido a entrevista. Este *post* me fez refletir e considerar a possibilidade do surgimento de um novo tipo de escritor e de uma nova forma de publicação literária. Eis o que Rubem publicou em seu blog:

> "Domingo, Junho 06, 2004 Posted 21:23 by Rubem Blogueiros e Livreiros
>
> Escrevo e publico em blogs. Me chamam de blogueiro. Rubem Fonseca escreve e publica em livros. Alguém chama ele de livreiro? Sou escritor. O blog é só o meio. Esse assunto surgiu em uma conversa e eu na hora estalei: Isso dá um post. E ela: Ará! Viu? Você é um blogueiro! E eu: Não. Em outros tempos, eu diria: isso dá uma crônica. Mas o texto final seria o mesmo."

O *post* de Rubem desencadeou uma série de questionamentos e indagações a respeito do papel do blogueiro e do que realmente este termo representa para aqueles que escrevem blogs. Os participantes nos mostram que eles não estão de acordo com o termo blogueiro e consideram este inadequado para descrevê-los. Possivelmente, o fato de os participantes se considerarem escritores faz com que estes não concordem com um termo tão generalizante para defini-los. Como os

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

próprios entrevistados afirmam, blogueiro pode ser qualquer pessoa que utilize a ferramenta blog para publicar textos, que podem ser tanto confissões de uma adolescente quanto um texto jornalístico escrito por um profissional ligado a um jornal conceituado. O fato é que o termo blogueiro realmente é um termo que generaliza e nivela os textos encontrados nos blogs, assim como aqueles que os escrevem. No entanto, é um termo, que oferece uma liberdade muito grande e inúmeras possibilidades aqueles que escrevem, mas, por outro lado, é também um termo sem um significado específico já que pode se referir a qualquer pessoa que escreva qualquer tipo de texto nos blogs. E é este fato que parece incomodar os participantes desta pesquisa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

5.5.
Um sonho ainda não concretizado

Como apresentado no segundo capítulo, Chartier descreve a tela do computador como uma das grandes revoluções nos suportes de escrita e de leitura na história da cultura escrita. Chartier discute também as alterações nas relações entre os escritores com suas produções textuais, entre os leitores e os textos lidos e entre os escritores e os leitores. No que diz respeito a esta última relação, ele nos faz crer na possibilidade de uma real interação entre escritores e leitores a partir da tela do computador como suporte textual. Para ele, a 'terceira revolução do livro', ou seja, o surgimento da textualidade eletrônica, tem o potencial de tornar possível uma concreta interação entre os escritores e os leitores. Esta possibilidade de interação, por sua vez, traz de volta o sonho de Kant, a utopia da comunicação universal que não se concretizou no Iluminismo. Pode ser que este sonho ainda se concretize, mas, ao que os resultados da pesquisa que acaba de ser apresentada indicam, este sonho ainda não se tornou realidade a partir dos blogs investigados. Estes nos mostraram que os blogueiros desta pesquisa não parecem abrir espaço para um real diálogo com seus leitores. A possibilidade de uma relação dialógica com os leitores não se realiza a partir do momento que os comentários dos leitores não são respondidos pelos blogueiros.

O grande prazer em blogar, mencionado pela grande maioria dos participantes parecia ser resultado da possibilidade de interação com os leitores. No entanto, o

prazer dos blogueiros vem, na realidade, da autonomia em poder fazer todas as escolhas relacionadas à publicação. Escolhas que englobam o tema, a linguagem, a extensão do texto, a freqüência de publicação e, principalmente, as críticas e os julgamentos que serão levados em consideração. Sendo assim, blogar possibilita a garantia da "aceitação" constante e da isenção de julgamentos e críticas. Os resultados desta pesquisa nos mostraram que o sonho de Kant não se concretiza, no entanto, nos deu a certeza de que a sensação de liberdade e de intocabilidade já são realidades para os blogueiros deste estudo.

Ainda não é possível generalizar e afirmar que o sonho de Kant não é possível de se concretizar nos blogs. Esta pesquisa é apenas a ponta do iceberg que dá indícios de ainda estarmos distante desse sonho. Mais do que respostas, este trabalho traz novos questionamentos relevantes e que possivelmente ajudarão a compreender as relações entre os escritores e seus leitores, principalmente, neste espaço textual tão recente chamado blog.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

6.
Referências bibliográficas

ABREU, R. A. S. **A Internet na prática docente**: desafios e conflitos para os educadores. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BARGER, J. ***Weblog* resources FAQ.** setembro 1999. Disponível em: <http://www.robotwisdow.com/weblogs>. Acesso em junho 2005.

BERGER, P. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

BORGES, J. L. **O livro de areia**. Rio de Janeiro: Globo, 1984.

---------- **Borges Oral**. Madri: Alianza, 1978.

---------- Magias parciales Del Quijote. In: **Otras Inquisiciones**. Madrid: Alianza Editoral, 1952.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. **Formas e sentido. Cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

---------- **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

---------- **Cultura escrita, literatura e história***:* conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

---------- Readers and Readings in the Electronic Age. 2001. Disponível em: <http://www.text-e.org/conf/index.cfm?ConfText_ID=5>. Acesso em: março 2005.

---------- **A aventura do livro**: do leitor ao navegador*.* São Paulo: Editora UNESP, 1999.

---------- **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

---------- **Forms and meanings**: texts performances, and audiences from codex to computer. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.

CHARTIER, R.; Guglielmo. C. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, R.; Paire. A. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COSTA, A. C. A. **IRC**: Uma nova alternativa para as relações entre as pessoas. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CUQUEJO, P. M. **Formas rizomáticas na Internet**: escrita/leitura no mundo digital. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DARNTON, R. The new age of the book. In: **The New York Review of Books**, v. 46, n. 5, março 1999. Disponível em: <http://www.nybooks.com/articles/546>. Acesso em: março 2005.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

DI LUCCIO, F. **Blogs**: um novo fenômeno lingüístico e a construção de novas identidades. 2003. Monografia (Especialização em Português para Estrangeiros) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DIAS, M. C. P. Português falado/ português escrito: implicações e interferências na interação através de redes. In: Gärtner, E.; Hunt, C.; Schönberger, A. **Estudos de lingüística textual do português**. Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. 231-250.

ECO, U. From Internet to Gutenberg. In: **The Italian Academy for Advanced Studies in America** (trabalho apresentado em evento). Nov. 1996. Disponível em: <http://www.hf.ntnu.no/anv/Finnbo/tekster/Eco/Internet.htm>. Acesso em: maio 2005.

FERREIRA, A, B, H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FREITAS, M.T.A. A escrita de adolescentes na Internet. In: **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, v.12, n. 2, 2000, p. 171-188.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

JOHNSON, S. **Cultura da Interface**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

---------- **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

LEITÃO, C. F. Os **impactos subjetivos da Internet**: reflexões teóricas e clínicas. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LEMOS, A. A arte da vida. Diários pessoais e *webcams* na Internet. In: **Cultura da Rede.** Revista de Comunicação e Linguagem, Lisboa, 2002.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

---------- **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

MARCONDES, D. **Filosofia Linguagem e** Comunicação. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M., Primeiros contornos de uma nova "configuração psíquica". In: **Cadernos CEDES – Antropologia e Educação – Interfaces do Ensino e da Pesquisa**. Unicamp, Campinas, v.25, n. 65, 2005, p.71-85.

---------- Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v.18, n. 2, 2002, p. 193-202.

---------- Quem disse que é proibido ter prazer online? Identificando o positivo no quadro de mudanças atual. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 22, n. 2, 2002, p. 12-21.

---------- **Na malha da rede**: os impactos íntimos da Internet. Rio de Janeiro: Campos, 1998.

---------- A análise do discurso em questão. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.10, n. 2,1994, p.317-331.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

---------- Questões metodológicas sobre a análise do discurso. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 4, n.1,1989, p. 103-108.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; LEITÃO, C. F.; ROMÃO-DIAS, D. Gerando conhecimento sobre os homens, mulheres e crianças que usam computadores: algumas contribuições da psicologia clínica. In: SYMPOSIUM ON HUMAN FACTORS IN COMPUTERS SYSTEMS, 4, 2001, Florianópolis. **Anais...** SBC, 2001, p.120 – 131.

OLIVEIRA, R. M. C. De onda em onda: a evolução dos ciberdiários e a simplificação das interfaces. In: **Biblioteca on-line de ciências da comunicação.** 2003. Disponível em: < http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-De-onda-onda.pdf>. Acesso em out. 2004.

OLIVEIRA, R. M. C. Diários íntimos na Era Digital. Diários públicos, mundos privados. In: **Ciberpesquisa**. 2002. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/>. Acesso em out. 2004.

PRANGE, A. P. L. **Da literatura aos blogs**: um passeio pelo território da escrita de si. 2002. Tese (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RECUERO, R. C., *Warblogs*: Os blogs, a guerra no Iraque e o jornalismo on-line. In: **Revista Verso e Reverso: revista da comunicação**. Porto Alegre, v. 37, p. 57-76, 2003a. Disponível em <http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=1&s=9&a=8>. Acesso em julho 2004.

RECUERO, R. C. *Weblogs*, *webrings* e comunidades virtuais. In: **404notFound**. V. 1, n. 31, 2003b. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_31.htm>. Acesso em: julho 2004.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA

ROMÃO-DIAS, D. **Nossa plural realidade**: um estudo sobre a subjetividade na era da Internet. 2001. Tese (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SCHITTINE, D. **Blog:** comunicação e escrita íntima na Internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SILVA, J. A. B. Weblogs: múltiplas utilizações e um conceito. In: **XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação**. Belo Horizonte, MG, setembro 2003.

SOARES. M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: **Cadernos CEDES, Educação e Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez 2002.

TURKLE.S. **Life on the Screen**: identity in the age of the Internet. New York: Touchstone, 1995.

VILLAÇA, N. **Impresso ou eletrônico?** Um trajeto de leitura. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

YUNES, E. **Pensar a leitura**: complexidade. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2002.

ZAREMBA, R. **Escrevendo (ou seria 'teclando"?!)** O homem do século XXI. 2001. Tese (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ZAREMBA, R.; ROMÃO-DIAS,D.; NICOLACI-DA-COSTA, A . M. Simples como uma torradeira: um estudo sobre o computador no cotidiano da nova geração. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**, Conselho Federal de Psicologia, Brasília, v. 22, n. 1, p.92-99, 2002.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410562/CA